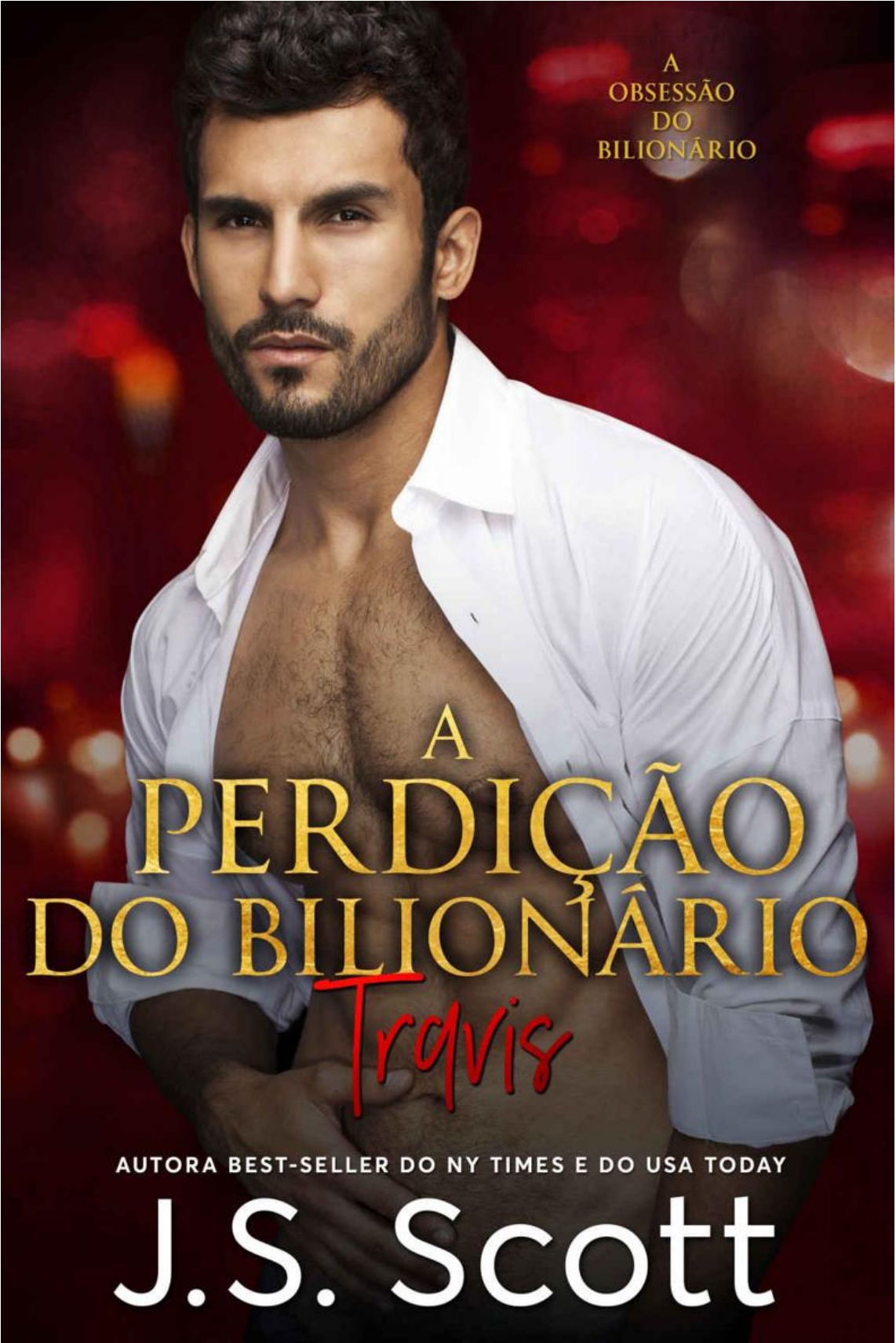


**A Perdição do
Bilionário - Travis:
A Obsessão do
Bilionário, Livro 5**

J. S. Scott



A
OBSESSÃO
DO
BILIONÁRIO

A
PERDIÇÃO
DO BILIONÁRIO
Travis

AUTORA BEST-SELLER DO NY TIMES E DO USA TODAY

J.S. Scott



A Perdição do Bilionário

A OBSESSÃO DO BILIONÁRIO

Travis

J. S. SCOTT

Autora best-seller do NY Times e do USA Today

A Perdição do Bilionário

A Obsessão do Bilionário - Travis

Copyright © 2017 de J.S. Scott

Todos os direitos reservados. Este livro não pode, parcial ou totalmente, ser reproduzido nem usado de maneira alguma sem a permissão expressa por escrito da autora, exceto para o uso de citações breves em uma crítica do livro. As histórias aqui contidas são um trabalho de ficção. Nomes e personagens são produto da imaginação da autora e qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é puramente coincidência.

Tradução – Christiane Jost

Editado por Faith Williams – The Atwater Group

Desenho da capa de Cali MacKay – Covers by Cali

ISBN: 978-1-946660-32-9 (versão impressa)

ISBN: 978-1-946660-31-2 (versão eletrônica)

Nota da Autora:

Este livro é para todos os meus leitores maravilhosos que queriam saber quem Travis realmente é por trás da máscara fria e do sarcasmo. Esta história é para vocês. Sempre houve muito mais sobre ele do que vocês pensam. Espero que ele surpreenda a todos. Obrigada pelo apoio e pelo entusiasmo. Vocês nunca saberão o quanto isso significa para mim.



Índice



[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Epílogo](#)

[Biografia](#)



Prólogo



M erda! Estou atrasada. Estou atrasada.

Alison Caldwell quase tropeçou com os saltos altos ao subir correndo os degraus da casa recém-comprada, desesperada para chegar ao segundo emprego no horário. Na noite anterior, ela e o noivo, Rick, passaram a

primeira noite na nova casa comemorando e Alison se esquecera de levar as roupas para o outro emprego consigo quando saíra pela manhã.

Por sorte, ela estava quase acabando aquela vida maluca. Finalmente, a vida entraria nos eixos, pois Rick acabara de se formar em odontologia e começaria no primeiro emprego em breve.

— Posso aguentar isto por mais um tempinho — sussurrou ela para si mesma, colocando a chave na porta da casa de dois andares. Ela mesma financiara a casa porque Rick não tinha muito crédito. E, apesar de tê-lo ajudado na faculdade nos cinco anos anteriores, ele ainda tinha empréstimos estudantis a pagar.

Os saltos escorregaram novamente quando ela entrou no saguão e as pedras lisas fizeram com que deslizesse. *Malditos saltos!* Se ela não tivesse que usar os malditos saltos para se sentir mais alta perto do chefe milionário do inferno, os pés não doeriam tanto.

Ally tirou os sapatos dos pés no saguão e subiu rapidamente os degraus acarpetados, desabotoando a blusa conversadora e a saia enquanto corria para economizar tempo.

Sua vida fora assim nos anos anteriores, desde que conseguira um segundo emprego para ajudar Rick na faculdade. Mas compensaria. Ela sabia que compensaria. Seu plano de vida era exatamente como deveria. A cerimônia de casamento íntima dela e de Rick aconteceria pouco mais de um mês depois. Eles raramente se viam por causa dos horários dela, mas

Ally sabia que o sacrifício compensaria. Eles precisavam de mais dinheiro e ela o conseguira, apesar de estar quase morrendo com dois empregos. Em breve, ela teria a oportunidade de voltar à faculdade para terminar o curso.

Aquele era o plano, o acordo que tinham feito quando ficou claro que ela e Rick não conseguiriam fazer faculdade ao mesmo tempo. Fazia sentido que ela adiasse o seu curso. Rick ganharia mais do que ela ao sair da faculdade e o emprego na Corporação Harrison pagava bem para uma mulher que não terminara o curso. Infelizmente, manter a posição tinha um preço: ela precisava trabalhar para Travis Harrison.

Soltando a presilha dos cabelos ao percorrer o corredor até o quarto principal, Ally tentou tirar Travis da mente. Eles tinham discutido durante o dia e ele a demitira... mais uma vez. Não que ela ainda levasse aquela ameaça a sério. Travis Harrison a demitia diariamente e, em seguida, entregava uma pilha de trabalho para que ela concluísse até o dia seguinte.

Mas aquela parte do dia terminara e ela precisava ir para o Sully's Oasis, seu emprego noturno. Já estava atrasada. E Travis era absurdamente irritante todos os dias. Não era nada novo nem algo que mudaria em um futuro próximo.

Quando Ally se aproximou da porta do quarto, ouviu vozes, uma masculina, que reconheceu muito bem, e uma feminina desconhecida. Ela ouviu um gemido apaixonado de Rick, um som que nunca ouvira, e um gemido feminino em resposta. A porta não estava completamente fechada e ela a empurrou com o pé.

No meio da cama nova enorme em que ela e Rick tinham dormido pela primeira vez na noite anterior, estava o noivo. A cabeça dele estava jogada para trás em um abandono apaixonado, com uma expressão de êxtase no rosto que ela nunca vira. A mulher, que estava nua e de quatro em frente a ele, gemeu novamente. O casal não percebeu a presença dela. Obviamente, Rick não imaginara que ela voltaria para casa antes de ir para o segundo emprego. Normalmente, ela não voltava e ia diretamente da Harrison para o Sully's.

Ally observou em fascinação mórbida enquanto o homem com quem estivera envolvida e em quem confiara nos cinco anos anteriores matava sua devoção com cada movimento dos quadris, cada encontro da virilha contra as nádegas nuas da mulher. E, à medida que o amor que sentia por ele desaparecia, ela percebia que, mesmo depois de cinco anos, aquele Rick era um estranho completo.

Quem era aquele homem e o que acontecera com o noivo reservado e solene que fazia amor com ela esporadicamente, pois estava sempre cansado demais? Ela não ganhara muito mais do que um beijo no rosto nos dois anos anteriores. E, mesmo quando eles faziam sexo, não era aquele tipo de frenesi furioso que parecia transformá-lo em um homem totalmente desconhecido.

Ela sempre arrumara desculpas para os motivos pelos quais o relacionamento deles não era tão incrível. Era apenas porque os dois trabalhavam muito e as coisas mudariam quando passassem por aquela fase difícil.

Eu nunca o conheci de verdade.

Ally entrou no quarto, afastando o olhar da visão da cama e cruzando o aposento para pegar as calças *jeans*, a camiseta e os tênis que usava para o trabalho no Sully's.

— Ally — exclamou Rick, finalmente notando que ela estava no quarto.

Ally ergueu a mão. — Não ligue para mim. Só preciso das minhas roupas para trabalhar para sustentar você enquanto fode outra mulher. Continue.

Ouvi dizer que o coito interrompido é algo extremamente desconfortável.

— Era algo com que estava familiarizada. Quantas vezes Rick parara, deixando-a insatisfeita quando faziam sexo? Mais vezes do que podia contar, mas ela sempre arrumara desculpas para o comportamento dele antes. Depois do que acabara de ver, ela sabia que fora muito idiota. Não era que ele não queria fazer sexo. Só não quisera fazer sexo com ela.

Ally não olhou novamente na direção de Rick. Não queria vê-lo nem à mulher bonita e esguia com quem ele trepava. Com as roupas na mão, Ally saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. Tirando o traje conservador que usara durante o dia o mais depressa que conseguiu, ela vestiu as roupas que carregava, juntou as que estavam sujas e largou-as no banheiro a caminho da escada, com os tênis na mão.

— Ally, espere.

Ignorando Rick, que saíra correndo do quarto, ela rapidamente vestiu os sapatos confortáveis ao chegar ao saguão.

— Você não pode simplesmente sair assim. Eu posso explicar — gritou Rick desesperadamente do andar de cima.

Como se houvesse alguma explicação razoável para o que ela acabara de testemunhar. Erguendo a voz o suficiente para que ele escutasse, ela

respondeu: — Saia. Não quero ver você aqui quando voltar do trabalho. Se ainda estiver aqui, chamarei a polícia.

— Estivemos juntos por cinco anos. Isso deve contar para alguma coisa

— implorou Rick.

Sim, contava para muitas coisas, mas nenhuma delas agradável. Ally trabalhara muito todos os dias e perdera a chance de terminar o curso da universidade por causa daqueles cinco anos que perdera para garantir que Rick tivesse uma carreira. Ela fizera um plano, prendera-se a tudo que jurara fazer para que tivesse uma vida perfeita com Rick. Sempre dissera a si mesma que, se conseguisse aguentar firme enquanto ele estivesse na universidade, teria a própria chance. E, agora, aquele plano cuidadosamente preparado fora apagado, como se nunca tivesse existido, deixando-a no vazio. Apenas anos de vazio.

Ally não respondeu nem olhou para cima, para o homem a quem dera cinco longos anos de sua vida. Ele não merecia.

Preciso continuar em frente. Vou sobreviver.

Saindo da casa, ela fechou a porta atrás de si. Quando entrou no carro e acelerou, a caminho do Sully's, viu Rick sair correndo pela porta da frente, com apenas uma calça vestida às pressas, e xingando porque ela já partira.

Ally chegou ao Sully's com um atraso de dez minutos, mas fez seu trabalho. Ninguém sequer suspeitou de que seu mundo acabara de desabar à sua volta e que seus planos para o futuro tinham desaparecido.

Quando voltou para casa, exausta, Rick se fora. Ela arrastou o corpo cansado para um dos quartos extras, sentindo-se completamente drenada.

Ally sabia que, se parasse nem que fosse por um momento para pensar no que acontecera, perderia o controle completamente, algo que não poderia deixar acontecer.

Esvaziando a mente, deixando de lado todos os pensamentos sobre o passado, ela deixou que o corpo exausto sucumbisse.



Capítulo 1



Um mês depois

Ally Caldwell nunca precisava realmente ver o chefe, Travis Harrison, para saber quando ele ia para o escritório. Ele era como uma força da natureza da qual todos se escondiam. O andar superior inteiro do prédio luxuoso da Harrison passava do burburinho de atividade intensa a um silêncio absoluto sempre que Travis, o Tirano, saía do elevador. Todos os funcionários congelavam, como cervos diante de um farol, até que ele passasse, respirando aliviados quando ia embora sem perceber a presença deles. Ninguém queria ser notado por Travis Harrison, pois isso normalmente significava problemas.

Ally suspirou em desalento. Na maioria dos dias, ela gostava das batalhas verbais com um dos homens mais teimosos do planeta. Mas aquele dia não era um deles. Desde que o seu mundo desabara um mês antes, ela não tinha mais a energia nem o desejo de batalhar com Travis, mas fazia isso mesmo assim só porque ele era um idiota.

Empurrando os óculos sobre o nariz e virando-se para o computador, ela murmurou para si mesma:

— Cinco...

— Quatro...

— Três...

— Dois...

— Um...

— Café, Alison — exigiu pontualmente a voz estrondosa de Travis quando ele passou pelas portas automáticas do escritório privado espaçoso,

atravessando a área de recepção com passos determinados sem nem olhar para ela.

Ally revirou os olhos. Ela trabalhava para Travis havia quatro anos e, nos três últimos anos, não buscara café para ele. Mas ele nunca desistira de tentar. — Eu adoraria um pouco, sr. Harrison — respondeu ela, sem erguer o olhar da tela do computador. — Somente creme, por favor — lembrou ela polidamente, como fazia todos os dias. Em alguns dias, ele a xingava.

Em outros, buscava o próprio café com expressão rabugenta, mas sem dizer uma palavra. Ally ficou imaginando o que aconteceria naquele dia.

Travis hesitou na porta do escritório, virando-se para olhá-la friamente.

— Quatro malditos anos e ainda não consigo uma xícara de café no meu escritório? — reclamou ele em tom obstinado.

Ally girou a cadeira e dobrou as mãos sobre a mesa. — É claro que consegue — respondeu ela. — Fiz um bule mais cedo. — Ela acenou na direção da cozinha pequena atrás de si. — E só parei de levar café para você como um cachorro obediente há três anos.

Talvez, se tivesse me agradecido pelo menos uma vez, eu ainda fizesse isso. Idiota.

Travis endireitou a gravata já perfeita ao atravessar o aposento, entrando na cozinha sem dizer nada. Ally fez uma careta ao ouvir o barulho de vidro batendo contra vidro quando Travis serviu o café. Talvez ela não devesse ter parado de servir café a ele anos antes. A falta de habilidade dele na cozinha custara à Harrison muito dinheiro para repor louças. Mas ela se recusara a atender às ordens dele como escrava pessoal, pois era exatamente como a tratava. Ela trabalhava muito para atender Travis como secretária e

assistente, esperando que pudesse usar a experiência na Harrison ao voltar para terminar a faculdade, mas colocou um limite nas exigências dele. Ally aprendera, muito tempo antes, que, se cedesse apenas um pouco, Travis a levaria aos limites e continuaria tratando-a como escrava. E ela tinha muitas outras responsabilidades agora na Harrison e tarefas mais importantes do que buscar o maldito café para ele. Portanto, ela parara de buscá-lo, a não ser que fosse algo relacionado a negócios, e não uma necessidade pessoal, em vez de enlouquecer tentando agradá-lo. Não havia como agradar Travis Harrison e as palavras “por favor” e “obrigado” simplesmente não existiam no vocabulário dele, mesmo ao lidar com colegas. Só o fato de ainda ter o emprego mostrava o valor dela na Corporação Harrison e ela imaginava que seria a única validação que jamais receberia. Ela podia não ter se inscrito

em um programa de MBA, mas aprendera o suficiente para saber exatamente como se tornar praticamente indispensável a Travis, o que acontecera em um ano. E, no momento em que percebera como era valiosa como funcionária, parara de aceitar tudo que vinha dele.

Travis saiu da cozinha, colocando com força uma caneca sobre a mesa dela ao passar. — Você pode colocar seu maldito creme sozinha — disse ele abruptamente, andando em direção ao escritório com uma xícara na mão ao acrescentar: — Precisarei...

— Sua agenda do dia está no seu computador, juntamente com as informações que pediu ontem — terminou ela.

— E eu tenho uma reunião...

— Com Jason Sutherland, eu sei. Já está na sua agenda. Ele me telefonou. — *Ele sim é um bilionário educado.* Ally sorriu ao pegar a caneca de café e os dois pacotinhos de creme que Travis deixara sobre sua mesa. Ele até mesmo deixara uma colher. Obviamente estava sendo simpático naquele dia... por enquanto. Ultimamente, ele fazia aquilo com frequência cada vez maior. Não que estivesse sendo exatamente agradável.

Mas, naquele dia, estava claramente de bom humor, o que significava que seria só difícil de aguentá-lo. Sem dúvida, ele mostraria o lado “escroto” em algum momento. Sempre mostrava.

— Sutherland telefonou para você? — perguntou Travis irritado.

— Hoje pela manhã, antes de você chegar. — Ally olhou diretamente para Travis, algo difícil de fazer quando os dois estavam de pé. Ele era tão alto que ela normalmente olhava para o peito e os ombros enormes. Ally sempre usava os maiores saltos que conseguia aguentar para ficar um pouco mais alta. Qualquer vantagem que conseguisse ao lidar com ele era mais uma arma em seu arsenal.

A aparência dele era impecável e imaculada, como sempre. O irmão gêmeo de Travis, Kade, gostava de implicar com ele por causa dos ternos escuros e entediados, mas ninguém conseguia vestir um terno sofisticado como Travis Harrison. Claro, a roupa imaculada que vestia era sempre sombria, como ele. Mas o terno cinza escuro que ele usava naquele dia era perfeito, acentuando os ombros largos e cobrindo o que Ally sabia, de vê-lo em roupas mais casuais ou sem o casaco, ser um físico em excelente forma.

Ele não tinha um único fio de cabelo fora do lugar e os olhos escuros, cor de chocolate, eram penetrantes demais para que ela se sentisse confortável.

— O sr. Sutherland achou que seria bom que eu soubesse da reunião de vocês dois, pois monto a sua agenda do dia. Achei muito educado da parte dele entrar em contato comigo — respondeu Ally em tom doce. A verdadeira finalidade do comentário era destacar como Travis *não* era educado.

Ally sabia da existência de Jason Sutherland, mas nunca encontrara o bilionário pessoalmente. Ele fora muito gentil no telefone e dissera a ela que falara diretamente com Travis porque estava interessado em doar e cuidar dos investimentos da nova ação de caridade que Travis iniciava para mulheres vítimas de abuso doméstico. O amigo de Travis, Simon Hudson, falara sobre a organização de caridade ao amigo da faculdade, Grady, um filantropo muito conhecido da família Sinclair. Grady aceitara participar e mencionara o assunto ao amigo de infância, Jason, que, por algum motivo, se interessara pelo projeto e também queria participar da nova fundação.

— Leve-o ao meu escritório assim que ele chegar. — Travis se virou e entrou no escritório, fechando a porta atrás de si.

— Sim, senhor — resmungou ela irritada para a porta fechada, fazendo a melhor saudação militar fingida na direção dele. Ela sabia muito bem que o gesto deixava o chefe muito aborrecido. Era uma sensação boa fazer algo que o irritava, mesmo que ele não estivesse lá para ver.

Ally sacudiu os dois pacotinhos de creme, abriu-os e derramou-os na xícara de café com um olhar distante, perdida nos próprios pensamentos ao mexer o líquido quente.

Não era que ela não gostava de Travis. Bem... não exatamente. Gostar era uma palavra muito tépida para Travis Harrison. Ele inspirava emoções fortes nos funcionários, do terror à admiração. Não sendo uma pessoa agradável, Travis mantinha uma distância deliberada de todos, portanto, Ally fazia o possível para tirá-lo daquela casca, o que o deixava extremamente irritado. Algumas vezes, ela preferia a raiva dele, em vez da indiferença gelada. Travis era sério demais, sombrio demais e completamente sem humor. Talvez ela não devesse perturbá-lo com tanta frequência, mas era difícil não querer ver o homem que existia por baixo do exterior endurecido. Até o momento, só o que ela conseguira fora a fúria dele nos três anos anteriores. Ela passara o primeiro ano como funcionária dele sentindo-se apenas grata por ter o emprego, querendo agradá-lo para que pudesse manter o salário fantástico que recebia e, talvez, usar a experiência futuramente em um programa de MBA. Em menos de um ano,

ela percebera que ele nunca a demitiria, pois precisava demais dela, apesar de não admitir. Depois daquilo, ela tomara como missão descontrolar Travis Harrison, qualquer coisa que afastasse aquele olhar assombrado que percebera no rosto dele algumas vezes, apesar de nem mesmo ele notá-lo.

Travis odiaria saber que, se alguém olhasse atentamente, veria que ele tem vulnerabilidades.

— Quatro anos e ainda não consegui entender o homem totalmente —

resmungou ela para si mesma, soprando o café antes de tomar um gole da bebida quente. Ele era sombrio e impassível, a não ser que estivesse furioso.

Pessoalmente, ela preferia a ira de Travis à inquietude infeliz que sentia nele. Talvez a maioria das pessoas achasse que Travis Harrison era uma pessoa que tinha tudo, mas Ally não pensava assim. E nunca desistira de ver quem era o homem sob o exterior grosseiro.

Certamente, ele tinha qualidades admiráveis. Ele prestava tanta atenção às obras de caridade quanto aos negócios, escolhendo cuidadosamente as organizações para as quais dava fortunas. Mas Travis Harrison não fazia nada sem dedicação completa. Quando decidia sobre as causas que valiam a pena, trabalhava tanto para que aquelas organizações de caridade fossem bem-sucedidas quanto para os negócios. Ally admirava isso em Travis.

Infelizmente, com frequência demais, ele também era um idiota completo.

Como um homem podia ser tão completamente sombrio quanto seu chefe, mas, ainda assim, ajudar tanto outras pessoas? Ela se fizera aquela pergunta durante anos, mas não descobrira ainda a resposta.

— Srta. Caldwell! — gritou Travis do escritório, sem se preocupar em usar o interfone. Não que precisasse.

Ally se levantou resignada. Ela esperara o grito familiar dele, já sabendo o que Travis queria. Alisando a saia apertada sobre os quadris curvos para que a bainha ficasse novamente abaixo dos joelhos, ela se reprimiu novamente pela dieta ruim e pela falta de exercícios. A agenda maluca se mostrava na aparência e, para começo de conversa, ela nunca fora muito bonita. A saia fora do tamanho certo alguns anos antes, quando ela já não era muito magra. Agora, todas as peças de roupa que tinha estavam apertadas demais e ela não tinha dinheiro para renovar o guarda-roupa.

— Dieta — murmurou ela de forma automática, prendendo atrás da orelha alguns cachos de cabelo que tinham escapado da trança loira que descia pelas costas. Ela colocou os óculos de leitura cuidadosamente sobre a mesa, sabendo que não precisaria deles para aquele confronto com Travis.

Ela abriu a porta e entrou. Em seguida, encostou-se contra a porta para fechá-la. — Precisa de alguma coisa, sr. Harrison? — perguntou ela com doçura excessiva.

— O que diabos é isto? — Ele sacudiu uma folha de papel, encarando-a furioso.

— É um lembrete sobre as minhas férias. Fiz o pedido há quase um ano

— respondeu ela calmamente, aproximando-se da mesa.

— A resposta é não — respondeu Travis com a voz irritante de um ditador, rasgando o lembrete e jogando-o na lata de lixo.

— Não foi uma solicitação. Eu pedi minhas férias há um ano. Só estava lembrando a você que precisará de um substituto durante duas semanas.

— Impossível — descartou ele. — Irei para o Colorado em um daqueles fins de semana e precisarei de você lá.

Ally rangeu os dentes. — Escolhi essas duas semanas por causa do meu casamento. Você sabia disso há um ano. — Ela se inclinou sobre a mesa, colocando a palma das mãos na beirada e encarando-o furiosa. — Não tirei um único dia de folga durante os quatro anos em que trabalho aqui. Vendi todas as férias por causa do dinheiro. Desta vez, preciso tirar alguns dias. E vou tirá-los.

Travis cruzou os braços teimosamente. — Fazer café pode não estar na descrição de seu trabalho, srta. Caldwell, mas viajar comigo quando preciso certamente é uma condição para o seu emprego. E não precisei deste tipo de assistência nos quatro anos em que trabalha para mim.

Travis tinha razão. Ele nunca lhe pedira que viajasse, o que era parte do seu trabalho caso houvesse a necessidade. Ele fazia tudo sozinho. Então, por que precisava dela agora? — É importante — murmurou ela.

Ally sabia que precisava de alguns dias de folga para recuperar a sanidade. Ela precisava arrancar a casca das feridas e lidar com os destroços que Rick deixara para trás. Os extratos dos cartões de crédito dela tinham chegado no dia anterior e ela percebeu que não se lembrara de cancelar os privilégios de usuário de Rick. O idiota usara os cartões imediatamente depois que ela fechara a venda da casa e pegara-o traindo-a, provavelmente para comprar

presentes caros para a nova namorada. Nem mesmo nas ideias mais loucas, ela teria imaginado que Rick faria isso. É claro, ela também nunca achara que o encontraria trepando com outra mulher na casa deles. E

a casa precisava ser vendida. Não só ela não precisava se lembrar do noivado fracassado e dos cinco anos que perdera, como não conseguiria

pagar a hipoteca cara sem a ajuda dele. Não com as outras dívidas que ele fizera no nome dela. E Ally não queria se matar, trabalhando em dois empregos, só para sustentar uma casa que não desejava mais. Não era assim que sua vida deveria ser. Ela deveria ter um noivo, com quem se casaria em breve, que finalmente estava trabalhando em sua profissão, contribuindo para a vida deles juntos. Em vez disso, ela precisava lidar com aquela confusão, com o sonho destruído de finalmente ter uma vida normal.

Não pense nisso agora. Você resolverá tudo quando tiver um minuto para respirar. Concentre-se no trabalho.

Travis fez um som desagradável. — Você vai se casar com um idiota. É melhor se não se casar. Estará divorciada em menos de um ano.

Ally rangeu os dentes furiosa. Quantas vezes Travis dissera aquilo? E, minha nossa, ela ficava muito mais irritada por ele realmente ter razão. —

Não vou me casar — respondeu ela com voz incerta.

Travis afastou o olhar abruptamente do computador, encarando-a de forma intensa. — Desde quando?

— Cerca de um mês atrás, quando encontrei meu suposto futuro marido transando com uma garota jovem, maior de idade por pouco, atraente, de peitos grandes, em nossa cama novinha — respondeu ela, erguendo a voz e sem censurar as palavras. Travis a deixava louca, mas, pela primeira vez em quatro anos, ela se viu perdendo totalmente o controle. — Portanto, peço que me desculpe se preciso das malditas férias, que mereço de sua empresa, para lidar com isto. Não tenho um segundo para respirar entre o emprego aqui e o no Sully's. Tenho coisas pessoais que preciso resolver. Tenho uma casa que

agora preciso vender e preciso dar um jeito no buraco dos meus cartões de crédito e em outras dívidas que não foram criadas por mim. —

Ally respirou fundo, sentindo, pela primeira vez, o pânico invadindo-a. —

Preciso de um pouco de tempo para resolver tudo. — O que faria dali em diante? A vida inteira dela tinha girado em torno dos planos que tinha e da faculdade de Rick.

— Você não me contou — respondeu Travis calmamente.

Ally jogou as mãos para o alto, tentando se conter para não colocá-las em volta do pescoço de Travis. Como se ele fosse aberto a conversas daquele tipo. Passava a maior parte do tempo latindo ordens para ela. — Não sabia que precisava dividir minha vida pessoal com meu chefe idiota e egocêntrico. Guardo meus problemas para mim mesma porque sei que é assim que você gosta. Você me paga para trabalhar e eu faço o meu

trabalho. Agora, quero tirar minhas férias merecidas. — Ela realmente acabara de chamar Travis de idiota? Eles brigavam constantemente e com certeza ela quisera dizer aquelas palavras a ele um milhão de vezes no passado, mas nunca fora tão direta e antiprofissional. Estava decididamente perdendo o controle. — Por favor. Só me deixe tirar minhas férias. Voltarei uma pessoa melhor.

— Ele magoou você — disse Travis em tom neutro.

Ally se jogou na cadeira em frente à mesa de Travis, sentindo-se esgotada. — Minha vida inteira girou em volta da carreira dele durante anos. Larguei a faculdade e desisti de tentar o MBA para que ele pudesse terminar a dele primeiro. Fazia sentido na época. Pelo menos, achei que fazia. Sacrifiquei tudo o que queria, mas eu tinha um plano para que tudo desse certo. Eu trabalharia bastante, ajudaria Rick a terminar a faculdade e, depois, seria a minha vez. Exceto que, agora que chegou a minha vez, não é mais — respondeu ela baixinho, pois a raiva se fora.

— Eu não sabia que você tinha outro emprego. O que você faz? —

Travis se recostou na poltrona, mas não afastou o olhar dela. Os olhos escuros a observavam atentamente.

— Sou *bartender*. Trabalho no Sully's Oasis praticamente todas as noites. Comecei como garçoneiro e o dono me ensinou a fazer drinks.

Depois de algum tempo, fiquei boa nisso. Paga mais.

Travis ergueu a sobrancelha. — Mais do que eu pago a você?

— Não. Mais do que uma garçoneiro. Tive que trabalhar para subir. — Ela levava dois anos, mas conseguira um aumento no Sully's. — As gorjetas são boas. Você me paga um salário muito bom. Nunca conseguiria ganhar tanto como *bartender*. Mas o emprego extra me ajuda a pagar as contas. Preciso vender a casa, pagar a dívida que meu noivo idiota fez e livrar-me do emprego extra para que possa voltar à faculdade em meio expediente.

— Você parece cansada, Alison — observou Travis, com o olhar passeando sobre seu rosto.

— Estou exausta há anos. Já estou acostumada. — Ally riu, tentando deixar o clima mais leve. Não era o tipo de conversa que normalmente tinha com Travis e ela se sentia estranha. Ficava muito mais confortável quando estava brigando com ele.

— Espero que ela seja uma boa substituta temporária — disse Travis finalmente depois de um momento de silêncio. — Ainda precisarei de você no Colorado, mas pode tirar suas férias antes da viagem. Adiante-as uma

semana para que volte antes da minha partida. Suponho que, como não vai mais se casar, não importa quando sairá.

Ally olhou para Travis surpresa. — Ele é um bom substituto, sim, e isso significa que eu teria que sair de férias na semana que vem.

— Então vá. — Travis deu de ombros.

— O que faremos no Colorado? — perguntou ela curiosa.

Travis fez uma careta. — Arrecadação de fundos. Preciso de uma companhia.

Ally o encarou. — Não vou como sua companheira a um evento de arrecadação de fundos. Isso é algo pessoal. Achei que tinha negócios lá.

— Tenho. E, tecnicamente, você não será minha companheira. Preciso participar desse evento e não quero ir sozinho — resmungou Travis. — Não é tão difícil. Você vai, conversa com as pessoas e tenta não chamá-las de idiotas egocêntricas. Depois, você come e bebe o que eles oferecerem. Tate Colter é um associado e um amigo meu há anos. Concordou em fazer esse baile de caridade somente se eu fosse ao Colorado, pois faz algum tempo que não o visito. Ele quer que eu esteja lá. Ir sozinho seria... — Travis tossiu antes de terminar — estranho.

— Por quê? — Ally cruzou os braços em frente ao corpo. Não havia nada de estranho em ir sozinho a um evento de arrecadação de fundos. Devia haver alguma coisa que Travis não lhe dissera. — Você vai a esse tipo de evento o tempo todo. Não precisa de mim.

— Esse é... diferente — respondeu Travis hesitantemente. — Só preciso que vá comigo, Alison. Tecnicamente, é um evento de negócios. Sua presença é necessária. O substituto poderá cuidar de tudo com Kade enquanto estivermos fora.

Ally observou Travis curiosa, imaginando o que ele não dissera. — Não tenho o traje necessário para esse tipo de evento. Nunca precisei de nada além de trajes de trabalho.

— Eu providenciarei. Você pode voltar ao trabalho. — Ele acenou com a mão como se ela fosse uma mosca irritante.

Ally odiava quando Travis fazia aquilo. Ela se sentia como uma colegial chata. — E por quanto tempo ficaremos fora?

— Sairemos na sexta, voltaremos na segunda. O baile mesmo é no sábado à noite — respondeu Travis com expressão ausente, como se já tivesse deixado o assunto de lado.

Ally se levantou, alisando rugas imaginárias da saia justa sobre os quadris. — Dieta — lembrou ela a si mesma, virando-se para sair do escritório. Ela queria discutir com Travis, mas não podia. Ele nunca lhe pedira que viajasse e era parte de seu trabalho como assistente dele. O fato de Travis ser um solitário e preferir ser assim fora um dos motivos pelos quais ela conseguira ter um segundo emprego. Ele normalmente estava sozinho e não sentia a necessidade de ter companhia. E nunca lhe pedira nada fora do horário de trabalho. Ela faria aquilo simplesmente porque ele não exigira nada, como poderia ter feito. De alguma forma, apesar de ele não ter demonstrado, parecia ser algo importante. Além do mais, ele nunca lhe pedira que viajasse em sua companhia para participar de algum evento.

— Totalmente desnecessário, Alison — disse Travis em voz baixa e rouca. Tão baixa, na verdade, que Ally quase não escutou.

Ela se virou novamente para ele. — O que é desnecessário?

— Você não precisa de dieta — retrucou Travis.

Ally revirou os olhos. — Ah, claro. Meu corpo maravilhoso certamente não impediu que meu noivo transasse com outra mulher na nossa cama —

respondeu ela, surpreendendo-se novamente com as palavras que saíram de sua boca. Ela discutia com Travis com bastante frequência, mas nunca de forma tão pessoal.

Travis se levantou lentamente, sem afastar por um segundo o olhar ardente do rosto dela ao atravessar a sala devagar, parando bem à frente dela. Ally recuou um passo, ficando presa entre o corpo enorme de Travis e a porta quando ele avançou novamente. O perfume masculino encheu o ar à volta dela e Ally quase suspirou ao inalar o aroma inebriante. Ela não chegava tão perto dele com frequência, mas, sempre que isso acontecia, sentia os joelhos fracos com o perfume masculino e viril que emanava do corpo de Travis como feromônios, incitando-a a se aproximar o suficiente para se perder nele. Travis era um idiota teimoso na maior parte do tempo, mas uma coisa que Ally não podia negar era que ele era um homem deslumbrante, potente e cheio de testosterona.

Travis colocou uma mão em cada lado da cabeça de Ally, abaixando-se até que ela estremeceu ao sentir o hálito quente acariciar sua orelha.

— O seu *ex-noivo* era um idiota. Você, Alison, tem o tipo de corpo feminino e macio que qualquer homem deseja sob si ao enterrar o pênis no corpo de uma mulher. Tudo em você é absolutamente perfeito. — A voz dele era rouca, quente e hipnotizante. — Se ele tivesse sido inteligente, teria

feito você gozar. Ele teria lhe dado exatamente o que você queria para que ficasse tão presa que nunca teria ido embora. E ele nunca desejaria outra mulher enquanto tivesse você na cama dele.

Ally quase gemeu contra o ombro de Travis, com a voz sedutora no ouvido deixando-a excitada. — Ele não fez isso — admitiu ela, encostando a cabeça novamente na porta. Rick nunca se importara se ela estava ou não satisfeita.

Travis endireitou o corpo, olhando para baixo para encará-la e com o rosto transformando-se em uma máscara de indiferença. — Então ele não merecia você. Na verdade, ele nunca mereceu. — Ele deu um passo para trás, dando espaço para que a porta fosse aberta.

Ally abriu a porta desajeitadamente. O que diabos acabara de acontecer com ela? Ally saiu correndo, sem olhar para trás ao fechar a porta do escritório, com as mãos trêmulas e os mamilos rígidos e sensíveis em resposta ao puro erotismo na voz baixa e sedutora de Travis sussurrando aquelas coisas em seu ouvido.

Ela se sentou à mesa, sentindo-se confusa, imaginando se a própria imaginação fértil acabara de inventar aquele momento particular. Travis Harrison nunca olhara para ela com outro sentimento que não fosse irritação. E certamente nunca dissera nada que a deixasse excitada e perturbada em poucos segundos.

Bebendo o restante do café já morno, ela colocou os óculos sobre o nariz e virou-se para o computador, xingando-se mentalmente para parar de pensar em Travis. Afinal de contas, ele nem a tocara. Não era nada com que devesse se importar. Ele fizera um elogio muito estranho, sim, mas isso não mudava

nada. Travis só estava... diferente naquele dia, com um humor muito esquisito.

Balançando a cabeça, ela voltou ao trabalho.



Capítulo 2



Jason Sutherland estava com humor excelente ao entrar no escritório de Travis Harrison e sorriu ao ver uma loira bonita sentada atrás de uma mesa logo depois da porta. Certamente era Ally, a assistente de Travis, com quem falara mais cedo naquela manhã. A aparência dela era tão atraente quanto a voz. Não que ele a notaria de alguma forma romântica. Mas ela parecia ser tão charmosa quanto soara ao telefone.

— Sr. Sutherland? — A mulher se levantou da cadeira e abriu um sorriso amigável que o surpreendeu.

Ele estava acostumado a acolhidas artificiais de mulheres e olhares que o analisavam juntamente com sua conta bancária. Hope Sinclair, a irmã mais nova de Grady, era a única mulher que realmente o tratara como uma pessoa, em vez de um bilionário disponível. Na verdade, Hope sempre o tratara de forma indiferente demais, muito mais como um irmão mais velho, até o incidente que acontecera no Natal quando ele a encontrara em Amesport. — Ally. — Ele sorriu de volta, apertando a mão que ela oferecia.

— É um prazer conhecê-la pessoalmente. Pode me chamar de Jason.

Ally apertou a mão dele e assentiu ao responder. — É um prazer conhecer você também. Obrigada por telefonar esta manhã. O sr. Harrison está esperando você. Vou avisá-lo.

— Ele já está aqui — disse uma voz baixa e irritada do outro lado do escritório. — Entre, Sutherland.

Jason olhou na direção da voz, sentindo-se mal vestido com *jeans* e camisa ao ver Travis Harrison. Grady já o advertira que Travis era um filho da puta intimidador, de acordo com Simon, e agora Jason percebia o motivo. O olhar sombrio no rosto de Travis era quase homicida e Jason teve que se esforçar para manter uma expressão neutra quando o homem olhou

para Ally de forma possessiva e novamente para ele. De verdade, Jason não se importava que Travis fosse claramente escroto e não ficou nem um pouco intimidado. Ele preferia que um homem fosse claramente hostil a sorrir na sua frente e apunhalá-lo pelas costas. Ele tinha a sensação de que sempre saberia o que esperar de Travis Harrison, o que aceitaria de bom grado.

Ele deu uma piscadela para Ally ao passar pela mesa dela e entrar no escritório de Travis.

— Fique longe dela — resmungou Travis depois de fechar a porta do escritório.

— Ela é casada? — perguntou Jason em tom inocente, sentando-se na cadeira em frente à mesa de Travis.

— Não — rosnou Travis, sentando-se atrás da mesa de carvalho enorme.

— Envolvida? — pressionou ele, sorrindo ao ver a expressão de Travis.

— Não.

— Parente? — Jason sabia muito bem que ela não era parente de Travis, mas estava começando a se divertir implicando com Harrison. Ele imaginou que o sofrimento realmente gostava de companhia.

— Ora, claro que não — respondeu Travis em tom desgostoso. — Mas, se encostar nela, mato você.

Bingo. Jason sabia que cutucara uma ferida. — Ela é muito simpática e muito bonita...

— Eu já lhe disse...

— Mas não estou interessado — terminou Jason com um sorriso.

— Você é homossexual? — perguntou Travis, parecendo esperançoso.

Jason balançou a cabeça negativamente, quase odiando estragar o alívio de Travis ao achar que ele não era heterossexual. Ora, ora, Travis sentia alguma coisa por Ally. Obviamente, o homem achava que qualquer um que olhasse para ela queria fodê-la porque ele mesmo estava obcecado com a ideia. E Jason sabia exatamente como era se sentir assim. — Não. Mas meus sentimentos estão em outro lugar.

Travis pegou uma caneta e girou-a pensativamente entre os dedos, analisando Jason tão intensamente que ele quase teve vontade de se encolher. Jason enfrentara os maiores valentões, algumas vezes mais de um deles ao mesmo tempo, mas Travis estava em um nível completamente diferente. Não exatamente mais malvado. Apenas... diferente.

— Eu não sabia que você estava envolvido nem que tinha uma namorada

— admitiu Travis, largando a caneta sobre a mesa.

— Não estou. É... complicado — confessou Jason, recostando-se na cadeira e lançando um olhar desalentado a Travis.

— Ah... desejo platônico. Você quer trepar com ela, que não quer você. É

uma merda, não é? — Travis finalmente se expôs, lançando um olhar de reconhecimento a Jason.

Não era exatamente o que acontecera com Hope, mas era parecido o suficiente para que ele respondesse: — Demais — afirmou Jason, começando a sentir uma estranha afinidade com Travis. O pobre coitado tinha um caso sério de desejo reprimido pela secretária e aquela situação era obviamente desconfortável, pois Travis ficava próximo de Ally o tempo inteiro.

— Então, qual é a sua disposição para gerenciar essa fundação conosco?

— perguntou Travis, mudando de assunto, obviamente satisfeito ao perceber que Jason não perseguiria Ally.

— Meu tempo é valioso e vim da costa leste. Estou extremamente disposto. Não só a doar, mas a trabalhar nos investimentos para manter a organização de caridade solvente, desde que os planos gerais sejam razoáveis. — Jason queria se envolver, precisava fazer algo que tivesse valor. Ele tinha mais dinheiro do que conseguiria gastar durante várias vidas, mesmo se comprasse tudo que tivesse vontade. Ele admitia que estava sentindo-se inquieto. Precisava de algo mais importante em que trabalhar do que apenas aumentar a própria fortuna.

— Eles são razoáveis. Eu mesmo preparei a maior parte dos planos —

respondeu Travis em tom arrogante, empurrando uma pasta grossa sobre a mesa. — Podemos ir até o escritório de Kade e discutir tudo com ele. É um projeto importante para ele e Asha, a esposa dele.

Jason se levantou, pronto para se ocupar. Precisava muito de uma distração. — Kade Harrison. Ele foi um excelente jogador de futebol —

disse Jason, seguindo Travis até a porta do escritório.

— Ainda é — respondeu Travis, abrindo a porta e virando-se para Jason.

— Ele só não joga mais. E é um excelente homem de negócios.

Jason sorriu pelas costas de Travis ao saírem do escritório. Travis Harrison podia ser grosseiro, mas obviamente protegia ferozmente e sentia orgulho daqueles de quem gostava. Em se tratando de Jason, aquele tipo de



lealdade era melhor do que um charme falso e raro nos círculos que os dois frequentavam.

Ally sorriu para Jason quando ele passou pela sua mesa. Ele sorriu de volta, imaginando distraidamente se Ally sabia que tinha um protetor feroz e que

os sentimentos de Travis por ela, como os seus por Hope, não tinham nada de fraternais.

— Estarei no escritório de Kade — disse Travis bruscamente a Ally.

A julgar pelo tratamento não tão gentil que Travis dispensou à assistente, Jason duvidava que ela soubesse. Mas quase riu ao perceber a atitude indiferente dele, confirmando o comentário de Travis com um pequeno movimento da cabeça, mas sem parecer ter medo dele. Na verdade, ela quase o ignorou, sem nem levantar a cabeça do trabalho que fazia no computador.

Ela o desafia.

Jason sorriu ao seguir o outro homem pelo corredor até o escritório de Kade, imaginando quanto tempo levaria para que Travis cedesse.

Ela não vai se casar. Terminou com aquele idiota do noivo. Ela está disponível. Ela está disponível. Ela está disponível.

O mantra martelava o cérebro de Travis enquanto ele dirigia o Hennessey Venom GT na pista de corrida particular pela primeira vez, testando a velocidade e o manuseio do veículo novo que chegara naquele dia.

Normalmente, ele estaria ansioso para acelerar o veículo ao máximo, completamente concentrado em examinar suas capacidades, mas aquele não era um dia normal.

Hoje foi o dia em que descobri que Alison Caldwell não está mais noiva.

Pilotar em velocidades letais e pensar em Ally Caldwell não combinavam, mas ele estava de pau duro e certamente não era por causa do motor do veículo que dirigia. Era culpa dela. A ereção se devia ao fato de aquela ameaça loira de saia justa estar solteira e livre pela primeira vez desde que começara a trabalhar para ele.

Ele apertou os dedos em volta do volante ao manobrar de forma experiente em uma curva, mal reduzindo a velocidade até chegar à reta novamente. O veículo era gostoso, mas a única coisa em que ele conseguia pensar era em como seria muito mais gostoso trepar com Ally, ouvi-la

gemendo seu nome enquanto fazia com que ela gozasse repetidamente até que não conseguisse pensar em mais nada.

Durante quatro anos e trinta e dois dias, ele sonhara com aquele cenário.

Mil, quatrocentos e noventa dias de tortura, de dor nos testículos que nenhuma outra mulher conseguiria curar. Exceto ela. Ele ficara encrencado desde o dia em que ela entrara em seu escritório para uma entrevista, ligeiramente sem fôlego e nervosa. O pênis estremeceu imediatamente dentro da calça, fazendo com que ele quisesse puxá-la para o colo e deixá-la ainda mais sem fôlego até que os dois estivessem saciados. Ele nunca entendera por que diabos a contratara. Devia estar sentindo-se masoquista, pois a beleza doce e inocente dela o assombrara todos os segundos desde que a contratara. Além disso, a inteligência e a língua afiada dela o irritavam e desafiavam absurdamente. Não havia nada que quisesse mais do que domar a pequena leoa, fazê-la se dobrar diante dele até que ronronasse.

Só preciso trepar com ela para esquecê-la completamente.

Saindo novamente da curva, Travis acelerou, movendo o carro em alta velocidade depois de se acostumar com o manuseio. Ele tentou se concentrar no veículo novo. Pagara mais de um milhão de dólares pelo demônio da velocidade e deveria sentir mais entusiasmo no volante. Ele tinha carros mais caros, mas fazia algum tempo que queria adicionar aquele veículo particular à sua coleção. E estivera ansioso pela chegada dele, pois era muito rápido. Naquele dia, ele não se sentia tão empolgado como normalmente acontecia ao adquirir um dos veículos mais rápidos do mundo.

Por causa dela!

— Mas que merda! — explodiu ele frustrado. Ele sabia que não deveria pilotar daquele jeito quando não conseguia se concentrar. Travis reduziu a velocidade e finalmente levou o carro para a garagem, onde um dos mecânicos aguardava na porta.

— É rápido, hein, chefe? — perguntou o mecânico empolgado.

— Muito — respondeu Travis, deixando o motor ligado ao sair do veículo.

— Pode guardá-lo para mim, Henry? Se quiser, pode levá-lo para uma volta

antes disso. — Havia certas pessoas em que confiava para que dirigissem seus carros e Henry era um dos poucos mecânicos que deixava fazer isso.

— Obrigado, chefe — disse o homem mais velho entusiasmado. — Vai embora?

— Sim. Provavelmente voltarei amanhã à noite — respondeu Travis, andando na direção da Ferrari F12, o carro que levava para a pista. A Ferrari era rápida e confortável. Como ele normalmente não acelerava até velocidades suicidas fora da pista de corrida, conseguia apreciar a beleza da Ferrari, mas ela não precisava da aceleração que alguns dos outros carros ofereciam.

— Kade adorará este carro — comentou Henry quando Travis se afastou.

— Sim, mas não deixarei que ele o dirija — respondeu Travis em tom malicioso, lançando um sorriso maldoso a Henry. Ele sabia que Kade babaria sobre o Hennessey, mas o irmão tinha os próprios brinquedos. A garagem estava cheia de carros e motocicletas de corrida caros. Talvez, em alguns meses, Travis cedesse e deixasse Kade experimentá-lo, mas não na pista e certamente não a velocidades loucas. Kade era especialista em motocicletas, mas não era tão bom com carros. A última coisa que Travis queria era ver Kade machucado novamente. Ele quase morrera quando o irmão sofrera o acidente que acabara com a carreira de jogador profissional de futebol americano. Ele não aguentaria ver o irmão gêmeo sofrer daquele jeito de novo. Kade precisara de dois anos de reabilitação para conseguir andar novamente sem muletas. Ele merecia toda a felicidade que tinha agora com a esposa, Asha, que estava grávida do primeiro filho deles.

Apesar de Travis nem começar a conseguir entender o que era ter aquele tipo de relacionamento com uma mulher, o mesmo relacionamento amoroso que a irmã dele, Mia, tinha com o marido, Max, ficava contente por ver os irmãos felizes.

— Ele ficará bravo — advertiu Henry.

Travis acenou ao entrar na F12. — Ele terá que aceitar — respondeu em tom rabugento, fechando a porta da Ferrari e prendendo o cinto de segurança. Ele

observou enquanto Henry entrava no Hennessey e ia para a pista, indo devagar com a máquina cara ao completar a primeira volta.

Não vou fazer isso. Não vou fazer isso.

O que Travis mais queria fazer era ir até o Sully's Oasis para ver se Ally estava bem. Sim, Ally estivera bem durante anos, mas aquilo fora antes de ele saber que ela trabalhava lá como *bartender*, sem um homem decente em sua vida para cuidar dela. Agora, ele só conseguia pensar em outros homens babando sobre ela à medida que os drinques que fazia os deixavam cada vez mais bêbados. Homens bêbados eram perigosos. Ally era perigosa para homens bêbados. *Merda!* Ele desejou que o maldito pênis explodisse em

um milhão de pedacinhos para que o sofrimento acabasse. Ele colocou a mão sobre o volume da calça, imaginando se isso acabaria acontecendo.

Noite após noite, a única coisa em que ele conseguira pensar nos quatro anos anteriores fora em Ally indo para casa encontrar um outro idiota, deixar que ele a tocasse, trepasse com ela até que ela gritasse. Pelo jeito, isto não acontecera. O imbecil nem mesmo aproveitara o que tinha com Ally, enquanto que Travis teria dado o testículo direito para tê-la em sua cama. Ela nunca falara muito sobre o noivo e agora ele sabia o motivo.

Cansada demais por ter dois empregos, ela provavelmente não fazia nada além de se concentrar no trabalho. Ela trabalhava muito. Ele exigira demais dela no decorrer dos anos e ela nunca reclamara da carga de trabalho, nunca cessara de fazer os comentários ácidos que saíam daquela boca sensual.

Agora, ele se arrependia de ter sido tão duro, mas fora a forma que encontrara de criar uma certa distância entre os dois.

Ele recostou a cabeça no banco e fechou os olhos, revivendo o incidente daquela manhã, sentindo novamente o perfume que lhe enchera os pulmões quando chegara perto dela. Ele quisera congelar aquele momento, absorver o aroma leve e inebriante da pele dela até que enchesse todas as células de seu corpo. Ele a quisera desesperadamente. Talvez Ally fosse uma mulher durona, mas ele vira o brilho de vulnerabilidade em seus olhos, escondido sob os comentários sarcásticos. E ele não gostara daquilo. Como ela não

sabia que era o sonho de provavelmente todos os homens? Ele sabia com certeza que ela era seu único sonho, soubera pelos últimos quatro anos e trinta e dois dias. Aquele fora o tempo durante o qual ele se masturbara, fantasiando sobre Ally. Ele não conseguira impedir a si mesmo de chegar perto dela depois que ela baixara a guarda, de lhe dizer como estava bonita.

Ally era uma guerreira e ele odiara ver o olhar de dor nos belos olhos verdes, que não estavam escondidos atrás dos óculos de bibliotecária que ela usava todos os dias e que o deixavam meio louco. Os óculos alimentavam a fantasia dele de acabar com toda a noção de Ally de ser séria e fazê-la gozar repetidamente até que não precisasse de mais nada além dele. Tinham sido os óculos que ela usava durante a maior parte do dia que o impediram de notar as olheiras fundas e de perceber como parecia cansada? Ou talvez fosse apenas o fato de que ficava de pau duro sempre que ela estava na mesma sala que ele. E ele estivera muito na defensiva para notar. Relutantemente, ele admitiu que discutir com ela a mantinha à

distância, algo de que ele precisava desesperadamente. Mas nem mesmo isso estava mais funcionando.

Ele mal se contivera para não bater em Jason Sutherland naquele dia simplesmente porque o cara sorria para Ally. Sutherland era supostamente uma atração irresistível para as mulheres por causa da boa aparência e do dinheiro. E Travis não queria que aquele homem, nem nenhum outro homem com menos de oitenta anos, chegasse novamente perto de Ally. Ela acabara de se livrar de um idiota. Não que Sutherland fosse um idiota.

Travis acabara gostando dele, na verdade. Mas não gostava de Jason quando ele tocava em Ally e também não gostara de vê-la tocando em Sutherland. O sorriso que ela dera a Jason naquela manhã o deixara estarecido, fazendo com que se perguntasse por que nunca vira aquela expressão relaxada e contente direcionada a ele.

Talvez porque eu seja um idiota sempre que ela está por perto? Verdade, ele era um idiota na maior parte do tempo. Ok... talvez o tempo inteiro. Mas nunca havia um momento em que ele não se sentia sem controle em relação a Ally. Ele simplesmente precisara aprender a se conter porque ela estava envolvida com outro homem. Não tivera opção. Mas, se soubesse que ela

não estava feliz, pelo que passara por causa daquele imbecil, talvez não se sentisse tão hesitante em invadir o território de outro homem. Na verdade, ele teria feito isso feliz e sem remorso, se soubesse que Ally não estava sendo tratada como merecia. Ela o deixava furioso com bastante frequência, mas ele odiava a ideia de não ser tratada da forma certa por um homem que, supostamente, a amava.

Ele girou a chave na ignição, esperando que o motor ligasse. Talvez tivesse sido melhor se não soubesse da situação dela, se estivesse completamente ignorante ao fato de que aquele imbecil do ex a tinha magoado. Mas agora ele sabia e isso o estava deixando completamente maluco. Ela trabalhava demais, esforçava-se demais. Poderia acabar doente, caindo de exaustão. Ou talvez algum idiota no bar decidisse que ela estava madura o suficiente para ser colhida. Ele estava com raiva de si mesmo por não ter notado antes, ocupado demais tentando se controlar quando ela estava por perto.

Não vou fazer isso. Não vou fazer isso.

Tudo pelo que ela estava passando no momento poderia ser solucionado com facilidade. As contas poderiam ser pagas e ele poderia comprar a casa.

Travis fez uma careta. Talvez não *aquela* casa. Ele não queria que ela

morasse em uma casa em que o ex trepara com outra mulher. *Que cara imbecil!* Mas poderia comprar uma outra casa. Ora, poderia até mesmo ajudá-la a entrar em um programa de MBA, se era o que ela queria. Bastaria um simples telefonema. Por algum motivo, só o que ele queria era fazê-la sorrir, olhar para ele como olhara para Jason naquela manhã.

Não vou fazer isso. Não vou fazer isso.

Logo, ele teria que passar quatro dias na companhia constante dela na viagem ao Colorado. Se ela soubesse exatamente por que ele precisava que estivesse lá, a única reação que Travis receberia seria de desdém e descrença. Aquilo fora decidido antes mesmo que insistisse na presença dela. Ela nunca precisaria saber.

Ele se perguntou irritado por que diabos tinha concordado em dar a ela duas semanas de folga. Ele nunca passara mais do que poucos dias sem vê-la nos

quatro anos anteriores. O escritório provavelmente desmoronaria enquanto ela estivesse fora. Ora, a quem estava tentando enganar? Ele provavelmente desmoronaria. Poder vê-la, nem que fosse para trocarem insultos, fora a única coisa que o mantivera equilibrado. E ela ainda trabalharia no bar todas as noites, com homens bêbados babando à sua volta.

Não vou fazer isso. Não vou fazer isso.

Não, ele *não* faria aquilo. Travis Harrison não fazia nada para atrair a atenção para si. Fazendo uma promessa a si mesmo e ao irmão depois que os pais tinham morrido, ele lutara com garras e dentes para tirar o nome Harrison da lama, torná-lo respeitado novamente. E, na maior parte, isso acontecera. Talvez houvesse um artigo de vez em quando nos tabloides, mas nada que fosse um escândalo de verdade. Houvera fofocas quando a irmã deles voltara depois de ter desaparecido por alguns anos e algumas notícias quando Asha fora encontrada e reconhecida como meia-irmã do cunhado, Max. Mas Travis, de forma deliberada e cuidadosa, nunca dera à imprensa algo sobre o que falar na família Harrison. Não que ele não fizera nada que pudesse ser notícia depois da morte dos pais, mas garantira que a imprensa nunca descobrisse. Além disso, ele mantivera o controle e não pretendia perdê-lo agora.

Travis soltou um rosnado frustrado e pisou no acelerador com um pouco mais de força do que o necessário. Ele executou uma curva precisa, cantando os pneus ao sair do asfalto e entrar na estrada de terra que levava à rodovia.

Não vou fazer isso. Não vou. Não vou perseguir a mulher como se fosse um lunático com um pinto prestes a explodir! Eu tenho controle. Sempre tive.

— Mas que merda! — resmungou Travis, parando o veículo. Ele tirou o celular do bolso, procurou a localização do Sully's Oasis e programou o endereço do bar no sistema de navegação. Jesus Cristo! Ela precisava mesmo trabalhar naquele bairro? O bar não ficava longe da clínica Hudson, o mesmo lugar onde a esposa de Simon, Kara, fora atacada por viciados em drogas. Ally não tinha um pinga de bom senso? E que diabos havia de errado com o ex dela, que a deixara trabalhar naquela área cheia de bêbados?

Caralho! É um local público. Posso parar lá para tomar um drinque.

Travis faria aquilo, sim, e não se importava mais com as repercussões.



Capítulo 3



Estranhamente, apesar de Ally adorar o trabalho que fazia na Harrison muito mais do que misturar bebidas, ela se sentia mais confortável no Sully's. Às vezes, era um trabalho extremamente entediante, mas era um lugar em que podia ser ela mesma, sem precisar agir a noite inteira como fazia na Harrison. Não era tão interessante, mas era muito mais relaxado. O

lugar não ficava em um bairro muito bom, mas a maioria dos clientes aparecia regularmente, pessoas que ela via quase todos os dias porque era um bar pequeno e agradável. E Charlie Sullivan era do tipo paternal. O

chefe ali no Sully's era muito diferente do chefe bilionário infernal na Harrison. Se algum homem causasse problemas a ela, Charlie o jogava porta afora. Ele não aceitava que ninguém assediasse as funcionárias.

Estava ficando tarde e o movimento do bar estava diminuindo. Era quarta-feira, um dia normalmente de pouco movimento. Ela limpou o bar, sorrindo para vários clientes que conhecia e preparando pedidos em meio à limpeza.

Ela não contara a ninguém no Sully's que terminara com Rick. Nunca usara aliança porque Rick não tivera dinheiro para comprá-las, portanto, Tina nem nenhuma das outras moças que trabalhava no Sully's tivera alguma indicação de que algo acontecera. E era humilhante demais contar que o noivo estava transando com outra mulher na cama deles. Ela mantivera seus problemas para si mesma, indo trabalhar todos os dias e apenas cumprindo seu dever.

A única pessoa a quem fizera confidências fora Travis.

— Feliz aniversário, Ally! — Charlie Sullivan, um homem enorme com cabelos ruivos e voz estrondosa, saiu da sala de trás carregando uma bandeja de bebidas.

— O que é isto? — perguntou Ally confusa. O aniversário dela era no dia seguinte, mas ela certamente não queria ser lembrada que faria vinte e oito anos, sem um plano para o resto da vida.

O chefe de meia idade bateu de leve nas costas dela ao colocar as bebidas sobre uma mesa vazia. — Você me disse, um dia desses, que, apesar de fazer estas bebidas, nunca experimentou nenhuma delas. Acho que você merece uma surpresa de aniversário. Hora de experimentar algo novo.

— Preciso trabalhar amanhã. E tenho que dirigir para casa. — Ela lançou um olhar dubio para Charlie. Ela não gostava muito de cerveja e, de vez em quando, tomava uma taça de vinho, mas era até onde ia sua experiência com álcool. Sendo filha única de um alcoólatra, ela não se envolvia muito com bebidas. Talvez fosse um pouco estranho que trabalhasse como *bartender*, mas nunca ficara bêbada. Por outro lado, nunca tivera tempo sequer de respirar, quanto mais perder tempo com uma ressaca.

— Eu levarei você para casa — respondeu Charlie, segurando-a pelo braço e puxando-a de trás do bar.

— Vamos, Ally — encorajou Tina, uma das garçonetes, ao parar ao lado da mesa. — Viva um pouco. Experimente.

— Ainda não terminei a limpeza — protestou Ally com uma risada quando Charlie a levou até a mesa.

— Eu limparei. E prepararei as outras bebidas que precisarem ser servidas. Experimente algumas bebidas do seu instrutor — disse Charlie.

Ally olhou para a bandeja de bebidas e para o bar em volta. Só havia alguns clientes frequentes que já estavam em volta da mesa, batendo de leve em suas costas e dando-lhe os parabéns.

A bandeja tinha, em sua maioria, Boquetes, um drinque que ela fizera cerca de mil vezes e que vira mulheres consumirem abundantemente em todos os

fins de semana. Charlie colocara bastante creme nos copos, o que faria com que fosse quase impossível não se lambuzar.

Viva um pouco.

Ally nunca vivera de verdade, nunca fizera nada que não fosse cuidadosamente planejado. Não doeria se divertir um pouco apenas uma vez, rir um pouco com os amigos. Ela não se transformaria em uma alcoólatra como a mãe só por tomar alguns drinques. Seu aniversário seria no dia seguinte e ela passaria o dia inteiro aguentando Travis.

Vamos, Ally. Uma vez na vida, faça algo espontâneo. É uma ocasião especial.



— Ora, por que não? — cedeu ela, pegando um dos copos.

— Ah, não — disse Tina, rindo e batendo de leve na mão de Ally. —

Você tem que fazer da maneira certa.

Ally resmungou, mas, de forma obediente, colocou as mãos nas costas quando Charlie as posicionou corretamente. Ela tentaria apenas uma vez.

Tina colocou o drinque em um guardanapo sobre a mesa.

Ally frequentemente vira aquilo sendo feito por outras mulheres, mas sempre parecera muito mais fácil do que realmente era. Abrindo bem a boca, ela sentiu a doçura sedosa atingir as papilas gustativas e fechou os lábios em volta da borda do copo. Infelizmente, o copo escorregou e ela só bebeu metade. O restante derramou na frente da camiseta quando o copo caiu da boca.

Todos gritaram e riram alto, encorajando-a a tentar de novo. Tina deu um passo à frente, instruindo-a sobre a arte de beber Boquetes, e Ally tentou de novo, conseguindo beber tudo desta vez. Era uma bebida doce e suave, com

gosto delicioso, que desceu com facilidade. Ela lambeu o creme que ficara nos lábios e resolveu beber mais uma.

— Ally, um boquete tem que ser feito da forma certa. Incline a cabeça para trás e engula.

Travis parou subitamente, com o corpo congelando ao ouvir aquele comentário vindo do bar. A mão dele apertou a maçaneta com força, deixando as juntas brancas.

Ally? Boquetes? Engolir? Puta merda, não!

Travis sentiu a raiva subir, algo que quase nunca acontecia. Ele raramente deixava que ela chegasse tão longe antes de empurrá-la de volta, exceto nas discussões normais com Ally. Mas não era o mesmo tipo de raiva. Era do tipo muito mais perigoso. Ele sentiu as entranhas se revirarem ao pensar no que poderia encontrar ao entrar e subitamente sentiu uma urgência homicida ao imaginar Ally tocando em alguém daquela forma. Ou de qualquer forma.

Ele ouviu vários homens rindo e uma voz feminina que não pertencia a Ally. Mas que diabos? Estava acontecendo uma orgia no bar?

Travis apoiou todo o peso do corpo contra a porta ao girar a maçaneta e o movimento o jogou para dentro do bar. Lá, no meio do aposento, estava Ally. Havia um homem segurando as mãos dela nas costas e Ally estava

com a cabeça tão inclinada para trás que Travis ficou surpreso por não ter quebrado o pescoço. Uma mulher e vários homens estavam em volta da mesa, todos sorrindo.

Idiotas!

— O que diabos você está fazendo? — gritou Travis, fazendo com que Ally jogasse a cabeça para a frente e um copo caísse de sua boca. A julgar pela quantidade de copos vazios sobre a mesa, não era o primeiro.

Ally o encarou horrorizada, esticando a língua para lambar o creme branco dos lábios.

A fúria emanava de Travis quando ele rosnou: — Tire suas mãos dela ou quebrarei todos os seus dedos. — Ver o homem, qualquer homem, encostar em Ally fazia com que ele perdesse o controle. E o fato de aquele estar segurando Ally em uma posição submissa quase fez com que saltasse sobre o homem para lhe dar uma surra.

O homem mais velho se afastou dela. — Olhe, cara, não quero uma briga. Ally é minha funcionária. Só estávamos comemorando o aniversário dela.

— Eles são amigos — confirmou Ally, lambendo os lábios novamente.

— Esse é o seu cara, Ally? — perguntou o homem mais velho, olhando para ela.

— Não — respondeu Ally, andando na direção de Travis. — O que você está fazendo aqui? — sussurrou ela em tom ansioso.

— Sou Travis Harrison. E ela também é minha funcionária. — Por que diabos ele dissera aquilo? Odiava dizer quem era às pessoas. Havia pouquíssimas pessoas que não reconheceriam o nome. Ele olhou para Ally ainda furioso. — Tem certeza de que não estavam machucando você?

— Absoluta — respondeu ela com os olhos verdes ligeiramente enevoados.

Aquela foi a única resposta que impediu Travis de dar uma surra em todos os homens. — Você está bêbada? — perguntou ele surpreso.

Ela cobriu a boca e soluçou. — Acho que talvez eu esteja um pouco alegre. Não costumo beber.

— Vou levá-la para casa. Ela não vai dirigindo — acrescentou o homem mais velho que segurara as mãos de Ally.

Só em um maldito sonho, cara. Travis lançou um olhar de advertência para o homem. — Eu vou levá-la para casa — informou ele a todos em um tom que os desafiava a questioná-lo. Ele não deixaria que ninguém

chegasse perto dela naquele momento, pois Ally estava em uma condição muito vulnerável.

Ally colocou a mão no braço dele e ele olhou para os olhos cor de esmeralda. Em seguida, percorreu o corpo dela inteiro com o olhar. A camiseta que ela vestia era fina e estava molhada, revelando o contorno dos mamilos sob o sutiã, obviamente também úmido. Pela primeira vez, ele notou que ela estava com os cabelos soltos e a massa de cachos loiros caía sobre os ombros.

— Eu só estava tomando Boquetes. Nunca fiz isso antes. Quer um Boquete?
— perguntou Ally, lambendo os lábios novamente.

Travis quase gozou ali mesmo. Ally certamente estava mais do que só um pouco alegre e não tinha ideia do que estava dizendo. Não havia maldade no rosto dela, nenhuma expressão sedutora. Ela simplesmente oferecia um drinque a ele por estar inebriada. Mas, minha nossa, ouvir aquelas palavras dos lábios dela era uma das fantasias mais excitantes dele e vê-la passar a língua para lambar os lábios cheios quase o levou à loucura.

Ele pegou a mão dela e puxou-a em direção à porta. — Está na hora de ir para casa, Alison.

— Espere. — Ela puxou a mão e virou-se para Charlie. — Obrigada, Charlie. Eu me... diverti.

Charlie pegou a bolsa dela de sob o bar e entregou-a a ela. — Feliz aniversário, Ally — disse ele com sinceridade.

Travis pegou a mão dela novamente, vendo-a acenar alegre para as demais pessoas no bar ao arrastá-la porta afora.

— Acho que você não quis um Boquete. Eles são muito gostosos —
disse Ally em tom alegre ao saírem do bar.

— Pelo amor de Deus... pare de dizer isso, Alison. — Travis tentou soar calmo, tentou manter o desespero fora da voz. Se ela perguntasse aquilo mais uma vez, o pênis certamente explodiria.

Ele a colocou dentro do carro, prendeu o cinto de segurança e deu a volta até a porta do motorista. No dia seguinte, eles teriam uma conversa muito séria

sobre a segurança dela. Ou talvez não houvesse conversa nenhuma...

apenas ação. Ele era bom nisso e pretendia garantir que Ally estivesse bem dali em diante. Obviamente, ninguém mais parecia se preocupar com ela. E

o imbecil do noivo nunca se importara.

Travis sabia que os pais dela estavam mortos e que ela não tinha irmãos.

O pai morrera quando Ally era muito jovem e a mãe falecera logo depois

que ela começara a faculdade. Não era de surpreender que tivesse caído na conversa do primeiro idiota que lhe fizera promessas. Fora fácil ser convencida pelo ex, provavelmente por ainda estar de luto e solitária. Não que ela tivesse contado nada daquilo a ele. A maior parte da história de Ally, ele soubera por Kade, o que, por algum motivo, o deixara furioso.

Talvez ela converse com Kade porque ele não é tão grosseiro quanto eu.

Travis levou Ally para casa, dizendo muito pouco exceto para obter indicações do caminho. Ele tinha receio de que, se dissesse qualquer coisa, perderia o controle. Não havia como se esquecer daquele momento em que a vira com as mãos presas nas costas por outro homem. Seus instintos protetores tinham explodido e ele estivera pronto para atacar o idiota só por tocar em Ally, apesar de a situação ter sido inocente. Ele não pensara em nada... apenas reagira. As coisas normalmente não funcionavam assim com ele. Era um planejador, um pensador, pesava os riscos e os benefícios de cada ação. E nunca fizera nada remotamente emocional ou escandaloso.

— Por que você foi ao bar hoje à noite? — perguntou Ally baixinho, parecendo mais lúcida. Claramente, o caminho até a casa a deixara um pouco mais sóbria. — Sei com certeza que não é um dos lugares que você frequenta.

— Eu queria ter certeza de que você estava bem — respondeu Travis com sinceridade ao parar em frente à casa de Ally.

— Foi porque eu quase desmoronei no seu escritório mais cedo?

Não. Não fora. Ele fizera isso porque não conseguira se manter longe depois de perceber exatamente qual era a situação da vida dela no momento. Como poderia explicar que, subitamente, queria protegê-la, resolver os problemas dela, além de estar louco para trepar com ela? Nem mesmo ele conseguia entender. Mas respondeu: — Sim. — Era a desculpa mais fácil.

— Eu ficarei bem.

Merda! A voz dela estava muito vulnerável e Travis fez o máximo esforço para não sair à procura do ex e matar o filho da puta. Ele sacaneara Ally e deixara-a sozinha em uma situação péssima depois que ela lhe dera tudo. O idiota não percebia como era valioso aquele tipo de devoção de uma mulher? Não se importava? — Eu sei que você ficará bem —

respondeu Travis em tom rabugento. Ele pretendia garantir que isso acontecesse dali em diante.

Ally pareceu mais equilibrada quando ele a ajudou a sair do carro. Ela correu a mão com adoração sobre o capô da Ferrari. — Bom, pelo menos, consegui andar em um de seus carros caros — disse ela brincando. — Este é lindo.

— Não é tão caro quando comparado a alguns dos outros na pista —

admitiu ele. — Mas gosto dele para andar por aí.

A risada divertida de Ally envolveu Travis como um bálsamo para a alma.

— Eu daria tudo para dirigir esta F12 e você fala como se fosse um carro qualquer — disse Ally.

Travis sentiu os cantos da boca começarem a se mover. — Acabei de receber um Hennessey hoje. Eu o estava testando antes de vir procurar você.

Travis abriu um sorriso quando ouviu Ally soltar uma exclamação e dizer: — Um Venom GT?

— Sim — respondeu ele surpreso por Ally saber tanto sobre carros. —

Você conhece carros muito bem.

— Cresci em Daytona Beach. Trabalhei nas concessionárias da rodovia quando estava no ensino médio. Teria sido difícil não aprender algo sobre carros velozes — respondeu ela. — Ainda presto atenção neles.

— Eu dirigi naquela pista mais de uma vez — disse Travis ao acompanhá-la até a porta.

— Eu sei — respondeu Ally, procurando a chave dentro da bolsa. —

Você se arrepende de ter desistido da carreira de piloto profissional?

Travis balançou a cabeça negativamente. — Não. Gosto de administrar a Harrison. Acho que, se as corridas fossem minha profissão, não seria mais divertido. — Ele era a Corporação Harrison e nunca deixaria que ela ficasse nas mãos de outra pessoa enquanto estivesse pilotando carros de corrida.

Travis tirou o chaveiro da mão dela quando viu que estava tendo problemas para colocar a chave na fechadura. Talvez estivesse menos bêbada, mas ainda não estava completamente sóbria. Ele abriu a porta, devolvendo-lhe o chaveiro. Ela deixara as luzes acesas e o olhar de Travis absorveu a visão dela. Os olhos de Ally ainda estavam brilhantes, mas ela o encarava com intensidade, como se nunca o tivesse visto. O olhar dela passeou por todo o corpo de Travis abertamente, parando nos lábios com uma expressão faminta.

— Pode me beijar? — pediu ela em tom hesitante, ainda olhando intensamente para os lábios dele.

Travis a encarou, querendo lhe dizer que ela era a mulher mais adorável e gostosa do planeta. O que ele mais queria fazer naquele momento era devorar os lábios dela. Mas ele agarrou com força o batente da porta para se impedir de tocá-la. — Você não está completamente lúcida, Alison. Não sabe o que quer neste momento. Tome duas aspirinas e vá dormir. — *Put a merda... aquilo doeu.* Travis quase tropeçara nas palavras, querendo algo totalmente diferente, mas não pretendia se aproveitar de Ally depois que ela bebera. Aquela situação o deixou com o pênis ainda mais enrijecido do que quando ela lhe oferecera um Boquete, provavelmente porque, desta vez, Ally sabia o que estava pedindo. Estava pedindo Travis.

Ela afastou o olhar da boca dele e balançou a cabeça. — Desculpe. Não sei por que pedi isto.

Ele esperava muito que fosse porque ela o queria, mesmo que fosse só um pouco. — Feche e tranque a porta. — Ele não iria embora enquanto não ouvisse a porta sendo trancada. Ele precisava sair dali, afastar-se dela antes que mudasse de ideia.

Ela assentiu, começando a fechar a porta, sem encontrar o olhar dele.

— Alison? — disse ele rapidamente antes que ela fechasse totalmente a porta.

Ela parou. — Sim?

Não a beije. Não tire vantagem dela. Você se odiará mais tarde.

Travis segurou a madeira com um pouco mais de força. — Virei buscá-la por volta das oito horas da manhã e enviarei alguém para buscar o seu carro. — Ele se empurrou para longe da porta para que ela pudesse fechá-la.

— E, se estiver se sentindo bem, deixarei que dirija a F12 amanhã.

— Sério? — perguntou ela, parecendo chocada.

Travis deu de ombros. Era apenas um carro. E não havia nada que ele não faria se conseguisse que ela apenas lhe desse um sorriso. — É seu aniversário — usou ele como explicação para aquela decisão, sabendo que deixaria de qualquer forma só porque era algo que ela queria. — Agora, tranque a porta — exigiu ele.

Ally fechou a porta obedientemente e o barulho da tranca foi ouvido logo depois.

Boa garota.

O coração de Travis ainda batia com força quando ele andou de volta para o carro, entrou nele e ligou a ignição. Ele encostou a cabeça no volante por um momento, tentando recuperar o fôlego. *Jesus!* Não tocar em Ally fora a coisa

mais difícil que já fizera. Ele a queria muito, mas não daquela forma. Queria que ela estivesse disposta, consciente de tudo o que estava acontecendo. E talvez houvesse uma pequena parte dele que não queria que ela se arrependesse, que o odiasse por se aproveitar dela. O instinto de protegê-la era tão forte quanto o desejo de trepar com ela, o que era dizer muito, pois aquele desejo estava muito perto de matá-lo.

Ele já sabia como seriam seus sonhos naquela noite. Não havia como não sonhar vividamente com Ally perguntando se ele queria um boquete, lambendo aqueles lábios tentadores ao sussurrar as palavras que cada homem no mundo queria ouvir da mulher que queria. E, em seus sonhos, Travis nunca se recusaria a beijá-la. Ora, ele provavelmente teria um ataque do coração e morreria dormindo quando respondesse de forma diferente, fizesse exatamente o quisera fazer mais cedo quando ela dissera aquilo.

Travis esperou até que as luzes acendessem no andar de cima antes de acelerar e ir embora, perguntando a si mesmo quando desenvolvera uma consciência e odiando-se porque, em se tratando de Ally... ele tinha consciência.



Capítulo 4



Ally acordou tarde na manhã seguinte, tendo apenas trinta minutos para se arrumar para o trabalho. Ela não quisera sair da cama e não tinha certeza se era pelo álcool que consumira na noite anterior ou pelo fato de que teria que encarar Travis.

Ah, meu Deus, eu realmente pedi a ele que me beijasse?

Ela fez uma careta na frente do espelho ao prender rapidamente os cabelos com uma presilha na nuca, com pressa demais para se preocupar em fazer uma trança ou algo mais complicado. Ela aplicou apenas uma quantidade

mínima de maquiagem, o suficiente para não assustar nenhum dos clientes da Corporação Harrison.

Correndo até o armário para pegar um par de sapatos e um cinto colorido para usar com o vestido cinza conservador que vestira mais cedo, ela olhou nervosamente para o relógio.

Cinco minutos para as oito horas.

Ally não tinha dúvidas de que Travis chegaria às oito horas em ponto para levá-la para o escritório. Ele não tinha nenhum compromisso cedo, mas ela sabia dizer a hora pelo momento em que Travis chegava pela manhã. Travis Harrison nunca se atrasava e chegava exatamente na mesma hora todos os dias.

— Merda — xingou Ally quando a meia-calça prendeu na porta do armário, puxando um fio que se estendeu pela perna. Ela virou a perna para olhar, irritada ao ver que o fio puxado corria do joelho até o tornozelo. Ela pegou os sapatos pretos de salto alto, jogou-os no chão e prendeu o cinto preto, cinza e vermelho em volta da cintura, adicionando um pouco de cor ao traje. Pelo menos, conseguia respirar dentro do vestido feio, que tinha uma saia larga para acomodar os quadris.

Vasculhando a gaveta da cômoda, desesperada para encontrar outro par de meias pretas, a única coisa que ela conseguiu encontrar foram meias muito finas e uma cinta-liga preta. — Merda — disse ela de novo, irritada consigo mesma por não ter estocado meias-calças. Ela olhou para o acessório desconfiada, pois tivera que chegar ao fundo da gaveta para encontrá-lo. Ally o comprara alguns anos antes e só o usara uma vez, quando ela e Rick deveriam ter saído para uma noite romântica para celebrar o dia dos namorados. Infelizmente, Rick tinha telefonado cancelando o compromisso, alegando que precisava estudar. Ela vestira uma camisola e fora dormir. No dia seguinte, lavara a roupa íntima e nunca mais a usara, achando-se um pouco boba por ainda tentar apimentar a vida sexual deles. Rick estivera ocupado demais, cansado demais o tempo inteiro.

Agora, Ally se perguntava se, mesmo naquela época, o ex-noivo já mentia.

Aquele pensamento fez com que tivesse vontade de jogar a roupa íntima no lixo. Mas ela estava com muita pressa e rapidamente vestiu as meias, a cinta-liga e as calcinhas pretas sensuais que acompanhavam o conjunto. As meias eram pretas e nunca ninguém saberiam que estavam presas a um acessório que dizia “trepe comigo”.

Ally fez uma careta ao ouvir a campainha, colocando os sapatos com muito cuidado para não estragar o último par de meias. — Como diabos vou olhar na cara dele depois de ter pedido que me beijasse? Talvez ele não diga nada. Afinal, sabia que eu tinha bebido — sussurrou ela para si mesma.

Na verdade, ela não estivera bêbada quando pedira a Travis que a beijasse. O álcool reduzira suas inibições, mas ela queria desesperadamente sentir como seria ter aquela boca pecadora dele sobre a sua. Pedir a ele que a beijasse fora possivelmente a coisa mais impetuosa que já fizera. Ele era seu chefe, pelo amor de Deus, e um homem que poderia ter qualquer mulher que quisesse. Ainda assim, aqueles fatos importantes não tinham eliminado a vontade de sentir o beijo dele apenas uma vez. Desde que Travis lhe dissesse como era desejável, Ally queria saber se o beijo dele corresponderia às palavras. Conhecendo Travis, ele provavelmente agiria como se não se lembrasse. Ou talvez nem fosse algo importante o suficiente para isso.

Ela desceu a escada correndo, o mais depressa que conseguiu com os saltos altos, chegando sem fôlego para abrir a porta. Travis parecia imaculado como sempre, mas a postura era casual, com as mãos nos bolsos

da calça. Ally prendeu a respiração ao observar o terno preto, com o único toque de cor vindo das pequenas listras azuis e cinzas da gravata.

— Bom dia, srta. Caldwell — disse Travis. — Imagino que tenha se recuperado. — Os olhos escuros a observaram intensamente, como se estivessem buscando sinais de uma ressaca.

— E-estou bem — respondeu Ally nervosamente, abrindo mais a porta para que ele pudesse entrar e odiando-se por estar tão ansiosa. Ela não podia mostrar qualquer fraqueza diante de Travis. O homem era como um tubarão que conseguia sentir o gosto de sangue na água. Se ele soubesse que a tinha

deixado abalada, avançaria para o abate. Era uma qualidade que o tornava um excelente homem de negócios, mas um adversário perigoso.

— Deixe-me pegar a minha bolsa e uma caneca de café para levar junto.

Quer uma?

Travis andou até a sala de estar e Ally fechou a porta atrás dele.

— Não estou com pressa — disse Travis casualmente. — Pode fazer as coisas com calma.

Ally olhou espantada para Travis. Desde quando ele *não* estava com pressa? O homem nunca desperdiçava um momento sequer, trabalhando feito louco todos os instantes do dia. Ela se virou, ligeiramente confusa, e foi para a cozinha. Os saltos bateram na madeira polida do chão quando ela pegou duas canecas e serviu o café da máquina que fora programada na noite anterior. Ela adicionou rapidamente creme ao próprio café, deixando o de Travis puro, como ele gostava, e voltou para a sala de estar. Travis estava de costas para ela, observando as prateleiras que cobriam uma parede inteira da sala. Ela planejava levar a maioria delas para um dos quartos vazios para usá-lo como biblioteca, mas desistira. Afinal, pretendia se mudar em breve. — Aqui está. — Ally entregou a caneca a ele.

Travis se virou para ela e ergueu a sobrancelha. — Você percebeu, srta.

Caldwell, que trouxe o café para mim hoje?

— Não se acostume — resmungou ela sobre a beirada da caneca antes de tomar um gole do café.

Travis sorriu ao dizer: — Você tem um gosto eclético para leitura. Acho que tem de tudo aqui, de clássicos a não ficção e livros de instruções.

Ally deu de ombros desconfortavelmente. — Gosto de ler.

— O que é isto? — perguntou Travis curioso, retirando um manuscrito encadernado da prateleira.

Ela saltou à frente, tentando tirar o manuscrito da mão dele. — Nada de interessante — respondeu ela em tom firme. — Dê-me isso.

— Tem o seu nome nele. Você o escreveu? — Não havia ironia na voz dele, apenas curiosidade, enquanto ele segurava o manuscrito fora do alcance dela.

— Sim — respondeu Ally irritada.

Colocando a caneca em uma das prateleiras, ele folheou as páginas. —

Você é escritora?

— Sou assistente e secretária. E sou *bartender*. Escrever era só um sonho.

— Por quê? — O olhar de Travis encontrou o dela com uma expressão interrogativa.

— Porque eu não era boa o suficiente para ter alguma coisa publicada.

Tenho as cartas de rejeição para provar — respondeu ela irritada. — Rick me disse para parar de sonhar e trabalhar com algo que pagasse um salário.

E ele tinha razão. Estávamos com pouco dinheiro. Eu precisava de um emprego extra que me pagasse...

— É um romance de fantasia? — interrompeu Travis concentrado no manuscrito.

— Sim — admitiu Ally. — Fantasia para jovens adultos. É uma série.

Nunca cheguei a terminar o segundo livro. — Não que ela não estivesse ansiosa para escrever, mas nunca sobrava tempo para isso. Algum dia, ela terminaria a série, mesmo se não conseguisse publicá-la.

— Eu gostaria de ler — disse Travis pensativo, fechando o manuscrito gentilmente e colocando-o ao lado da caneca. — Então, basicamente, o imbecil tirou tudo de você — disse ele com voz baixa e perigosa.

— O que quer dizer? — perguntou Ally confusa.

Travis cruzou os braços sobre o peito e estreitou as sobrancelhas, lançando um olhar sombrio a Ally. — Ele fez você largar a faculdade para que pudesse terminar a dele. Fez com que desistisse de escrever para trabalhar ainda mais em um maldito bar em uma vizinhança horrível. Fez com que você fizesse exatamente o que ele precisava. Alguma vez ele se importou com você, com o que queria? É claro que não. Caso contrário, não teria pulado na cama de outra mulher.

Ally abriu a boca, querendo dizer a ele que, tecnicamente, Rick não pulara na cama de outra mulher. Usara a deles. Mas não tinha tanta certeza assim de que o ex não tivesse feito aquilo. — Não foi só ele — admitiu ela

relutantemente. — Eu também queria segurança. Era esse o plano. De finalmente ter uma vida que não fosse caótica, uma vida em que eu não precisasse me preocupar em contar centavos.

— E sua vida sempre foi caótica? — perguntou Travis ao dar um passo à frente, parando a pouca distância dela.

— Sim. Fui criada pela minha mãe que era alcoólatra e passava mais tempo bêbada do que sóbria. Portanto, sim, eu queria uma vida normal. —

O coração de Ally batia depressa e ela respirou fundo. Ela tinha ciência de que, algumas vezes, era confusa e codependente, mas não era um tópico que queria discutir com alguém como Travis. Na verdade, não queria discutir aquilo com ninguém.

— Então, você trabalhou feito louca para agradar o cara errado, um homem que não dava a mínima para o que a fazia feliz — declarou Travis.

— E quando será a sua vez, srta. Caldwell?

— Terei minha oportunidade assim que resolver tudo — argumentou Ally.

— É mesmo? Tem certeza? — perguntou Travis com voz rouca.

— Não posso mudar o passado. Sim, eu fui idiota. Sim, eu era influenciável. Preciso aprender com os meus erros e continuar — disse Ally hesitantemente.

— Você é uma organizadora pragmática na superfície, mas, por baixo, é uma sonhadora — observou Travis. — Mas uma coisa que não entendo é por que aguentou aquele cara por tanto tempo. Você não é o tipo de pessoa que aguenta esse tipo de merda de ninguém. Eu sei disso. Ele devia ser um excelente manipulador.

Ally mudou de posição desconfortavelmente. — Ele era. — Rick nunca era abertamente hostil. Ally teria conseguido lidar com isso dando-lhe uma joelhada na virilha e indo embora. Mas ele tinha uma forma de fazer com que ela se sentisse culpada e responsável por tudo, além de ter se aproveitado de suas vulnerabilidades. — Ele era muito bom nisso. — Ally suspirou. — Acho que eu queria o sonho e tinha tudo planejado de forma perfeita. Só não saiu exatamente como eu planejava. — Ela lidara com tudo que viera de Rick só pela possibilidade de, um dia, ter uma vida normal, inventando desculpas para ele como fizera com a mãe alcoólatra a vida inteira. Ela disse a si mesma que a vida ficaria melhor, que Rick seria um homem melhor quando não estivesse sob tanto estresse. Foi só quando Ally o viu transando com outra mulher que percebeu que fora ela que vivera uma

mentira. Ele sempre fora um escroto. Vê-lo com outra mulher finalmente fizera com que ela caísse na realidade.

— Você é uma mulher inteligente. Inteligente o suficiente para conseguir o que deseja — disse Travis com voz rouca, aproximando-se dela para prender um cacho de cabelos atrás da orelha. — Você o amava?

Ally olhou para Travis. Os dois se encararam e ela não conseguiu afastar o olhar. A expressão dele era estoica, mas os olhos estavam ardentes, hipnotizantes, que fez com que todos os pensamentos não relacionados a ele sumissem da mente dela. — E-eu não acho que o conhecia de verdade.

Acho que amei a ideia de um plano e de uma vida normal. — Travis estava perto o suficiente para que ela sentisse seu cheiro e Ally recuou um passo como forma de se proteger, encostando as costas na parede. Ela já fizera

papel de tola na noite anterior. Travis era seu chefe, o chefe milionário infernal, e ela precisava se lembrar exatamente de quem ele era. Por algum motivo, tinha problemas em se lembrar das coisas quando ele chegava tão perto, como se o corpo inteiro superaquecesse e entrasse em curto-circuito.

Travis avançou e apoiou uma das mãos na parede ao lado da cabeça de Ally, com o indicador da outra mão movendo-se repetidamente da orelha para a bochecha dela. — Peça-me de novo para beijá-la, Alison — exigiu ele, correndo o dedo sobre os lábios dela.

Ally queria afastar o olhar, queria correr o mais depressa possível e colocar uma grande distância entre ela e Travis. A expressão sombria no rosto dele não combinava com o ardor nos olhos escuros, um olhar que a deixou assustada e excitada.

Ela não queria pensar na rejeição dele na noite anterior nem por que ele queria que pedisse de novo. Finalmente, ela simplesmente perguntou: —

Por quê?

Travis tirou a caneca da mão dela e colocou-a sobre uma mesinha ao lado, sem tirar os olhos de seu rosto ao levantar seu queixo. O polegar acariciou a pele de Ally quando ele respondeu: — Porque esperei a noite inteira que você me pedisse de novo, desta vez quando está sóbria. Peça —

exigiu ele em voz rouca, com a respiração pesada como se tivesse acabado de correr muito.

Ah, como Ally queria obedecer àquela ordem de Travis. Queria sentir aqueles lábios duros e exigentes sobre os seus mais do que qualquer outra coisa. Mas ela sussurrou: — Não posso. Você é meu chefe. Sou sua funcionária. Não podemos fazer isto.

— É claro que podemos. Você está demitida — resmungou ele.

Talvez aquela fosse a única vez em que Ally gostara do fato de Travis maltratá-la diariamente. — Muito bem — respondeu ela, agarrando a gravata imaculada e puxando a boca de Travis para a sua, incapaz de resistir à tentação de tocá-lo, de ser tocada por ele. Ela fechou os olhos, sentindo-se

imediatamente inebriada pela sensação da boca quente e exigente sobre a sua. A língua insistente de Travis superou qualquer resistência ou hesitação que ela tivera mais cedo. Ally se abriu para ele, que tomou o que queria, ao mesmo tempo em que lhe dava exatamente o que ela precisava.

Ally gemeu, enterrando as mãos nos cabelos escuros de Travis e estremecendo ao sentir os fios correndo por entre os dedos. Ele segurou o traseiro dela com uma das mãos, puxando-a com força contra o corpo quente e musculoso. Com a outra mão, puxou a presilha que segurava os cabelos, liberando uma cascata de cachos loiros. Agarrando-a pelos cabelos, ele inclinou a cabeça dela mais para trás, dando acesso completo à sua boca.

Minha nossa, estou encrocada!

Travis a beijou como um homem possuído e Ally respondeu à altura, dando de volta exatamente o que ele lhe dava. A lascívia tomou conta de seu corpo como uma onda. Ela se sentiu quente e úmida, esfregando o corpo contra o dele em uma paixão frustrada, irritada porque queria sentir a pele contra a sua. O casaco pesado impedia que suas mãos tocassem a pele nua de Travis e ela queria tirá-lo. Queria tirar toda a roupa dele.

Travis afastou a boca da dela, ofegante. Outro puxão nos cabelos expôs a pele sensível do pescoço de Ally e a boca dele o explorou, como se quisesse saborear cada parte exposta do corpo dela. — Se você não parar de se esfregar contra mim, daqui a alguns segundos estará nua e deitada de costas

— avisou ele em voz baixa perto da têmpora de Ally. — Ou nua contra a parede — acrescentou ele com voz rouca.

Por um momento maluco, Ally teve vontade de pagar para ver, pressionar o corpo contra a ereção que conseguia sentir no abdômen. Mas ela se sentia exposta demais. E deixar-se aberta para Travis seria mais um erro burro. Ele era sombrio demais, tentador demais e incrivelmente imprevisível. A última coisa de que precisava era ter um caso com o chefe e perder o emprego. Por mais que o quisesse, e certamente o queria, sentiu-se aterrorizada ao pensar em qual seria o resultado de ter um caso com Travis. Ele era um idiota sem coração. Talvez estivesse com vontade de se divertir com ela no momento,

mas encontraria outro brinquedo muito em breve. E ela estaria sem emprego.

— Vamos nos atrasar para o trabalho. — Ally tentou não parecer que estava choramingando.

— Sou o dono da empresa. Não acho que teremos problemas por isso — respondeu Travis, mordendo o lóbulo da orelha dela de leve.

Mas que merda, se ela não se afastasse de Travis imediatamente, arrancaria as roupas dele. Ele afastou a cabeça para lançar um olhar ardente, que quase fez com ela o deixasse nu bem ali. Os cabelos de Travis estavam desgrenhados, como se ele tivesse acabado de sair da cama ou de uma trepada, e as roupas estavam desarrumadas. Era uma visão totalmente diferente do chefe e, puta merda, era incrível. Fazia com que ele parecesse mais amigável e ainda mais sexy do que o normal. — Esqueci. Não tenho mais emprego. Você me demitiu. — Ela puxou os cabelos dele de forma brincalhona.

— Consigo pensar em algumas coisas que provavelmente me persuadiriam a recontratar você — respondeu Travis com voz rouca, apertando possessivamente o traseiro dela.

Incapaz de aguentar a tortura do toque de Travis por mais um momento, Ally se abaixou e passou por baixo do braço dele. — Não deveríamos ter feito isso — disse ela em tom infeliz.

Travis endireitou a gravata e alisou os cabelos. — Foi apenas um beijo, Alison. — Ele pestanejou e o rosto voltou à expressão dura normal.

Apenas um beijo? Seu idiota!

O tom dele era irritante e ela teve vontade de lhe bater por chamar o que acabara de acontecer de apenas um beijo. Para ela, fora uma experiência avassaladora, um abraço que ainda deixava seu corpo quase derretido por causa do calor.

Sem outra palavra, ela pegou a bolsa, virando-se de costas para ele. —

Isso mesmo. Só um beijo. Nada de espetacular — respondeu ela em tom direto, torcendo para que a dor que sentia não pudesse ser detectada na voz.

Ela nem sabia como era um beijo ardente normal. Talvez realmente não fosse nada de extraordinário. Ela não tinha muito com o que comparar.

Ela se virou a tempo de ver Travis pegando o manuscrito e bebendo o restante do café. Por um momento, ela considerou discutir por ele estar levando seu livro, mas, como escrevera para que as pessoas pudessem ler as histórias que tinha a compartilhar, não importava tanto assim. Ele avançou

para levar a xícara para a cozinha, mas Ally o interceptou e levou ela mesma as duas xícaras para a pia. Em seguida, pegou a presilha do chão e prendeu novamente os cabelos. — Hora de irmos — disse ela, atravessando a sala de estar até a porta, torcendo para soar mais calma do que se sentia.

Travis a alcançou, segurando seu braço quando ela abriu a porta. — Ele foi um idiota de perder você, Alison — disse ele. — E, se eu achasse que estava pronta e que não se arrependeria, estaria transando com você agora.

Observar você gozar seria uma das coisas mais satisfatórias que eu faria.

Ally o encarou por um momento, espantada ao ver como ele conseguia ser ardente em um momento e transformar-se em gelo no próximo. Ela corou e sentiu a eletricidade sensual que fluía entre eles, sabendo que uma fagulha no lugar errado causaria uma chama imensa. — Duvido. E foi apenas um beijo — lembrou ela com uma falsa doçura na voz.

— Foi mais do que isso — admitiu ele, percorrendo o rosto dela com os olhos, procurando... alguma coisa.

Ally se virou, sem conseguir aguentar o olhar dele. Ela já se expusera demais. Abrindo a porta, esperou que ele saísse e trancou-a. Ao dar meia volta, ela viu que ele segurava um molho de chaves em frente ao seu rosto.

— Eu prometi — disse ele, soando quase triste.

Ally pegou as chaves. — Prometo nos levar até a Harrison sem um arranhão no carro.

Travis deu de ombros. — Não é com o carro que estou preocupado.

Ele a ajudou a se sentar no banco do motorista, prendeu o cinto de segurança, deu a volta e sentou-se no outro banco. — Você não está acostumada com o carro.

Travis deu instruções a ela durante todo o caminho até o trabalho, apesar de Ally manusear muito bem o carro. Talvez ela nunca tivesse dirigido uma Ferrari, mas entendia tudo o que o carro tinha a oferecer. Algumas vezes, ela acelerou demais, fazendo com que Travis resmungasse para que reduzisse a velocidade. Quando ela finalmente estacionou o carro na vaga pessoal de Travis, ele admitiu, em tom rabugento, que dirigira muito bem, mas estragou o elogio ao lembrar que fora depressa demais. Mas, obviamente, ela não iria dirigir uma Ferrari como uma vovó. Se Travis não resmungasse o tempo inteiro por causa da velocidade, ela teria gostado de acelerar um pouco mais, apesar de não haver muitos locais na cidade onde era possível fazer isso. Ainda assim, a experiência fora incrível.

— Obrigada — disse ela com sinceridade ao devolver as chaves fora do prédio da Harrison. — Você acabou de me ajudar a riscar uma das coisas da minha lista de coisas a fazer antes de morrer.

— Não acho que fazer vinte e oito anos exija uma lista de coisas a fazer antes de morrer, Alison — respondeu Travis, endireitando a gravata ao entrarem no prédio.

Ally deu de ombros ao entrarem no elevador. — Nunca se sabe. Posso ser sentenciada com a pena de morte depois de matar meu chefe bilionário do inferno — respondeu ela suavemente, abrindo um sorriso maligno. — Está com o seu telefone?

Travis a olhou de soslaio. — Sim. Por quê?

— Só queria adicionar alguns lembretes. — Ela estava mentindo, mas, sempre que ele começava a agir daquela forma, causava pensamentos malignos nela.

Ele entregou o telefone com um suspiro. — Se você trocar o toque, será demitida.

— E eu faria isso? — Ela colocou a mão sobre o peito com um falso olhar de horror e desalento.

Travis a encarou friamente. — Sim — resmungou ele.

Ally colocou alguns lembretes no telefone enquanto estavam no elevador.

Em seguida, trocou o toque para uma música popular e sexualmente explícita, lembrando de colocar o volume no máximo.

Ela sorriu inocentemente ao devolver o aparelho, lembrando a si mesma de telefonar para ele durante uma das reuniões daquele dia. Com aquela ideia incrivelmente satisfatória em mente, ela saiu do elevador e entrou no escritório, com o sorriso aumentando a cada passo.



Capítulo 5



—Você está demitida! — Ally teve que segurar o telefone longe do ouvido para diminuir o som da voz trovejante de Travis. — Eu estava em uma reunião com vários velhos muito conservadores quando você telefonou. Achei que teriam um ataque do coração.

Ally segurou uma risada ao colocar o telefone próximo do ouvido novamente. — Lamento, sr. Harrison, mas estou almoçando no momento.

Pode me atacar o quanto quiser assim que eu voltar ao escritório. — Ela desligou o telefone, cortando o que certamente teria sido outro longo sermão de Travis. — Ele me despediu. — Ally suspirou e sorriu maliciosamente para Asha Harrison. Elas tinham ficado amigas desde que Asha se casara com Kade e encontravam-se sempre que podiam.

Naquele dia, Asha lhe dera um buquê de flores pelo aniversário e insistira em levá-la para almoçar fora. Elas estavam em um restaurante italiano simples, devorando pratos de massa.

Asha estava com uma aparência radiante e feliz por causa da gravidez, o que fez com que Ally sorrisse. Depois de tudo pelo que Asha passara, ela merecia a felicidade que encontrara com Kade. Diferentemente de Travis, Kade era um homem muito agradável e quase o oposto do irmão gêmeo.

Travis era sombrio, tanto em aparência quanto em personalidade, enquanto que Kade era loiro e lindo, um ex-jogador profissional de futebol americano que parecia estar quase sempre sorrindo, especialmente depois que se casara com Asha.

— Sabe... Travis poderia muito ter verificado o telefone e desativado o toque que você colocou — comentou Asha, limpando a boca com o guardanapo.
— Ele é um homem brilhante, esperto o suficiente para pensar em fazer isso todos os dias.

Ally frequentemente se fizera a mesma pergunta. — Acho que ele gosta de ter um motivo para brigar. Ele é obstinado — respondeu ela, bebendo um gole d'água.

Lá se vai a minha dieta. Seria mais fácil pegar o fettuccini e implantá-lo diretamente nos quadris.

— Acho que ele faz isso de propósito — retrucou Asha. — Para que tenha um motivo para ir atrás de você.

Ally fez um gesto de desprezo. — Duvido. Ele me evita como a uma praga. Ele está um pouco... diferente. Um pouco menos escroto desde que terminei com o meu noivo. — Ela contara a Asha sobre o término do noivado durante o caminho para o restaurante.

E agora resolveu me beijar até que eu fique sem fôlego! Ally decidira não contar aquele pequeno detalhe a Asha. Era muito provável que Kade ficasse sabendo.

— Diferente como? — perguntou Asha curiosa.

Ally deu de ombros. — Ele me escuta de vez em quando. E deixou que eu dirigisse a Ferrari hoje, pois era o meu aniversário.

Asha assoviou baixinho. — Isso é importante — disse ela com sinceridade. — Ele raramente deixa Kade dirigir os carros dele. — Ela largou o garfo sobre o prato e pegou o copo d'água. — Acho que ele tem uma queda por você. E meu marido lindo também.

Ally quase engasgou com a água, engolindo com dificuldade. Ela corou ao se lembrar do beijo ardente que Travis lhe dera naquela manhã. — Sou assistente dele e consigo deixá-lo muito irritado. Duvido muito que ele tenha alguma queda por mim — negou Ally, lançando a Asha um olhar dúbio. Ele podia tê-la beijado e talvez realmente quisesse transar com ela, mas Ally suspeitava que era apenas por estar solteira, conveniente e disponível.

— Eu o observei quando você está por perto. Ele tem uma queda, sim —

afirmou Asha categoricamente. — E nenhum dos homens da família Harrison é fingido. Kade tinha uma namorada a quem foi fiel durante anos, apesar de a vagabunda ter terminado com ele no momento em que deixou de ser fisicamente perfeito. E Kade disse que nunca vê Travis com uma mulher. Ele teve alguns relacionamentos breves na universidade, mas nada significativo depois disso.

Asha tinha razão. Travis fazia tudo sozinho. — Está tentando me dizer que Travis Harrison não faz sexo? — perguntou ela curiosa.

— Se faz, não conta a ninguém — respondeu Asha pensativa. — Travis gosta de bancar o durão, mas ele tem um coração. Fez algumas coisas maravilhosas com as organizações de caridade.

— Eu sei — admitiu Ally. — Se ele não fosse tão escroto, eu provavelmente o adoraria, pois é um homem de negócios e um filantropo brilhante.

— Acho que, como ele é o mais velho, sente-se totalmente responsável por limpar o nome Harrison depois do escândalo dos pais. A família inteira foi completamente humilhada e caçada pela imprensa sem misericórdia nenhuma. A vida deles foi um inferno por um longo tempo.

Apesar de Ally não conhecer Travis naquela época, sabia sobre o escândalo dos Harrisons. Sabia que o pai matara a mãe deles e depois tirara a própria vida. — Deve ter sido horrível para todos eles — admitiu ela, com o coração apertado por causa de um Travis mais jovem e mais vulnerável.

Asha assentiu. — E foi. Kade diz que Travis sempre aguentou o pior do pai porque sempre tentava protegê-los. — Asha estremeceu visivelmente.

— O homem era completamente louco e mal consigo imaginar o tipo de abuso que Travis sofreu. Sei pelo que Kade passou, mas ele jura que Travis levou a pior.

Ally sentiu o coração apertar mais ainda. A ideia de um Travis muito jovem sofrendo abusos do pai fez com que ela cerrasse o punho indignada.

Ela tivera uma criação caótica e humilhante, mas suspeitava que a infância com a mãe alcoólatra não fora nada em comparação ao que Travis sofrera nas mãos de um louco. — E a mãe deles?

Asha hesitou por um momento antes de responder. — Não sei, mas, pelo que Kade me contou, não sei se ela também não era um tanto louca. Tinha muito medo do marido e não fazia nada para proteger as crianças.

— Então eles estavam completamente fodidos — comentou Ally em voz alta.

— Falando nisso, como está se saindo depois do que aconteceu com o imbecil do seu noivo? — perguntou Asha em tom mais baixo. — Você está bem mesmo, Ally?

Ally assentiu enquanto brincava com a comida. — Estou. Tenho algumas coisas para resolver, mas vou sobreviver.

— Espero que o carma o pegue com vontade — disse Asha com veneno na voz. — Você me contaria se precisasse de alguma coisa, certo?

Ally provavelmente não faria aquilo, pois raramente pedia alguma coisa a alguém, mas, para que Asha se sentisse melhor, respondeu: — Sim. Estou bem. Só preciso resolver a confusão e continuar em frente. Parte é culpa

minha. Eu estava tão cega pelos meus planos e pelo que queria para o nosso futuro que não percebi os sinais de que ele era uma cobra.

— Lamento que tenha sido magoada, Ally. Mas fico feliz por não ter se casado com ele. Como estará de férias na próxima semana, quer se encontrar comigo, Maddie, Mia e Kara? Almoçamos juntas uma vez por semana. É muito divertido. Todas nós reclamamos sobre como nossos maridos são superprotetores e depois suspiramos por causa das coisas doces que fazem.

— Asha riu baixinho. — Mas podemos nos concentrar mais em reclamar deles por sua causa.

Ally riu. — Seria ótimo. Não tive muito tempo para amigas nos últimos anos. — Ela não tivera tempo, mas queria sair com elas. Apesar de não conhecer as outras mulheres, gostava de todas. Levantando-se, ela pegou a bolsa para tirar o dinheiro para pagar o almoço. — Acho melhor voltar para o escritório para que Travis possa me dar o sermão diário e contratar-me novamente.

Asha se levantou e segurou o pulso de Ally. — É por minha conta. Hoje é o seu aniversário. — Ela entregou ao garçom o dinheiro.

— Obrigada, Asha. E agradeça a Kade pelas flores, caso eu não o encontre hoje. Elas são lindas. — Ela abraçou a indiana esguia, grata por terem se tornado amigas.

— Não tenho dúvidas de que você consegue lidar com Travis. Sempre consegue. Acho que é a única, na verdade — respondeu Asha, retribuindo o abraço.

Ally queria dizer a Asha que sua habilidade de lidar com Travis estava um pouco prejudicada ultimamente, desde que ele a desequilibrara com o comportamento estranho e os beijos intensos. Mas ela simplesmente se despediu da amiga, concordando em telefonar para combinar o almoço na semana seguinte, e voltou para o prédio da Harrison.

Ela respirou aliviada ao entrar no escritório e descobrir que Travis não estava lá. Pelo bilhete que deixara para ela, estaria em reuniões pelo restante do dia. Ela ficou grata pela folga e tentou negar a si mesma que também

estava um pouco desapontada. Aquilo era doentio, sentir falta de um dos sermões dele.

A tarde passou rapidamente. Com Travis fora do escritório, ela teve que atender as ligações com as quais podia lidar, além de terminar uma montanha de papelada que precisava ser resolvida. Antes que percebesse, ela olhou para o relógio e viu que passara da hora de ir embora.

Preciso ir para o Sully's!

Desligando rapidamente o computador, ela abriu a gaveta inferior da mesa e tirou uma muda de roupa que deixava no escritório caso se esquecesse das roupas que usava à noite. Ela pegou a camiseta curta vermelha, a calça *jeans* e os tênis, hesitou por um momento e correu para o escritório de Travis, fechando a porta. Ela poderia se trocar em um minuto e não queria ir até o banheiro, pois já estava atrasada. As cortinas estavam abertas, mas o escritório ficava em um andar tão alto que ninguém a veria, a não ser que estivesse no prédio ao lado. E, mesmo assim, provavelmente seriam necessários binóculos.

Ally tirou rapidamente os sapatos e o vestido, puxando a camiseta por sobre a cabeça. Ela estendeu a mão para pegar a calça *jeans* quando a porta do escritório de Travis se abriu, tirando cerca de dez anos de vida dela ao soltar um grito horrorizado.

E houve um silêncio completo.

Ally congelou, encarando Travis. A mão dele ainda estava na maçaneta quando ele a olhou, correndo os olhos famintos pelo corpo dela. Ela pretendia cobrir a roupa íntima sensual com a calça e a meia com os tênis.

Pensando na imagem que ele via naquele momento, ela corou, sentindo o rosto queimar de vergonha. A única coisa que vestia era uma camiseta vermelha justa e curta, a calcinha preta *sexy* quase inexistente, a cinta-liga e as meias finas. E, com os quadris tão cheios, ela tinha certeza de que não parecia nada sensual. — Desculpe. Eu precisava trocar de roupa e não achei que você voltaria.

A tensão era palpável e Travis não fez qualquer movimento para sair. Só ficou parado lá, com o terno e a gravata imaculados, o rosto inescrutável, quase queimando-a com o calor dos olhos.

Sentindo-se desconfortável, Ally estendeu a mão novamente para pegar a calça.

— Não — disse Travis, fechando a porta atrás de si. Ele andou na direção dela, sem afastar os olhos por um instante, quase como se tivesse receio de que ela fosse fugir.

Ally não conseguia se mover, não conseguia falar, não conseguia fazer nada além de observá-lo se aproximar de forma lenta e deliberada. Travis a cercava, o que foi a coisa mais sensual que ela já experimentara, mas também um pouco assustadora. Ele era perigoso e imprevisível quando agia assim. Ela conseguia lidar com o Travis que era escroto, o chefe que discutia com ela diariamente. Mas aquele homem, aquele macho sombriamente atraente e belo que parara à sua frente, com os olhos ainda famintos percorrendo-lhe o corpo seminu, provavelmente era mais do que conseguiria aguentar.

Ele estendeu a mão, soltando a presilha dos cabelos de Ally e soltando os cachos loiros. — Ele viu você assim? Você se vestiu assim para ele?

Ally engoliu em seco antes de responder. Sabia o que Travis estava perguntando. — Não. Comprei por impulso, algo que ele nunca viu.

Normalmente, não visto isto. Mas eu não tinha outra meia-calça — respondeu ela nervosamente.

— Ótimo. Você é linda, Alison — disse ele baixinho, enterrando os dedos nos cachos e agarrando os cabelos dela. — Não aguento a ideia de mais alguém além de mim vê-la assim.

Ally estremeceu, mas não de frio. Os olhos de Travis ficaram escuros, quase pretos, e a ferocidade dele a deixou excitada de uma forma que nunca sentira. — Desculpe por eu ter usado o seu escritório. Preciso ir. — Minha nossa, ela estava fraca de desejo e, ao mesmo tempo, mortificada. Ela

estendeu a mão novamente para pegar a calça, mas Travis a agarrou pelo pulso, detendo-a.

— Merda! Não posso deixar que vá. Não agora. — A voz de Travis parecia atormentada. Ele usou o corpo para empurrá-la contra a mesa imensa, com uma mão em seu traseiro e outra ainda segurando-lhe os cabelos. — Ver você assim me deixa louco. A única coisa que quero ao olhar para você agora é assisti-la gozar.

Ally engoliu em seco ao encará-lo, como se estivessem travando uma batalha particular que Travis vencia. O corpo traiçoeiro respondeu às palavras e à proximidade dele e Ally não sabia se conseguiria recusá-lo desta vez. O ar entre eles vibrava com tensão e seu corpo pulsava com a dor insuportável de ter um pouco daquele homem, nem que fosse algo muito rápido. Por apenas um período pequeno, Ally queria... sentir. Travis a queria. Ele deixara aquilo bem claro. E, minha nossa, como ela o queria.

Travis afrouxou a mão que segurava os cabelos, alisando os cachos desgrehados. — Diga-me que não quer isto, Alison. — A voz dele estava tensa e rouca. Ele a desafiava enquanto a prendia com o corpo enorme contra a mesa.

Ally balançou a cabeça negativamente. — Não posso dizer isto. Mas garanto que vamos nos arrepender mais tarde. — Eles trabalhavam juntos.

Ele era seu chefe. Aquilo transformaria o relacionamento profissional deles em algo ainda mais desconfortável. Mas nada daquilo parecia importar. Os mamilos de Ally ficaram rígidos e doloridos quando Travis passou o braço em volta de sua cintura e puxou seu corpo com força contra o dele.

— Claro que não — respondeu Travis quando aproximou a boca da de Ally. Ele arrastou ruidosamente todas as coisas que estavam sobre a mesa, exceto o computador, até jogá-las no chão acarpetado com um movimento poderoso do braço. Em seguida, segurou-a pelas nádegas e ergueu-a sobre a mesa, conseguindo acesso melhor à boca de Ally. Ele gemeu e subiu as mãos sob a camiseta justa para tocar a pele nua dela.

Ally passou os braços em volta do pescoço de Travis, deliciando-se com a sensação dos cabelos dele entre os dedos. Inebriada pelas investidas da língua de Travis, ela estremeceu e abriu mais a boca, dando a ele o acesso que exigia de forma tão implacável. Ele colocou uma das mãos sob os cabelos dela, acariciando sua nuca, em uma ação sensual e dominadora ao manter a cabeça de Ally no lugar para que a devorasse.

Ela gemeu quando ele acariciou a pele do abdômen, puxou o sutiã para cima e deixou que o seio repousasse em sua mão. Ele não foi gentil, mas a última coisa que Ally queria naquele momento era gentileza. Seu corpo estava em chamas, o sexo quente e contraindo-se de desejo. O toque de Travis era do que ela precisava: duro, quente e incansável. E foi o que recebeu dele. Ele beliscou e acariciou, primeiro um mamilo, depois o outro, repetindo a ação enquanto tomava a boca de Ally até que a tensão que ela sentiu quase a deixou louca.

Ele afastou a boca, respirando pesadamente. Ally estava tão sem fôlego quanto ele e deixou a cabeça cair para trás, deixando exposta a pele sensível do pescoço. Travis a explorou com a língua, arranhando-a com a barba por fazer. Ela fechou os olhos, sentindo cada nervo pulsando. — Por favor —

sussurrou ela, implorando a Travis que acabasse com o tormento.

— Diga que me quer — exigiu Travis, com o hálito quente acariciando-lhe a orelha.

— Por favor — repetiu ela incapaz de dizer mais alguma coisa.

Travis pegou os braços dela, inclinando-a para trás até que estivesse deitada sobre a mesa. — Você parece um sonho erótico — disse ele com expressão selvagem.

Os olhares se encontraram quando Travis se inclinou para a frente, apoiando os antebraços nos lados do corpo dela. Para Ally, foi como se o tempo tivesse parado e ela viu a própria paixão refletida nos olhos escuros de Travis.

Ele afastou o olhar ao baixar a cabeça para os seios de Ally, acariciando os mamilos com os polegares e mordendo-os gentilmente. A dor e o prazer

quase a fizeram perder o controle e ela se mexeu sob ele com um desejo insatisfeito.

Travis soltou o mamilo e deslizou os dedos sob a calcinha delicada, encontrando um calor líquido.

— Puta merda, você é tão gostosa — disse Travis com voz estrangulada.

Ele agarrou a calcinha frágil e arrancou-a do corpo dela com um puxão súbito. O tecido rasgou e caiu no chão quando Travis o soltou e colocou a mão novamente sobre a boceta exposta. — Consigo sentir seu cheiro. Você me quer. Você quer isto. — Ele abriu as pernas dela um pouco mais, acariciando o clitóris sem misericórdia para estimular o feixe molhado de nervos.

Ally fechou os olhos e gemeu. — Sim. — Ela não só queria, como precisava daquilo. O corpo inteiro estava rígido, pronto para se libertar.

Ele usou a outra mão para penetrá-la com um dedo. — Minha nossa, como você é apertada. — Ele colocou mais um dedo dentro dela, movendo-os até que Ally começou a se contorcer. Travis parecia saber exatamente onde tocar, como estimular as áreas sensíveis dentro dela que a deixaram pronta para implorar por alívio.

Ela ergueu os quadris, buscando mais. — Mais. Por favor. — Levantando os braços, ela se agarrou à beirada da mesa, gemendo alto.

Ele moveu os dedos dentro dela com mais força, mais depressa, enquanto continuava a acariciar as dobras molhadas e o clitóris. — Diga-me o que quer — exigiu ele com voz rouca. — Diga o meu nome. Diga quem você quer que a faça gozar.

— Sim, por favor. Faça-me gozar. — Ally estava totalmente sem controle por causa do desejo, movendo a cabeça de um lado a outro sobre a mesa e com as pernas trêmulas.

— Quem? — Ele a penetrou mais fundo, abaixando a cabeça para morder a pele macia exposta da coxa acima da meia, como se quisesse deixar sua marca.

— Ai, meu Deus. Sim. — A mordida não foi gentil. Foi o suficiente para lançar Ally além do limite. — Travis — gemeu ela finalmente, com o corpo estremecendo ao ser atingido pelo clímax.

— Goze para mim. Quero ver você gozar — comandou Travis ao endireitar o corpo, com o olhar fixo no rosto dela. O toque dos dedos dele continuou firme e incessante.

— Travis — gritou ela, sentindo-se despedaçar com o corpo inteiro estremecendo.

— Olhe para mim — disse ele, estendendo o orgasmo dela de forma intencional ao manter as carícias sobre o clitóris sensível.

Ally abriu os olhos, sem fôlego, e o olhar lânguido encontrou o olhar ardente dele enquanto ainda sentia as ondas de êxtase percorrendo o corpo.

— Travis? — chamou ela, sentindo-se subitamente exposta e muito vulnerável. Seu corpo nunca reagira assim antes e era um pouco assustador perceber quanto desejo e paixão aquele homem conseguia provocar. E ele nem tirara a roupa.

Ele a puxou gentilmente para cima, passando os braços em volta dela e segurando-a com força contra si, como se soubesse o que estava sentindo e tentando acalmá-la. — Eu tinha razão. Assistir você gozar foi a coisa mais satisfatória que já vi — sussurrou Travis em seu ouvido ao acariciar seu rosto.

Ally respirou fundo e soltou o ar lentamente. Ela deslizou a mão para a frente da calça dele e gentilmente segurou o membro rígido que sentia sobre o material fino. — Quero sentir você dentro de mim — admitiu ela com voz trêmula.

— Não. — Ele agarrou a mão dela e colocou-a em volta do próprio pescoço. — Não tenho controle nenhum no momento e não tenho camisinha. Não costumo carregar camisinhas para o caso em que tenha a oportunidade de realizar uma fantasia com a minha assistente sobre a mesa.

— Eu tomo pílula. E estou limpa. Fiz exames logo depois que terminei com Rick para ter certeza disso. — O desespero por Travis era evidente e ela se odiou por isso, mas não conseguiu evitar de querer satisfazer a necessidade de tê-lo dentro de si.

— Também estou limpo. E, se me disser mais uma palavra para me convencer de que não tenho motivos para não trepar com você agora mesmo, eu a deitarei sobre esta mesa em um piscar de olhos — avisou Travis em tom selvagem. — E ficaremos aqui até amanhã de manhã.

Ally saiu do transe em um choque de realidade. — Manhã? Ai, meu Deus. Eu preciso ir para o trabalho. Estou atrasada. — Ela se afastou de Travis relutantemente, sentindo falta, no mesmo instante, do abrigo do corpo quente dele. Ela esquecera totalmente do Sully's enquanto estava no meio do orgasmo mais incrível que tivera.

Ela rapidamente endireitou a roupa, puxando o sutiã para baixo e arrumando a camiseta sobre o corpo. Pegando a calça *jeans*, ela a vestiu, fazendo uma careta para a calcinha rasgada no chão. Ela se abaixou para pegá-la, mas Travis foi mais rápido, agarrando a calcinha e guardando-a no bolso do casaco. — Você não precisa ir — disse ele.

— Preciso. É meu trabalho — argumentou ela, pegando a presilha dos cabelos do chão.

— Não precisa. Você não trabalha mais lá — disse Travis com voz grave.

Ally o encarou, imaginando se ele bebera antes de voltar ao escritório, apesar de não ter sentido cheiro de álcool. — Não estou entendendo.

— Seu contrato foi encerrado — explicou ele pacientemente. O rosto dele estava novamente calmo, os olhos gelados.

Lentamente, ela compreendeu. — Você fez com que eu fosse demitida?

— perguntou Ally confusa.

Travis encostou o quadril na mesa e cruzou os braços. — Eu não diria exatamente isso. Tecnicamente, você foi dispensada. Tive uma pequena

discussão com o sr. Sullivan antes de voltar para cá.

Ally sentiu a raiva aumentar, uma fúria tão explosiva que seu corpo começou a tremer. — Como fez com que ele concordasse? Você o ameaçou?

— Não precisei fazer isso. O dinheiro sempre funciona — respondeu Travis friamente.

— Como pôde fazer isso comigo? Você sabe que eu precisava daquele emprego. — Ally se odiou por confiar em Travis. Ele usara o que lhe dissera contra ela. — O que eu fiz para você para que fizesse algo assim comigo? É a minha vida, a minha sobrevivência.

— Este trabalho é a sua sobrevivência — contradisse Travis. — E é exigente o suficiente. Quero que esteja livre, caso eu precise de você.

O olhar frio no rosto dele e o fato de não dar importância ao que fizera a deixaram furiosa e, naquele momento, Ally perdeu o controle.



Capítulo 6



—Você nunca precisou de mim nos últimos quatro anos. Por que esta exigência súbita? — Ela o encarou friamente. — Você não pode brincar com a vida das pessoas, sr. Harrison. Não sou um brinquedo. Sou uma pessoa, um ser humano, que precisa daquele dinheiro no momento. — Ela se aproximou dele e bateu com o dedo em seu peito com o rosto vermelho.

— Não, não precisa — respondeu Travis com um sorriso. — E acho que gostava mais quando você me chamava de Travis.

Ela tinha certeza daquilo, pois realmente gemera o nome dele em êxtase.

Ally explodiu. — Seu idiota! Você é um escroto egoísta e egocêntrico. —

Seus olhos se encheram de lágrimas, resultado da fúria que se espalhou pelo corpo todo. Ela acabara de ter um momento íntimo com aquele homem, o mesmo homem que fizera com que fosse demitida de um emprego do qual precisava naquele momento só por ser mais conveniente para ele. Ela ergueu a mão, que voou em direção a ele. O barulho satisfatório da palma da mão contra o rosto dele não foi suficiente para eliminar a mágoa da traição. Ela confiara nele sobre sua vida em um momento de fraqueza e usara aquelas informações para se livrar de algo que lhe era inconveniente.

— Agora não tenho mais emprego algum, pois estou me demitindo. Você não precisa me demitir desta vez. Não posso mais trabalhar para você. É só mais um homem em quem não posso confiar.

Com o máximo possível de dignidade que conseguiu reunir com as lágrimas escorrendo pelo rosto, Ally pegou os dois pares de sapato e o vestido e saiu correndo do escritório de Travis, guardando a presilha dos cabelos no bolso da calça. Ela pegou a bolsa, deixando todas as outras coisas na mesa. Ela só queria se afastar. Asha a ajudaria e pegaria o restante de suas coisas depois.

Ela saiu pela porta do escritório principal e percorreu o corredor até o elevador.

Esteja lá. Esteja lá, por favor.

Ally não queria esperar que um dos elevadores chegasse ao andar superior. Queria sair do prédio e ficar longe de Travis. Imediatamente!

Ela pressionou o botão impacientemente, várias vezes, como se isso fosse fazer o elevador chegar mais depressa. A visão estava borrada por causa das lágrimas quando ela entrou no elevador e apertou o botão do saguão.

— Ally! Mas que merda! Espere! — Havia um desespero no grito rouco de Travis que ela nunca ouvira, mas isso não derreteu o gelo que se formara em volta de seu coração.

Travis era um bilionário, um homem manipulador que estava acostumado a ter tudo de seu jeito. E não tivera um pinga de remorso por tirar um emprego

de que ela precisava só para que estivesse à disposição dele se precisasse dela, quando precisasse e por qualquer motivo. *Idiota!* Ele achava mesmo que ela se tornaria a transa que poderia chamar sempre que quisesse sair e brincar? De forma ridícula, ela caíra na conversa dele. E

talvez ele achasse que poderia fazer isso, agora que ela terminara com Rick.

Pelo tempo breve em que Travis tivera o corpo dela sob controle, Ally achara que sentira uma conexão, uma compreensão mais profunda entre eles. Como estivera errada!

Ele correu na direção do elevador enquanto as portas se fechavam. Por um instante, os olhos deles se encontraram e Ally viu o desalento no olhar dele quando ele viu o rosto dela. Ou, pelo menos, achou que vira. Mas não importava. Ela virou a cabeça, sem conseguir encará-lo, e as portas se fecharam.

— Ally! — A voz de Travis pôde ser ouvida além das portas fechadas.

Ela apertou novamente o botão do saguão, querendo que o elevador se movesse. Ele começou a descer, mas parou em vários andares, com pessoas entrando e saindo durante o caminho até o térreo. Ally virou o rosto, limpando as lágrimas do rosto e torcendo para que ninguém notasse.

Ela saiu do elevador para o saguão no momento em que Travis surgiu no pé da escada. Os cabelos dele estavam desgrehados e molhados de suor por ter descido tantos andares em tempo recorde. — Ally. Preciso falar com você.

Mas ela não queria falar com ele. A última coisa de que precisava no momento era um sermão do sr. Harrison. Ela saiu correndo pelas portas



automáticas para o calor da rua, o mais depressa que conseguia vestindo apenas meias, esforçando-se para não deixar cair as roupas nem os sapatos e tirando a chave da bolsa. Ela virou a cabeça quando colocou os pés no estacionamento, tentando ver se conseguiria chegar ao carro antes que Travis a alcançasse. Ele estava muito perto e ela correu cegamente, vendo um

momento breve de horror no rosto de Travis quando ele saltou na direção dela. O impacto do corpo dele a derrubou e eles flutuaram por um instante antes de cair sobre o asfalto, deslizando pelo chão. Travis rapidamente se virou e colocou-a por cima do corpo dele. Ela balançou a cabeça confusa e, logo depois, repousou-a sobre o peito dele. A queda a deixara com os sentidos confusos.

Logo abaixo, ela ouviu vagamente Travis chamar seu nome com voz rouca, com o som baixinho em seu ouvido.

Estranhamente, o único pensamento que se formou em sua mente foi de que, naquele dia, pela primeira vez desde que o conhecera, Travis a chamara de “Ally”.

— Tem certeza de que está bem? — Kade Harrison olhou em dúvida para o irmão gêmeo ao entregar a ele uma mochila com pomadas, curativos e analgésicos. Ele levava a mochila com roupas, a pedido de Travis, para a casa de Ally.

— Podemos ficar com Ally — sugeriu Asha baixinho, olhando interrogativamente para Travis.

— Eu vou ficar com ela — resmungou Travis, sem querer entregar os cuidados de Ally a ninguém mais depois de vê-la quase ser atropelada por um caminhão no estacionamento da Harrison. — Foi culpa minha. Eu a fiz correr para a frente daquele caminhão. Deveria ter explicado tudo a ela imediatamente.

Kade mudou de posição e cruzou os braços em frente ao corpo. — Não vou perguntar como exatamente isso aconteceu, pois duvido que me contasse. Mas Ally teve sorte, só está com arranhões por causa do asfalto.

Tenho a sensação de que você sofreu a maior parte do impacto e impediu que os dois fossem atropelados. Estou perguntando se você está bem.

Travis não pretendia contar ao irmão que a perna e as costas doíam muito. Depois do que Kade passara, as dores de Travis eram pequenas e o

arranhão pequeno no rosto sararia em breve. Ally se machucara mais, sofrendo arranhões nos braços e nas costas. Ele não conseguira salvá-la de escorregar no asfalto com o impacto do próprio corpo ao derrubá-la. Como ele estava coberto do pescoço para baixo, a única coisa de que podia reclamar era da dor do impacto. — Ela podia ter morrido — disse Travis ao irmão.

Travis sabia que nunca se esqueceria do momento em que vira o caminhão entrando no estacionamento e Ally correndo diretamente para o percurso dele. Ele estremeceu ao pensar no que poderia ter acontecido, no que quase acontecera. Apesar de ter conseguido tirar os dois do caminho do veículo, Ally ainda se machucara. Por causa dele.

— Mas não morreu, Travis — disse Kade em tom solene. — Você estava lá.

Eu causei aquilo. Foi culpa minha.

Travis sentiu uma vontade súbita de descarregar a consciência pesada, contar tudo a Kade, mas não disse nada. — Vou ficar aqui para ajudá-la.

Vocês dois podem ir para casa. Nós sabemos como é ter um arranhão daqueles. — Aquilo era colocar as coisas de forma simples. Como os dois eram viciados em qualquer coisa que andasse em alta velocidade, tinham tido vários acidentes, tanto na infância quanto depois de adultos.

Kade sorriu para Travis. — Eu trouxe tudo de que você precisará.

Travis levava Ally ao hospital, onde toda a sujeira fora removida das feridas. Mas ele sabia, por experiência própria, que elas começariam a doer muito em breve. Arranhões como aquele doíam mais tarde, não no momento em que aconteciam, pois as pequenas terminações nervosas começavam a reclamar horas depois.

— Telefone para nós — insistiu Asha. — Quero saber como vocês dois estão. — Ela se aproximou de Travis e beijou-o no rosto, evitando a área machucada.

Travis se mexeu de forma desconfortável, ainda não acostumado à afeição aberta de Asha. Não era que ele não gostasse... exatamente. Só não estava

acostumado. As únicas mulheres que tinham mostrado aquele tipo de afeição a ele foram Mia e Chloe, a irmã de Tate.

Travis viu o sorriso de Kade e fez uma careta para ele. Kade sabia muito bem que Asha o deixava desconfortável quando o tratava como irmão. Ele era um escroto frio e não sabia lidar muito bem com afeição aberta.

— Obrigado — resmungou Travis para Asha, lançando outro olhar maldoso a Kade.

— Cuidarei das coisas na Harrison por algum tempo. Só cuide de Ally —

sugeriu Kade, passando o braço em volta da esposa grávida. — E vá com calma nessa coisa de herói, está bem? Você me fez envelhecer uns dez anos hoje quando fiquei sabendo que estava no hospital.

Travis lançou um olhar sombrio ao irmão. — Agora você sabe como eu me senti — admitiu ele, lembrando-se do dia do acidente de Kade.

— Eu que sou o gêmeo maluco — disse Kade com uma risada ao conduzir Asha até a porta. — Mas, sério, telefone se precisar de alguma coisa. A Harrison sobreviverá sem você por algum tempo.

— Terá que sobreviver — respondeu Travis, sem se preocupar com a empresa no momento. Sua principal preocupação era Ally.

Travis trancou a porta quando eles saíram e pegou a mochila com os suprimentos médicos ao voltar para a sala de estar.

— Por que você ainda está aqui? — A voz de Ally veio do pé da escada.

— Você está machucada. Eu não vou embora. Quando esses arranhões começarem a doer, talvez você precise de ajuda. — Ele lançou um olhar obstinado a ela, uma advertência de que não iria a lugar algum.

— Sem querer ofender, você parece pior do que eu — respondeu ela em tom indiferente, percorrendo o restante do caminho até a sala de estar. Ela usava um roupão verde que a cobria do pescoço aos tornozelos.

Ela tomara banho e os cabelos molhados começavam a se curvar nas pontas. — Foi só o rosto e é superficial — disse ele sem dar importância ao comentário dela.

Travis a observou quando Ally se sentou com uma careta, dobrando as pernas sobre um reclinador. Ele largou a mochila com as roupas e levou a sacola com os suprimentos que Kade levara para a cozinha, procurando os analgésicos. Depois de colocar alguns comprimidos na palma da mão, ele pegou uma lata de refrigerante da geladeira e levou-os para Ally. — Tome isto — exigiu ele, entregando-lhe a lata e colocando o remédio em sua mão aberta.

— Só estou arranhada, Travis. Você pode ir embora agora — disse ela em tom firme depois de engolir os comprimidos. — Agradeço pelo que fez hoje. O motorista do caminhão disse que provavelmente teria me atropelado se você não tivesse impedido. Portanto, obrigada por me salvar. Mas prefiro que vá embora.

Travis tirou o casaco arruinado e enrolou as mangas da camisa, sentando-se no sofá em frente a Ally. — Eu não queria magoar você, Ally. E não vou deixar que peça demissão.

Ally resmungou fracamente. — O que vai fazer, sr. Harrison? Algemar meus pulsos na mesa do escritório?

Travis sentiu o pênis se contrair com aquela pergunta, mas ignorou-o. — Não.

— Como você já fez com que eu perdesse um emprego de que precisava, teria que me algemar para que eu colocasse novamente os pés naquele escritório. — Ally suspirou. — Não posso trabalhar mais para você porque...

— Eu aumentei o seu salário, a partir de hoje — confessou Travis. — Eu sabia que você não sairia do bar e não podia vê-la trabalhar de forma tão insana. Perguntei a Sullivan qual era o seu salário médio no Sully's, incluindo as gorjetas, e aumentei o seu salário um pouco mais do que esse valor. Você não precisa mais trabalhar lá. Achei que era o que queria. Achei que você queria ter algum tempo para correr atrás de seus outros sonhos. Na

verdade, era para ser uma surpresa de aniversário. Quando voltei tarde para o escritório, fiquei com receio de não encontrá-la mais. Eu queria levá-la para jantar fora para comemorar seu aniversário e dar alguma coisa que você realmente queria. Quando a vi usando apenas aquelas roupas íntimas, esqueci todo o resto. — Nada mais no mundo importara quando ele vira Ally no escritório, parecendo uma fantasia erótica. Precisara tocá-la, deixá-la louca de desejo como ele mesmo estivera naquele momento. Havia um limite para o que ele conseguia aguentar, que fora ultrapassado quando a vira.

Ally o encarou por um momento e respondeu em tom hesitante: —

Então, não foi só para a sua conveniência, não é?

— Sim e não. É conveniente saber que você está mais segura e mais feliz, mas não foi por isso. Acho que houve uma certa motivação egoísta envolvida. — Ora, ele não podia deixar que ela pensasse que era um homem altruísta, pois não era. — Mas não foi só porque eu a queria disponível para mim o tempo inteiro. Ally, quando foi que eu exigi que estivesse disponível depois do expediente? Posso ser um filho da puta, mas normalmente faço isso durante o expediente.

— Então, por que você disse aquilo? — Os olhos verdes tinham uma expressão confusa.

— Porque sou um idiota? — perguntou ele, tentando deixar a conversa mais leve.

Ally assentiu. — Concordo. — Ela olhou para ele, estudando seu rosto.

— Está fazendo isso tudo porque estamos atraídos um pelo outro?

Ally queria dizer que ele fizera aquilo porque queria trepar com ela mais do que queria respirar? Talvez... ou talvez não... ele não tinha certeza. A única coisa de que tinha certeza era que ela fora sacaneada pelo ex e ele queria deixar sua vida mais fácil. — Você merece o aumento. No decorrer dos anos, tornou-se mais uma assistente do que uma secretária, assumindo cada vez mais responsabilidades.

Ela olhou para ele desconfiada. — Você já me paga o teto salarial da minha profissão.

— Para uma posição de secretária. Promovi você para assistente executiva — respondeu ele calmamente. — Agora, você está no teto salarial desta outra profissão. — Ok... era um pouco de exagero. O salário dela ainda era maior do que o teto da categoria, mas, ora, a empresa era dele e Ally fazia o trabalho de assistente e de secretária. Ele nunca precisara de mais ninguém. Ela valia ainda mais do que aquilo.

Ela ergueu a sobrancelha para ele. — Ainda é um cargo de secretária, Travis. Só tem um título que parece mais importante. Por que está fazendo isso, de verdade?

— Achei que já tinha explicado — resmungou ele irritado. Minha nossa!

Será que a mulher não podia simplesmente aceitar o aumento e a promoção sem discutir? — Você teve que me aguentar por quatro anos. Antes disso, nunca consegui manter uma assistente nem uma secretária. — Aquilo era totalmente verdade. Ele era perfeccionista demais e ninguém, fosse como secretária ou assistente, tivera desempenho como o de Ally. Ela previa as necessidades dele antes mesmo que percebesse do que precisava. Pelo menos, em nível profissional.

— E você não podia ter discutido isso comigo primeiro? — perguntou ela baixinho.

— Não. Se tivesse, não seria surpresa. — E ele não pretendia deixá-la recusar.

— Você não pode simplesmente arrumar a vida das pessoas, Travis.

Agradeço o que está tentando fazer, mas sou adulta e tomo minhas próprias decisões.

— Desde quando? — desafiou ele. — Todas as decisões que tomou nos últimos anos foram do idiota do seu ex. E ele certamente nunca se preocupou se era algo que você queria ou não. Era tudo para ele. Que diferença faz se estou dando a você algo que realmente quer? — Travis não estava

acostumado a ser questionado quando fazia algo de bom, coisa que quase nunca acontecia. E ele gerenciava a vida das pessoas o tempo inteiro, normalmente porque elas não sabiam fazer isso muito bem.

Ela ficou em silêncio por um momento, encarando-o de forma interrogativa. — E quais são exatamente as minhas funções?

Travis não pensara naquilo. Ela já fazia o trabalho de dois funcionários.

— Decidiremos no decorrer do tempo.

— Não vou dormir com você — avisou Ally, franzindo a testa.

Travis cruzou os braços em frente ao peito, sentindo-se infeliz, e encarou-a de volta. — Você dormirá, sim. Mas, quando isso acontecer, não será porque é parte do seu trabalho. Fará isso livremente porque quer.

Ally tomou um gole do refrigerante e respondeu: — Não conte com isso.

— E você levará meu café todas as manhãs, como parte de suas novas funções — informou ele.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Claro que não.

Ele já sabia que ela diria aquilo, mas não se importou. Desde que estivesse segura e ele conseguisse persuadi-la a voltar a trabalhar na Harrison, aceitaria de bom grado.



Capítulo 7



Quando Ally acordou no dia seguinte, era quase meio-dia. Quando fora a última vez em que dormira até tão tarde? Ela se espreguiçou, fazendo uma careta quando o corpo protestou por causa do movimento súbito. Como

sempre, Travis tinha razão. As áreas arranhadas da pele doíam mais agora do que no dia anterior.

Ele ainda está aqui?

Ela saiu cuidadosamente da cama, pegando o roupão para vesti-lo sobre a camisola leve. Travis a mandara para a cama, dizendo que estaria lá se precisasse de alguma coisa. Ele realmente ficara apenas para garantir que ela ficaria bem? Aquele homem enfurecedor estava deixando-a confusa. Em um momento, era o mesmo idiota de sempre. No momento seguinte, fazia com que ela balançasse a cabeça em confusão. Ela ficara furiosa por ele ter interferido em sua vida. Ainda assim, o que ele fizera fora uma das coisas mais simpáticas que alguém já fizera por ela, mesmo sendo algo arrogante e imposto. Estranhamente, ela acreditara quando ele dissera que não fizera aquilo por si mesmo. Mas as ações benevolentes não eram consistentes com o Travis que ela conhecia. Certamente, ela o vira fazer coisas incríveis pela família, coisas que eles provavelmente nem tinham ciência. No entanto, ela não era família, apenas uma funcionária valiosa.

Curiosa, ela desceu a escada, passando pelas portas dos quartos e do banheiro e vendo todos os aposentos abertos e vazios. A mochila de Travis estava sobre a cama do quarto principal, o mesmo quase que ela se recusara a usar, pois fora onde encontrara Rick transando com a namorada. A prova da presença de Travis naquele quarto deu a ela uma estranha sensação de satisfação. A ideia de Travis dormindo naquela cama de alguma forma exorcizou alguns dos fantasmas do passado.

Ally parou abruptamente ao entrar na cozinha, vendo as pilhas de papel sobre a mesa. Travis estava sentado em uma das cadeiras, movendo papéis de uma pilha para outra. Ele resmungou e largou uma folha de papel sobre uma das pilhas, passando para a próxima com a mesma concentração intensa que ela via em seu rosto todos os dias no trabalho.

— O que está fazendo? — perguntou ela perplexa, notando a caixa dela, onde guardava todos os papéis, sob o cotovelo dele.

Travis ergueu o olhar, com os olhos escuros passeando por seu corpo e parando em seu rosto. — Contemplando como eu gostaria de colocar o seu

ex no hospital para uma longa estadia. Ele estaria lá agora se eu não achasse que isso só causaria mais problemas para você.

Ally abriu a boca, mas fechou-a novamente ao ver a expressão frustrada no rosto de Travis. Pela primeira vez, ele não parecia tão imaculado. Parecia perigosamente desarrumado, com os cabelos desgrehados como se tivesse corrido a mão por eles várias vezes. — Esses são meus papéis pessoais?

Travis deu de ombros. — Contas são coisas pessoais?

— Por que está vasculhando as minhas contas? Como ousa? — A raiva e a curiosidade batalhavam dentro dela.

— Você disse que precisava limpar a bagunça que o seu ex fez em sua vida para que pudesse prosseguir. É o que estou fazendo, limpando. —

Travis declarou aquilo com absoluta calma, lançando a ela um olhar questionador como se não entendesse o protesto dela. — Você deixou tudo arrumado, fácil de encontrar. É muito organizada. Tudo está em ordem alfabética. Apesar de eu não ter certeza de que você deveria rotular algumas contas como “idiota do ex”.

Ally respirou fundo e soltou o ar lentamente, sem saber se ria ou se estrangulava Travis. — Eu disse que precisava resolver tudo. Não acredito que está olhando as minhas contas.

— Na verdade, já terminei — retrucou Travis calmamente, recolhendo as pilhas e guardando-as na caixa. — E, se estava noiva, por que o idiota nunca comprou uma aliança para você? Ou você que não quis usá-la?

— Ele não comprou. Disse que não tínhamos dinheiro para isso.

— Ele comprou. Está em uma das contas. — Travis olhou para ela com preocupação. — Depois que vocês terminaram, por que diabos não o tirou de suas contas?

— Ele comprou a aliança para ela — respondeu Ally, sentindo a náusea subir do estômago para a garganta, horrorizada novamente por ter sido tão

idiota. — Só olhei para o saldo. Não consegui me forçar a ver o que ele tinha comprado. Em todo o tempo que ficamos juntos, ele nunca comprou uma joia para mim. Mas usou meus cartões e meu crédito para comprar milhares de coisas para ela. — Ally parou por um segundo para controlar as emoções. — Eu fui ingênua. Acho que nunca me ocorreu que um homem com quem passei cinco anos faria dívidas em meu nome depois de ter me traído.

— Mas que cara filho da puta — rosnou Travis, fechando a caixa com um barulho alto.

Ally sentiu os olhos se encherem de lágrimas, com uma sensação enorme de não ter sido valorizada deixando-a atordoada. — Eu não era importante o suficiente. Não importava o que eu fazia, nunca era suficiente.

— Não chore — disse Travis em tom sombrio. — Ele não vale a pena.

Acabou. Está tudo pago e você pode seguir a vida, Ally. Ele era uma sanguessuga que não se importava com ninguém além de si mesmo. O

problema não era você. A maioria dos homens mataria para ter uma mulher como você. O problema é ele, não você.

A voz de Travis soou tão sincera que Ally teve vontade de chorar ainda mais. — Tenho que pagar você. Não sou da sua família, Travis. Você não pode simplesmente assumir o controle da minha vida. — Ela queria brigar com Travis, ficar furiosa por ele ter interferido em suas coisas. Mas, na verdade, o que ele estava fazendo era uma das coisas mais doces que alguém já fizera por ela. Por isso, Ally tinha dificuldade em ficar brava com ele. Travis era voluntarioso e estava acostumado a cuidar de tudo. Mas quando fora que um homem se importara ou ouvira o que ela queria, oferecendo, ou até mesmo exigindo, que o deixasse ajudá-la a tornar seus sonhos realidade?

— Achei que quisesse deixar tudo no passado. — Travis parecia confuso.

— E não, não sou da sua família, o que é realmente uma ideia horrenda se levar em consideração como quero desesperadamente trepar com você.

Seria muito esquisito.

Ally suspirou. Não tinha dúvidas de que Travis queria transar com ela, mas não sabia o motivo. — É por isso que está fazendo isso tudo? — Os homens não pagavam as contas das funcionárias nem organizavam a vida delas para que fosse melhor sem motivo algum.

— Não — respondeu Travis com voz rouca. — Acho que eu só queria fazer com que você sorrisse para mim.

Aquela resposta a deixou atônita. Ela estudou o rosto de Travis, onde os arranhões que sofrera ao salvar a vida dela ainda estavam evidentes. Com os cabelos desgrenhados, o rosto cheio de marcas vermelhas, vestindo apenas uma calça *jeans* preta e um pulôver escuro, ele parecia quase...

vulnerável.

Ela sentiu os lábios tremerem por um momento ao prender a respiração atônita. Em seguida, não conseguiu se conter e sorriu como uma louca. Sim, ela estava furiosa por ele ter vasculhado seus papéis pessoais, mas o desejo de agradá-la estava estampado no rosto dele, o que fez com que seu coração saltasse de alegria. Travis Harrison, bilionário extraordinário, tirara a manhã para ajudá-la sem querer nada em troca além de vê-la feliz. — Assim está bom? — perguntou ela, ainda com um sorriso largo no rosto ao se aproximar do bule de café. — E vamos ter que conversar sobre como pagarei você e sobre como é errado mexer nos papéis dos outros.

Travis se mexeu desconfortável. — Esse sorriso foi suficiente para eu ficar de pau duro o dia inteiro.

Ally riu ao servir uma xícara de café. Não conseguiu evitar. — Mas você queria — lembrou ela.

— Ainda quero. Mas será muito confortável. Acho que vou ter que passar outra noite na sua cama me masturbando com fantasias em que trepo com você — disse ele em tom direto. — Mas posso garantir que as minhas fantasias sobre você foram muito melhores do que a trepada dele com a namoradina poderia ser.

Ally quase engasgou com o café. Ela sentiu o corpo quente ao pensar em Travis nu, masturbando-se na cama dela, enquanto imaginava coisas que

fazia com ela. — Você não fez isso — retrucou ela.

— Ah, fiz sim — respondeu Travis em tom malicioso. — E foi muito satisfatório saber que eu provavelmente tive mais prazer naquela cama com minhas fantasias sobre você do que ele com a namorada.

Ok... talvez ele tivesse feito isso. E aquilo deixou Ally ainda mais quente.

Se os fantasmas do ex transando com outra mulher naquele quarto ainda não tinham sido exorcisados, agora estavam, com certeza. Mudando de assunto, ela se sentou ao lado dele. — Podemos conversar sobre meu novo cargo e os termos do salário? — Ela não conseguiria passar mais um momento pensando em Travis acariciando a si mesmo.

— Não — respondeu ele de forma simples, pegando a própria xícara de café e tomando um gole. — Considere um bônus. Mas não vou discutir se

me deixar ser a primeira pessoa a ler o segundo livro da sua série de fantasia. Quero saber o resto da história.

— Você leu mesmo o primeiro? — perguntou ela espantada. Ele deveria ter lido o manuscrito quase imediatamente para já ter terminado.

— Eu disse que queria ler. É um livro bom, Ally. Muito bom. Você precisa terminar a série. O jovem herói consegue chegar à princesa?

Ele dissera que queria ler o livro, mas as pessoas diziam esse tipo de coisa o tempo todo, sem que fosse necessariamente verdade. Obviamente, ele lera a história, pois queria saber sobre o herói e a princesa. — Meu herói ainda é um pouco jovem para isso. — Ela tomou um gole do café. — Você não parece ser o tipo de pessoa que lê fantasia para adolescentes.

— Eu cresci lendo fantasia — respondeu Travis pensativo. — As Crônicas de Nárnia foram uma das minhas favoritas. Depois de ler o primeiro livro, eu me lembro de procurar em todos os armários que tínhamos, tentando achar uma porta secreta para que pudesse levar Kade e Mia para outro lugar.

O coração de Ally ficou apertado ao pensar em um Travis jovem tentando escapar da infância horrível. — Adorei aquela série. — Também fora uma de

suas favoritas pelos mesmos motivos de Travis: escapar da infância sofrida.

— Você precisa escrever, Ally. Termine os livros. Você tem talento. Não faço ideia de por que o livro foi rejeitado, mas livros como o seu iluminam a vida de muitos jovens. Eles podem escapar para um sonho quando tudo mais na vida é difícil. — Travis a encarou com uma expressão pensativa.

Em seguida, colocou a mão no bolso e tirou uma caixinha de veludo. —

Perdi o seu aniversário, mas isto me fez lembrar de você. Era para ter lhe dado ontem.

Ally olhou por um momento para a caixa sofisticada que Travis segurava.

Em seguida, estendeu a mão trêmula para pegá-la. Ela não estava acostumada a receber presentes, especialmente de homens. — Por quê? — perguntou ela nervosa.

— É um lembrete para que siga seus sonhos. E um presente atrasado de aniversário. Não é nada demais — disse Travis tenso, como se estivesse sentindo-se desconfortável.

Ally abriu a tampa e soltou uma exclamação ao ver o conteúdo. No interior, aninhado sobre o veludo vermelho, estava o colar mais exótico que ela já vira. Mas não foram os diamantes nem as safiras que chamaram sua

atenção imediatamente, foi o desenho. Era um pequeno unicórnio, com o corpo inteiro brilhando com diamantes brancos. O chifre e os olhos eram feitos de safiras pequenas. — Meu unicórnio — disse ela sem fôlego, pegando a joia que era uma réplica quase exata do unicórnio de seus livros.

— Ele não fala, como o seu, mas espero que se lembre de escrever sempre que o usar — disse Travis com voz rouca.

As lágrimas correram pelo rosto de Ally quando ela tocou na fera delicada e bela pendurada na corrente de ouro. — Não sei o que dizer. —

Ela realmente não sabia. Ninguém nunca lhe dera um presente tão especial.

— A primeira joia que ganhei de presente na vida — murmurou ela. — É linda. — Ela também sabia que era cara. — Travis, é um presente caro demais para que eu possa aceitar.

— Besteira. Eu disse que não é nada demais — resmungou ele. — Não vou aceitá-lo de volta, a não ser que diga que não gostou. Nesse caso, vou comprar alguma outra coisa.

— Eu adorei — gritou ela ansiosa. — Mas não recebo presentes assim. É demais. Mas é incrível.

— Não é nada comparado ao que quero dar a você, Ally. E ainda quero ser o primeiro a ler o próximo livro — exigiu ele.

Ally moveu o olhar do unicórnio brilhante para o rosto dele, vendo que seus olhos estavam turbulentos e desconfortáveis, como se não soubesse exatamente como se expressar. — Você acredita tanto assim nos meus livros?

— Não é só nos seus livros. Eu acredito em você — admitiu ele com tom sincero.

Com o coração pronto a pular do peito, Ally se levantou e aproximou-se de Travis, colocando os braços em volta dele gentilmente e beijando-o de leve no rosto. — Obrigada — sussurrou ela, sem conseguir mostrar o quanto a fé dele significava. Ela queria dizer a ele, queria que soubesse o quanto o apoio dele significava depois do que passara com o ex. Mas o nó na garganta não a deixou dizer mais nada. Portanto, ela simplesmente o abraçou, com as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto. — Eu adorei o colar e vou ficar com ele. Vai me lembrar sempre de que uma pessoa realmente gostou do meu livro — disse ela em tom leve, sabendo que Travis não conseguia lidar facilmente com as emoções. — E nós vamos conversar sobre como vou pagar as contas. — Ela o soltou relutantemente e sentou-se novamente.

— Não, não vamos — respondeu Travis. — E esse abraço foi suficiente para que eu fique de pau duro a semana inteira.

Ela riu, divertida com o olhar no rosto dele. Ela duvidava que Travis ficasse excitado com um simples abraço, mas ele fazia muito bem para o seu ego ferido. Travis Harrison poderia ter qualquer mulher que quisesse, quando quisesse. Mas ela deixou que os elogios a envolvessem, deixou que o fato de ele a achar atraente aquecesse sua alma. — Não consigo acreditar que você não foi para o escritório hoje. Vamos trabalhar amanhã? —

perguntou ela, sabendo que Travis nunca faltara a um dia de trabalho.

— Claro que não. E terei que trocar o curativo dos seus machucados de novo mais tarde. Você não vai trabalhar por algum tempo. Suas férias começaram mais cedo. — Travis lançou a ela um olhar obstinado.

Ally revirou os olhos. — Estou bem. Você não precisa cuidar de mim.

— Mas vou — respondeu ele irritado. — Portanto, acostume-se com a ideia.

Ally cruzou os braços em frente ao corpo, adorando secretamente a proteção que ele oferecia, mas, ao mesmo tempo, sentindo-se confusa. —

Por quê? Sou apenas uma funcionária. Não sou como Mia ou Kade.

Entendo que interfira na vida deles. Mas por que na minha?

— Eu não interfiro na vida deles — respondeu Travis irritado.

— Ah, então você não fez Mia desaparecer por dois anos para que o ex não a ferisse, sem contar nada a ninguém, exceto à sua equipe de segurança? E foi coincidência estar no Colorado quando aquele mesmo ex teve um acidente de carro fatal? — Travis achava que era completamente cega e surda? Ela era assistente dele. Via e ouvia praticamente tudo o que acontecia no escritório.

— O que diabos você sabe sobre isso? — Travis lançou um olhar penetrante a ela.

— Eu sei que Mia telefonou para você um dia antes de desaparecer e parecia perturbada. E desapareceu no dia seguinte. Todos os dias, depois disso, você

teve uma reunião com a segurança bem cedo pela manhã, coisa que nunca fizera antes. Você nunca se importou com a própria segurança. E

sei que você se distanciou de Kade e Max. Além do mais, sei que você não ficou triste, como sei que teria ficado, se achasse que alguma coisa acontecera com a sua irmã.

— Você sabia o tempo inteiro? — perguntou Travis incrédulo. — E

nunca contou nada a ninguém.

— Por que contaria? Percebi que, de alguma forma, você estava tentando protegê-la — respondeu Ally. — Por que eu colocaria a segurança dela em risco? Sou sua assistente e nunca trairia você.

— Como poderia saber com certeza que eu a estava protegendo? E se eu tivesse feito alguma coisa para tentar me livrar dela? E se eu quisesse a parte dela das ações e das empresas?

Ally fez um gesto de desprezo. Obviamente, Travis nunca se vira quando olhava para Mia, nunca notara o amor que sentia pela irmã nas profundezas de seus olhos. Talvez não soubesse se expressar bem, mas o amor pela irmã era evidente. — Impossível — respondeu Ally em tom firme. — Eu não entendia tudo o que estava acontecendo, mas sei o quanto gosta de Mia e era tudo de que precisava saber.

— Ele a atacou, bateu nela, fez chantagem — admitiu Travis com voz rouca. — Quando eu finalmente o encontrei, ele fugiu. Eu segui.

Convenientemente, ele caiu de uma ribanceira com o carro. Mas eu fiz com que isso acontecesse. Eu o matei. E nunca tive um pinga de remorso. Só fiquei feliz porque o idiota estava morto e não poderia matar a minha irmã.

— Também fico feliz — afirmou Ally.

— Você não fica assustada por eu ser um assassino? — perguntou Travis com olhar sombrio.

— Não. Você fez o que era preciso para proteger Mia. Só lamento que tenha precisado carregar esse fardo sozinho.

— Não tinha outro jeito. EU não podia arriscar que Max e Kade denunciassem a localização dela — disse Travis com remorso.

Ally se perguntou se Kade e Max sabiam o preço que Travis tivera que pagar para não contar nada a eles, assumindo o fardo de saber completamente sozinho. — Você ama os seus irmãos, Travis. Eu sempre soube disso. Acho que nunca perdeu um dos jogos de Kade. Ele sabia que você estava sempre lá? — Sempre fora Ally quem providenciara o jatinho para que Travis voasse para onde Kade estava jogando e para trazê-lo de volta no mesmo dia.

Travis deu de ombros. — Eu não queria deixá-lo nervoso. Só queria estar lá.

Eu só queria estar lá. Subitamente, Ally percebeu que aquela frase resumia quem era Travis: um homem que queria apoiar os irmãos e não se importava se levaria crédito por ser um irmão incrível para eles.

Provavelmente, nem Mia nem Kade percebiam com que frequência Travis

os apoiara sem que soubessem de nada. Mia sabia o quanto Travis aguentara para mantê-la escondida e segura, como tivera que se isolar do próprio irmão e do cunhado? Ela sabia o quanto Max e Kade se ressentiam do que ele fizera? Kade percebia que Travis assistira a todos os seus jogos e como ficara arrasado com o acidente dele? Depois do acidente, ele passara no hospital praticamente todos os momentos em que estava acordado. —

Você é um irmão incrível, Travis Harrison — disse Ally baixinho. — Eu teria dado qualquer coisa para ter alguém como você.

— Ainda assim, não quero ser seu irmão — respondeu Travis em tom agressivo. — Quero demais transar com você. — Ele se levantou e foi até o balcão da cozinha para pegar os comprimidos de analgésico, que entregou a ela. — Tome isto. Precisamos trocar esses curativos.

Ally pegou os comprimidos da mão dele e engoliu-os com um gole de café. — São só arranhões, Travis.

Ele fez um gesto de desprezo ao responder: — Você não precisa deixar que aconteça uma infecção. — Ele fez uma careta ao se sentar novamente.

— Você está sentindo dor — comentou Ally. — Você se machucou?

Achei que estava bem.

— Só arranhões por bater no asfalto — respondeu Travis, não querendo que ela se preocupasse. — Não é nada demais.

— Você está sentindo dor. Deixe-me ver — disse ela em tom firme.

Travis se virou obedientemente na cadeira e levantou a camiseta. Ally soltou uma exclamação ao ver uma contusão do tamanho da mão na parte inferior das costas dele. Estendendo a mão, ela a tocou com a ponta do dedo. — Meu Deus, Travis. Eu sinto muito.

— Caí sobre uma pedra ao bater no chão. Vou ficar bem — respondeu ele.

— Talvez seja preciso fazer um raio-X. E se você quebrou alguma coisa?

— Não quebrei. Já me machuquei o suficiente para saber.

— Há mais? Onde elas terminam? — Ally ficou abalada com o fato de que não sabia que Travis se machucara.

Travis virou a cabeça lentamente e abriu o sorriso mais malicioso que ela já vira. — Querida, para mostrar todas elas, eu teria que tirar a calça. Mas ficarei muito feliz em mostrá-las se tocar em todas elas.

Ally engoliu em seco, dividida entre o desejo de ver os machucados e sabendo que não deveria ver o chefe bilionário tirar a calça. — São muito ruins? — perguntou ela.

— A das costas provavelmente é a pior. Foi onde bati na pedra. Mas, se quiser, ficarei feliz em mostrar. — Ele começou a se levantar.

— Não, não — disse ela apressada. — Eu acredito em você. Mas, se a dor ficar muito forte, iremos ao hospital para que faça um raio-x. Não acredito

que se preocupou com alguns arranhões pequenos em mim quando está todo machucado. Sente dor em mais algum lugar?

Travis se sentou de novo lentamente. — Meu pau está doendo. Quer tocar nele? — perguntou ele com voz rouca, mas o olhar dele era provocador e malicioso.

O rosto de Ally ficou vermelho e as palavras diretas de Travis a deixaram sem palavras por um momento. — Você tem a mente suja — recriminou ela de leve. — E estou realmente preocupada com os seus machucados.

— Estou machucado. E esta é a pior dor que estou sentindo — disse Travis, encarando-a com olhar faminto.

A expressão predatória dele a deixou ainda mais vermelha. Ela não corava daquele jeito desde a época da escola. Travis lhe mostrara outro lado de si mesmo e ela gostara. Gostava dele naquele momento. Mas o olhar feroz a deixava tão nervosa que quase ficava ofegante com a vontade de tocá-lo. — Você está machucado e ainda consegue pensar nisso?

— Alison, eu teria que estar morto para não querer que me toque — respondeu Travis.

Ally estremeceu, sentindo-se inundar de um calor úmido e os mamilos ficarem rígidos devido à intensidade do olhar dele. O problema era que ela se sentia exatamente da mesma forma. Ela afastou o olhar, sem conseguir aguentar o calor nos olhos dele. Se demorasse mais um segundo, estaria implorando para que ele a deixasse tocá-lo. — Nada de tocar — disse ela em tom muito mais firme do que sentia naquele momento. — Você precisa se curar. — Ally se levantou e colocou a xícara vazia na pia, segurando o presente precioso de Travis na mão.

— Eu tinha receio de que você diria isso — respondeu Travis descontente, levantando-se para colocar a própria xícara na pia.

— Obrigada por isto — sussurrou Ally, gesticulando em direção ao colar.

— Foi o presente mais incrível que já recebi. Significa muito para mim. —

Não era o valor monetário, mas o significado do símbolo, um sinal da crença de Travis nela.

Ally caminhou em direção à entrada da cozinha para subir e tomar um banho.

— Ally? — A voz de Travis, ainda parado ao lado da pia, soou hesitante.

— Sim? — Ela virou a cabeça para ele.

— Obrigado por não me trair — disse ele.

— Você não precisa me agradecer por isso, Travis. Sempre teve a minha lealdade. — E era verdade. Ele a deixava enfurecida com frequência, mas em momento algum ela duvidara da integridade de Travis nem do amor dele pela família.

Ele assentiu abruptamente e virou-se de costas, deixando Ally perguntando a si mesma o que acabara de acontecer entre eles. O

relacionamento deles mudara, deixando-a imaginando se seria realmente possível que ela e Travis se tornassem... amigos.

Travis a derretia apenas com o olhar, deixando-a em chamas com a voz sedutora e os comentários maliciosos. Mas ela precisava ignorar as duas coisas, esperar até que ele encontrasse outro interesse romântico. Ser qualquer coisa para Travis além de funcionária e amiga era perigoso. Ela já ficara arrasada quando achara que ele traía sua confiança ao fazer com que fosse demitida do Sully's, quase jogando-se sobre um caminhão em movimento por estar tão desesperada. Ally mal conseguia imaginar como as coisas seriam se ela se permitisse ficar mais íntima dele do que já acontecera. Travis a deixava exposta e vulnerável, inebriada e aterrorizada.

Chegar perto demais dele seria um erro e não haveria como recuar depois que o deixasse se aproximar. A intensidade dele a destruiria e ela teria que recolher os pedaços de si mesma depois que o caso amoroso terminasse.

— Não se apaixone por ele, Ally. Mantenha-o à distância — disse ela a si mesma enquanto subia a escada.

Com o senso de autopreservação novamente no lugar, ela foi tomar um banho, torcendo para que conseguisse manter aquela resolução.



Capítulo 8



Travis permaneceu o fim de semana inteiro, sem deixar a casa de Ally nem uma vez, exceto para pegar algo que tinha certeza absoluta de que ela precisaria. Ele partiu relutantemente na manhã de segunda-feira, depois que Ally insistira que ficaria bem sozinha. O fim de semana fora uma revelação para ela, mostrando cada vez mais como Travis podia ser uma pessoa incrível em uma atmosfera diferente, longe do escritório. Eles passaram horas assistindo a filmes e jogaram xadrez várias vezes, um jogo em que Ally sempre se achava muito boa... até jogar com um mestre como Travis, que ganhou todas as partidas. E eles conversaram. Algumas vezes, discutiram coisas inconsequentes, mas ele se abriu um pouco em relação a como fora sua infância, criado por um pai volátil e louco. E ela contara algumas de suas lembranças de ser criada por uma mãe alcoólatra e de como se sentira isolada e fora de controle quando era mais jovem. Quando Travis foi embora na segunda-feira, ela sentiu sua falta desde o momento em que ele saiu pela porta. A casa ficou estranhamente quieta e ela detestou tomar o café da manhã sozinha, sem ninguém com quem conversar.

Na terça e na quarta, Ally ficou ocupada demais recebendo entregas para pensar na solidão. A campanha tocou praticamente sem parar, com tantas entregas chegando que a sala de estar ficou cheia de caixas, a maioria contendo itens para um novo enxoval que Travis comprara. Obviamente, ela telefonara para ele para protestar, mas Travis lhe disse para consultar o novo contrato de emprego que, pelo jeito, tinha uma cláusula sobre roupas de trabalho a serem fornecidas por ele.

Ally olhou em volta da sala de estar e revirou os olhos. *Roupas de trabalho?* A sala tinha mais roupas do que uma boutique chique, variando de roupas

íntimas a vestidos de noite. E todos os itens couberam nela

perfeitamente, até mesmo os sapatos e as botas. Como ele soubera exatamente que tamanho comprar?

— Porque ele é Travis Harrison e não faz nada sem prestar atenção a cada detalhe — sussurrou ela para si mesma, sentando-se no pedacinho do sofá que ainda estava livre. — Não posso ficar com isto tudo. Não há uma coisa aqui que não seja de alta costura e horivelmente caro.

Ally começou a erguer caixas, finalmente encontrando o celular sob uma lingerie escandalosa.

Vou mandar tudo de volta. Você só prometeu me dar um vestido para usar no Colorado. É mais do que suficiente.

Ela enviou a mensagem de texto, determinada a escolher um item para o baile no Colorado ao qual teria que ir com Travis.

Ele respondeu momentos depois:

Não pode. Estava tudo em liquidação e não pode ser devolvido. Não gostou?

Ally suspirou, rindo alto com a referência à liquidação. Nada muito criativo nem crível vindo de Travis. Ela respondeu à mensagem dele.

É demais. Um vestido é suficiente.

Ela teve um sobressalto quando o telefone tocou, já sabendo que era Travis.

— Mulheres lindas devem ter roupas lindas — disse Travis em seu ouvido antes que ela conseguisse dizer alguma coisa. — Eu forneço as roupas para você. Leia seu contrato.

— Há alguma coisa mais nesse contrato que assinei, mas não li, sobre a qual eu deveria saber? — perguntou ela frustrada, desejando ter lido com mais cuidado o contrato que Travis lhe pedira que assinasse durante o fim de semana. Mas ela supusera que eram as coisas comuns, como os contratos de

emprego que assinara anteriormente para a Harrison. Travis sabia muito bem que, quando dizia coisas como aquelas, ele a deixava desequilibrada.

Ela não estava acostumada a ser chamada de linda, nem mesmo de remotamente atraente.

— Não viu a parte em que diz que posso transar com você quantas vezes por dia nós dois quisermos? — perguntou ele calmamente, como se estivesse tendo uma conversa de negócios.

O corpo inteiro de Ally foi invadido pelo calor. Cansada de deixar que Travis sempre levasse vantagem com aquela conversa sexual, ela respondeu em uma voz lasciva que nem sabia que conseguia produzir. — Não. Só



notei a cláusula que diz que eu posso ficar de joelhos, abrir sua calça e passar meus lábios em volta do seu pau sempre que eu quiser, chupando você até que goze.

Ela ouviu Travis soltar a respiração com força no outro lado da linha e abriu um sorriso malicioso. *Tome isso, sr. Boca Suja!*

A linha ficou em silêncio absoluto por um momento antes que Travis respondesse com voz chateada: — Farei com que pague por isso, Alison.

— Você pode falar, mas não aguenta ouvir? — perguntou ela inocentemente.

— Eu vou aguentar — respondeu Travis em tom perigoso. — Jantar hoje à noite — exigiu ele. — Pegarei você às sete.

— Eu tenho escolha? — perguntou ela exasperada.

— Sim. Pode usar a lingerie vermelha ou a preta. Eu imaginei nós dois transando com as duas — respondeu ele.

A linha ficou muda. Travis obviamente não estava disposto a lhe dar a oportunidade de discutir. Ela realmente o atingira, deixando-o um pouco

abalado com a resposta.

Talvez ela devesse estar chateada por não ter conseguido convencê-lo a levar algumas das roupas de volta ou irritada porque Travis acabara de supor que sairia com ele para jantar. Mas a única emoção que sentia no momento era um frio na barriga com a ideia de vê-lo de novo.

Ela riu e começou a vasculhar as caixas em busca de algo para vestir naquela noite.

Travis se recostou na cadeira e fechou os olhos, tentando não olhar para a mesa e lembrar-se de Ally espalhada sobre ela, abandonada e desesperada.

Ele tentou não ouvir os gemidos de prazer quando ela se abriu e gozou para ele.

Mas que merda! Ele odiava aquela mesa maldita. Era uma tortura trabalhar naquele escritório todos os dias, tentando não pensar no que acontecera em cima da mesa. Algumas vezes, ele podia jurar que sentia o cheiro dela, um aroma fantasmagórico de quando ela gozara.

As palavras dela sobre chupá-lo ficaram dançando em sua mente, deixando-o de pau duro e com os punhos cerrados sobre a mesa. — Preciso de uma mesa nova — disse ele, pensando, na realidade, que precisava era

de um exorcismo. Ally o assombrava praticamente todos os minutos de todos os dias. E ficara ainda pior depois que ele passara o fim de semana com ela, percebendo como adorara praticamente tudo sobre Ally. Ouvi-la falar sobre a infância e as vulnerabilidades fizera com que ele quisesse protegê-la ainda mais, determinado a transformar a vida dela em tudo o que merecia.

— Você pagou uma fortuna por essa mesa. Por que quer se livrar dela?

— A voz de Kade soou da porta do escritório de Travis.

Abrindo os olhos, Travis lançou um olhar desgostoso ao irmão gêmeo. —

Não quero.

— Ficarei com ela se quiser trocá-la — disse Kade casualmente, fechando a porta e sentando-se na cadeira em frente à mesa de Travis.

Ah, claro que não. Nunca que Kade usaria a mesa que Travis usara para fazer Ally gozar pela primeira vez. — Não — respondeu ele com raiva.

— Está bem, está bem. — Kade ergueu a mão derrotado. — Achei que tinha ouvido você dizer que queria uma mesa nova. Só estava me oferecendo para tirá-la de suas mãos. Queria saber como está Ally. Tem notícias dela?

— Sim. Ela está bem — disse Travis ao irmão em tom mais calmo. — Eu só queria que ela estivesse de volta. O escritório não é o mesmo sem ela aqui.

— Você sente falta de brigar com ela — disse Kade em tom de implicância.

— Sinto falta de tudo dela — admitiu Travis. — Ela é... eficiente.

— O ex dela foi muito filho da puta com ela. Asha me contou — respondeu Kade furioso.

— Eu gostaria de matá-lo, mas acho que isso deixaria Ally chateada — comentou Travis.

— Você está bem caído por ela, não está? — perguntou Kade baixinho.

— Não negue, Trav. Sei disso já faz algum tempo.

— Como sabia? — Travis olhou para o irmão desconfiado.

— Eu passei por isso. Conheço os sinais. Acho que você sempre brigou com Ally para mantê-la à distância. Desde quando?

Travis suspirou, sem querer admitir, mas sentindo a necessidade de conversar com Kade. — Desde o dia em que a contratei. Havia candidatos mais experientes, pessoas com qualificações melhores. Mas eu devo ser um

maldito masoquista porque a contratei mesmo assim. Não consegui aguentar a ideia de não vê-la novamente.

— Ela sabe? — perguntou Kade.

— Deveria. Eu digo a ela todo santo dia que quero transar com ela — resmungou Travis.

Kade tossiu várias vezes antes de dizer: — Muito romântico e suave, Trav. É só isso que quer dela?

Era? Travis não sabia. — Não sou do tipo romântico e só o que sei é que aquela mulher me deixa louco.

— Ela foi muito magoada, Travis. Ally pode bancar a durona, mas está frágil no momento. A autoestima dela sofreu muito. Se só o que você quer é uma foda, procure em outro lugar.

Travis bateu na mesa de madeira com o punho, fazendo com que tudo sobre ela estremecesse. — Não acha que tentei? Não quero mais ninguém.

Não quero outra mulher. Só quero ela. Quero matar qualquer homem que olhe para ela, que a magoe de alguma forma. Quero dar a ela tudo e qualquer coisa que queira. Quero que ela seja feliz, mas que merda.

Kade sorriu para Travis. — Por que não tentou tirá-la do idiota do ex antes?

— Porque eu não sabia que ele era um filho da puta. Achei que ela estava feliz. Eu sou um escroto, Kade. Todo mundo sabe disso. Achei que estava melhor com um cara legal.

— E agora que ela está solteira? — retrucou Kade.

— Ela é minha — resmungou Travis. — Não vou dar a ela a chance de ficar com outro filho da puta. Se ela quer um filho da puta, pode ficar comigo.

Kade riu antes de responder em tom mais sério: — É sua vez, Travis.

Você passou a vida inteira cuidando dos negócios, dos funcionários, de Mia e de mim. Chegou a hora de descobrir do que precisa.

— Eu preciso dela — respondeu Travis desesperadamente. — Jesus Cristo. Não sei como você consegue. Como você precisa tanto de uma mulher e consegue sobreviver?

Kade sorriu. — Não consegue. Então você garante que fique com ela.

— Ela é teimosa — retrucou Travis. — Nem quer ficar com as roupas novas que comprei para ela. Está no maldito contrato. Diz lá que forneço a ela um novo guarda-roupa.

Kade fez uma careta. — As mulheres são engraçadas assim. Asha fez a mesma coisa.

— E o que você fez?

— Ignorei os protestos dela. Depois de algum tempo, ela aceitou e recebeu-as de Maddie como presente da irmã.

— Ally reclama muito — comentou Travis infeliz, sabendo que ela fazia questão que ele a ouvisse. Mas ele ainda tentaria ignorar. Queria que ela ficasse com as roupas. Minha nossa! Não era como se ele não pudesse pagar.

— Eu sei — disse Kade alegre. — É um dos motivos pelos quais acho que ela é perfeita para você. — Ele hesitou antes de perguntar: — O que você teria feito se Ally não tivesse descoberto que o ex era um filho da puta? E se ela tivesse mesmo se casado?

— Não sei — respondeu Travis com sinceridade. — Tentei não pensar nisso, tentei dizer a mim mesmo que não importava. Mas, se esse dia chegasse, esse momento, não sei se não teria feito praticamente qualquer coisa para evitar que isso acontecesse. A única coisa que me impediu foi a possibilidade de arruinar a felicidade dela. Merda! Não sei como nunca notei como estava cansada nem como as coisas estavam horríveis para ela.

Eu não sabia que ela precisava trabalhar em um maldito bar para conseguir pagar as contas. Achei que ela tinha uma vida perfeita, o noivo perfeito que

estava pronto para começar uma carreira próspera. Eu a queria, mas não achava que era a melhor coisa para ela. — Ele era um assassino e um escroto sem sentimentos. Ele quisera que Ally tivesse alguém melhor.

— E agora? — perguntou Kade em tom solene.

— Agora vou ficar com ela. Depois de entender a merda que ela teve que aguentar durante anos, até mesmo estar comigo seria melhor. Eu a trataria bem, Kade. Daria a ela tudo o que quisesse.

— Ninguém sabia pelo que Ally estava passando. Ela escondeu muito bem. Não é culpa sua. Acho que nenhum de nós conseguiu ver sob aquele exterior durão — disse Kade ao irmão pensativo. — Acho que Ally só precisa de um homem que se importe com ela. Pelo que Asha me diz, a autoestima de Ally sofreu muito. Aquele filho da puta obviamente a torturou mentalmente durante anos.

— Ele matou os sonhos dela — disse Travis em voz dura. — Não só a traiu e deixou-a com as contas dele, como não apoiou o sonho dela de escrever.

— Ally escreve? — perguntou Kade surpreso.

— Sim. Histórias incríveis. Ally é talentosa e não estou dizendo isso só porque sinto tesão. Ela tem um dom e ele nunca o encorajou. Fez com que ela desistisse, manipulou-a para que achasse que tudo era culpa ou responsabilidade dela. Só o que o idiota queria era dinheiro para terminar a faculdade. Tenho certeza de que ele não tinha intenção alguma de ir adiante com o casamento. Só usou as fraquezas de Ally para que ela o sustentasse.

— Travis cerrou os punhos sobre a mesa, desejando que as mãos estivessem em volta do pescoço do ex de Ally. — Ela é tão inteligente e linda. Não sei como ele conseguiu convencê-la do contrário. Mas conseguiu. Filho da puta!

— Algumas vezes, não nos vemos da mesma forma como os outros, Trav. Se alguém o massacra por tempo suficiente, você começa a acreditar

— retrucou Kade tristemente. — Ally obviamente não vê mais o próprio valor, exceto pelo trabalho. Ela pode ser confiante no trabalho, mas não em seu valor como pessoa. Olhe o que aconteceu com Asha.

Travis sabia que o Kade dizia era verdade, sabia como era ser massacrado até não conseguir ver a realidade. Ele, Kade e Mia tinham vivido aquilo durante a infância e a adolescência. Por sorte, tiveram uns aos outros.

Travis tinha dificuldade em comparar Ally a Asha, pois a personalidade na superfície das duas era muito diferente. Asha era mais quieta, mais tímida.

— Asha está melhorando.

Kade assentiu. — Sim, está. Mas nós dois sabemos que leva tempo para desfazer anos de condicionamento. Asha e Ally têm personalidades muito diferentes, mas acho que o motivo pelo qual ficaram amigas é que entendem uma à outra de uma forma que é realmente importante.

— Como posso consertá-la? — perguntou Travis.

Kade riu. — Ela não é um carro, Travis. É uma mulher. Elas são muito mais complicadas.

— Não diga. E você também não ajuda muito. — Travis olhou friamente para o irmão.

— Acho que você acabará descobrindo. Se realmente gosta dela, é a única coisa que importa. É muito mais do que ela teve no passado. — Kade se levantou e andou até a porta. Ele se virou ao abri-la, olhando primeiro para Travis e depois para a mesa. Em seguida, sorriu. — Acho que descobri por que você tem um relacionamento de amor e ódio com essa mesa.

Travis observou enquanto o irmão saía do escritório, deixando a porta se fechar silenciosamente atrás de si, ainda tentando entender exatamente o que Kade quisera dizer com aquele comentário. Certamente, Kade não tinha como...

Balançando a cabeça, Travis olhou para o relógio, convencido de que Kade nunca adivinharia por que ele estava tendo um problema de frustração com a mesa. Eram três horas da tarde. Mas que merda! Na maioria dos dias, ele não se importava com a hora por outro motivo que não fossem compromissos. Agora, queria que o maldito relógio andasse mais depressa.

Irritado, ele tirou o celular do bolso e enviou uma mensagem para Ally.

Seis horas, em vez de sete.

Pronto. Era uma hora a menos que teria que esperar. Pelo menos, ele a veria mais cedo. Se Ally não estivesse pronta ou não recebesse a mensagem, ele teria que esperar... ou pensar em alguma outra coisa para preencher o tempo...

Ele guardou o telefone no bolso e virou-se para o computador, perguntando-se se perdera completamente o juízo e achando que era o cara mais desesperado e ridículo da face da Terra. Afinal, que diferença faria uma hora?

O telefone apitou, avisando que chegara uma mensagem, e ele o pegou ansioso. Era de Ally e não havia palavras, apenas uma fotografia. Ele tocou na imagem, que foi ampliada, mostrando a lingerie vermelha delicada, uma calcinha minúscula e uma cinta-liga.

Travis quase deixou o telefone cair.

Ele resmungou baixinho e decidiu que uma hora faria uma diferença imensa.



Capítulo 9



Ally observou o reflexo no espelho de corpo inteiro do quarto. Era apenas cinco e meia da tarde, mas ela já estava pronta. O vestido vermelho era simples, com um decote ligeiramente maior do que ela normalmente usava, e delineava os quadris de uma forma que não sabia se era muito bom para a silhueta. Mas achou que estava com aparência passável. Ela arrumara os cabelos e aplicara maquiagem, deixando os cachos loiros caírem pelas costas e pelos ombros. A saia do vestido terminava perto dos joelhos e as mangas

três-quartos escondiam os arranhões. Os saltos altos prejudicavam um pouco o andar, mas, se andasse com cuidado, ela não teria problemas.

Ally desejou, não pela primeira vez, que fosse magra e bonita. Ela suspirou ao se afastar do espelho, recriando-se por se importar com aquilo. Ela só ia jantar fora com o chefe. Travis a olhava com fome nos olhos, mas ela ainda tinha muita dificuldade em acreditar que um homem como ele a quisesse. Talvez ele fosse, algumas vezes, tão solitário quanto ela. Mesmo quando estivera noiva de Rick, ela se sentira sozinha. Só não tivera tempo para pensar no assunto na época.

Tocando na corrente em volta do pescoço enquanto descia a escada com cuidado, seu coração ficou mais leve ao pensar em Travis e na fé que tivera nela ao lhe dar o unicórnio. Ela não podia nem dar muita importância à atenção que Travis lhe dava. Apesar de fazer bem para o ego, o comportamento dele não devia ser nada além de uma tentativa de animá-la e, talvez, uma sensação indevida de responsabilidade pelo acidente no estacionamento. Homens como Travis Harrison não se interessavam por mulheres como ela. Talvez ele transasse com ela, se estivesse sozinho entre uma mulher e outra, mas ter um caso breve não seria bom para Ally. Isso a

deixaria sentindo-se ainda mais vazia quando terminasse. Ela precisava se lembrar disso.

A campainha tocou e ela olhou para o relógio. Ele estava vinte e cinco minutos adiantado. Seu coração bateu mais depressa quando andou até a porta e segurou a maçaneta, imaginando se deveria ter mandado aquela fotografia da lingerie vermelha que estava usando. Fora um impulso, um momento raro de malícia. Agora, ela se perguntou o que ele diria.

O rosto que viu ao abrir a porta não era o que esperava e o sorriso leve em seus lábios se transformou em uma careta ao ver o ex-noivo parado lá.

Ele vestia calça *jeans* e uma camiseta, parecendo mais desarrumado do que nunca. Ally observou os cabelos castanhos e as feições dele, esperando que as emoções que deveria sentir fossem registradas. Mas ela não sentiu nada.

— O que você quer? — perguntou ela calmamente, querendo apenas que ele fosse embora.

— Quero voltar, Ally. — Rick a olhou com expressão atormentada.

— Não — respondeu ela simplesmente. Ele achava mesmo que ela consideraria a ideia? Talvez ela fosse uma pessoa dependente, mas não era tão idiota assim.

Ele passou por ela e entrou no saguão. — Você fez com que eu fosse demitido. Acho que, pelo menos, me deve um lugar para ficar.

Ally fechou a porta e encarou-o. — Não fiz com que fosse demitido. E

você deveria estar na cadeia pelas dívidas que fez em meu nome depois de transar com outra mulher nesta casa e terminarmos.

— Mentira. Meu chefe sabe exatamente o que aconteceu. Como ele saberia? Achou que não era um comportamento adequado para um novo profissional. Eles são todos homens de família. Como ele teria descoberto, a não ser por você? Você, eu e Amber éramos os únicos que sabiam — disse Rick em tom amargo.

Ally rangeu os dentes. — Saia. Vá ficar com a sua nova namorada. Não vai ficar aqui.

— Amber não quer que eu fique com ela. Disse que reconsiderou nosso relacionamento e terminou tudo. — O tom ficou menos raivoso.

Talvez porque você seja um idiota traidor. Será que a namorada dele sabia ou Rick inventara alguma história fantástica que a garota engolira por ser jovem e ingênua? — Ela sabia que estávamos noivos?

— Eu disse a ela que estávamos tendo problemas. E estávamos, Ally.

Você estava engordando e chegava todas as noites cheirando a álcool, graxa e cigarros por causa do bar. Não foi uma coisa boa para o nosso relacionamento romântico. Você nunca tinha tempo para mim. Eu precisava

de você, mas nunca estava lá. Por isso, eu acabei me desviando. Sei que não deveria ter feito isso com você, mas estávamos juntos havia cinco anos.

Quer mesmo desistir de tudo isso por causa de um erro? Deveríamos tentar de novo. — Os olhos azuis dele não mostravam remorso nenhum. O olhar era calculista, bem como as palavras. — Eu ia pagar você. Precisava de alguma coisa até receber meu pagamento. De qualquer forma, estive pensando sobre nós. Acho que podíamos ter resolvido tudo. Fizemos planos durante anos. Só ficou muito difícil com você longe o tempo inteiro.

Mas que filho da puta! Ele precisara do dinheiro para comprar coisas e impressionar a nova mulher. Sem dúvida, não pensara nela por um segundo até que a namorada começasse a repensar. Ele acabara de admitir isso.

Ela encarou Rick com olhar duro. Ele era fisicamente atraente, mas a visão dele a deixava enjoada. Aquele homem, aquele idiota infiel, fora a vida dela durante anos. Agora, queria que ela o aceitasse de volta? Ele não era só um idiota, era um sociopata. — Então, você veio correndo de volta até encontrar um novo emprego e outra mulher com quem trepar?

— Ally, preciso de você. Não percebi o quanto até que não a tivesse mais. — Os olhos dele percorreram o rosto e o corpo dela. — Você está bonita. Emagreceu?

Ela cerrou os punhos, tentando desesperadamente não deixar que ele a atingisse. Aquele homem fora sua vida, seu motivo para existir, até que arruinara tudo.

Ele está tentando fazer com que você se sinta culpada. Está tentando atingir você, fazendo com que pareça que tem justificativa por causa do seu comportamento.

Talvez ela não estivera lá sempre que ele precisara, mas estava trabalhando para eles. — Trabalhei feito uma louca por você, Rick. E não sou responsável por você ter perdido o emprego. E sim, deixei de lado minha aparência porque precisava dormir mais do que precisava de um corte de cabelo ou de uma manicure. E sim, ganhei alguns quilos porque não tinha

tempo de fazer exercícios nem de cuidar da dieta. Estava ocupada demais com você e o que queria.

— Ally, eu me arrependo...

Ela ergueu a mão para silenciá-lo. — A única coisa de que me arrependo é de ter desperdiçado cinco anos da minha vida com você. — Ela abriu a porta. — Agora, dê o fora da minha casa.

Rick a olhou furioso, sem se esconder mais sob a fachada de remorso. —

Você se arrependerá disto, Ally. Construímos uma vida juntos. Você estava tentando fazer com que eu voltasse ao me fazer perder o emprego. Mas conseguirei outro e você se odiará por não nos dar outra chance.

— Saia — disse ela com raiva, com a mão tremendo na maçaneta.

Rick lentamente saiu pela porta com uma expressão assassina. — Você está jogando tudo fora. Tudo pelo que trabalhamos tanto. Você não é mais tão jovem e nunca será bonita. Fui o melhor cara que você conseguiria encontrar.

Ally bateu a porta e trancou-a, com a madeira batendo nele ao sair. Ela ficou parada por um momento com o corpo inteiro trêmulo de raiva.

Por que os comentários dele ainda a magoavam? Ela não sentia nada além de nojo dele, mas a mente estava repleta de dúvidas.

Você engordou.

Nunca teve tempo para mim.

Nunca foi bonita.

Eu precisava de você. Nunca teve tempo para mim.

Racionalmente, ela sabia que ele era um filho da puta, mas, por algum motivo, as palavras negativas ainda a abalaram.

Uma lágrima correu por seu rosto e outra logo depois. Ela nem sabia por que estava chorando. Talvez fosse por causa dos anos vazios que passara com Rick ou talvez porque os comentários manipuladores dele tinham a intenção de magoá-la o suficiente para que o aceitasse de volta.

Ela se sentou no sofá, tentando entender os pensamentos confusos. Ela passara da mãe alcoólatra e verbalmente abusiva para Rick e conseguia ouvir a voz dos dois na cabeça. A mãe nunca tivera nada de bom a dizer quando não estava em estado de coma, resmungando sobre como o pai de Ally morrera, deixando-a com uma filha feia e ingrata para alimentar. Ally sabia que eram comentários de uma alcoólatra amarga, mas ainda assim moldaram a forma como se sentia sobre si mesma. Depois, encontrara Rick e, apesar de ele ocultar as críticas sob uma cortina de manipulação, a depreciação velada magoara do mesmo jeito.

Ela quisera tão desesperadamente ser amada que estivera disposta a aceitar o que Rick tivera a oferecer, pois era melhor do que nada?

Ally soltou um soluço estragulado e as lágrimas escorreram mais depressa. Tudo se resumia ao fato de que ela quisera ser amada. — Ele

nunca me amou — sussurrou ela com voz angustiada. — Acho que eu nunca o amei. — Rick a usara e, de certa forma, ela também o usara.

Quisera preencher a solidão que tinha dentro de si e enganara a si mesma acreditando que, se trabalhasse bastante, se desistisse o bastante por Rick, ele a amaria. — Sou uma mulher muito idiota. — Ela também não amara Rick. Apenas se convencera disso porque talvez ele estivesse certo. Talvez ela achasse que ele era o melhor que conseguiria ou que era tudo o que merecia.

Ally estava chorando abertamente quando a campainha tocou.

Controlando as emoções, ela rapidamente passou as mãos no rosto, tentando esconder as lágrimas.

Travis.

Qualquer animação que sentira mais cedo sobre a noite com o chefe desaparecera. Ela não queria sair com ele. Não queria ver ninguém. A única coisa de que precisava era algum tempo para se recompor. Ver Rick a deixara emocionalmente vulnerável. Ela não conseguiria enfrentar Travis no momento. As emoções estava perto demais da superfície.

Ela foi até a porta, mas não a abriu. Olhando pelo olho mágico, ela viu o rosto de Travis. — Tenho que cancelar o jantar. Não estou me sentindo bem

— disse ela na voz mais calma possível. — Desculpe.

— Está doente? — A voz de Travis parecia preocupada. — Abra a porta, Alison.

— Não posso. Talvez seja contagioso. Telefonarei para você quando estiver me sentindo melhor. — A voz dela tremeu e ela xingou a si mesma por deixar que a ansiedade ficasse evidente.

— Você está chateada. Abra a porta agora — exigiu Travis. — Não vou embora até ver se está bem.

Mas que merda. Por que Travis tinha que ser tão persistente? E teimoso!

— Por que não pode simplesmente ir embora? Não quero ver ninguém agora. — O desespero em se ver livre dele fez com que desistisse de fingir que estava doente.

— Você não está doente. Está chateada. Abra a porta ou quebrarei uma janela — ameaçou Travis.

O problema era que Ally sabia que Travis nunca fazia ameaças vazias e a última coisa que queria era trocar um vidro. Ele faria aquilo sem pensar duas vezes. Parte dela estava com raiva por ele a ameaçar, mas outra parte estava emocionada porque Travis parecia se importar de forma sincera.

Nada daquilo era culpa dele. O mínimo que ela poderia fazer era enfrentá-lo, mostrar que estava bem.

Depois de passar a mão sobre o rosto mais uma vez, ela destrancou a porta. Se ele ficasse satisfeito ao ver que ela estava bem, iria embora. Ela abriu a porta e a expressão preocupada no rosto dele fez com que ela quisesse se jogar em seus braços e chorar até que as emoções fossem embora. Mas, em vez disso, ela virou a cabeça e disse em voz fraca: —

Estou bem. Tive um dia ruim. Lamento que tenha dirigido até aqui.

Travis passou por ela e fechou a porta. Em seguida, ergueu o queixo dela e estudou-a por vários segundos antes de falar. — Você estava chorando. O

que aconteceu? Não existe problema grande o suficiente para fazê-la chorar.

Posso resolver o que for.

Ally olhou para ele, correndo os olhos sobre o terno imaculado e a gravata. Quando seu olhar caiu sobre o rosto dele, ela ficou abalada com a ferocidade em sua expressão. Mas aquele era Travis. Ele resolvia problemas, grandes e pequenos. Infelizmente, não poderia resolver o tormento emocional nem a mente perturbada dela. — Rick esteve aqui.

Quer voltar. — Ela se afastou dele e foi para a sala de estar, precisando se afastar da tentação de contar tudo a Travis. — Nós discutimos e isso me deixou um pouco abalada. Vou ficar bem. — Ela ficaria bem. Assim que conseguisse enterrar a sensação de inutilidade e a culpa, fundo o suficiente para que ninguém as visse.

Travis a pegou pela cintura e virou-a para si. — Ele machucou você? Ele encostou em você? Se fez isso, juro que vou matá-lo.

— Não. Só tivemos uma discussão. Não foi nada demais — respondeu ela, tentando manter a voz calma.

Travis a segurou pelos ombros. — O que aconteceu? Diga-me que não considerou, nem por um momento, voltar com aquele imbecil — disse ele, com toques de exigência e desespero na voz.

— Não. Eu não faria isso. É só que... — A voz dela morreu e Ally não sabia como explicar. As lágrimas começaram a se formar novamente, escorrendo

pelo rosto em frustração e dor.

Travis a pegou nos braços e sentou-se no sofá, mantendo-a no colo. —

Diga. — A voz dele era baixa e persuasiva. Os braços eram reconfortantes.

Ally desabou como um galho quebrado, balançando ao vento, que finalmente cedera à pressão e caíra no chão. Entre soluços, ela contou tudo a Travis, libertando as emoções que a perturbaram por tanto tempo. Depois

de contar a ele sobre o encontro indesejado com Rick, explicou como a mãe fora enquanto ela crescia e como sempre se sentira inadequada.

— Por que não consigo deixar de ouvir a voz dela dentro da minha cabeça? Ela está morta há anos — terminou Ally, sentindo-se frustrada consigo mesma.

— Talvez porque você escolheu o idiota como a próxima voz na sua cabeça. Achou mesmo que ele era tudo o que merecia, Ally? Um homem que deixaria você trabalhar até a morte, que a tratava muito mal e que a manipulava o tempo inteiro? — perguntou Travis, sentindo todos os músculos do corpo tensos. — Eu sei como é difícil não acreditar em tudo o que lhe dizem e ensinam. Mas acredite em mim quando digo que você não mereceu o que teve.

Ally olhou para Travis, que estava com o maxilar cerrado e os olhos furiosos. — Como você conseguiu, Travis? Como sobreviveu a tudo com que teve que lidar na vida sem ser afetado por isso? — Ele crescera com um louco e algumas das experiências que contara a ela fizeram com que estremecesse.

Ele prendeu um cacho dos cabelos dela atrás da orelha ao responder: —

Não foi assim. Aquilo tudo me afetou. Mas eu tinha Mia e Kade. A única coisa que sabíamos era que o que acontecia não era normal. E cresci enquanto estava na faculdade. Foi preciso. Meu pai não podia mais cuidar da empresa. No minuto em que terminei a faculdade, eu o afastei por incompetência e assumi seu lugar. A Harrison estava começando a florescer e havia pessoas demais contando conosco para sobreviver. A empresa não

aguentaria o comportamento louco e as tomadas de decisões malucas dele por muito mais tempo.

— Isso fez com que se sentisse vingado? Conseguiu se libertar? —

perguntou ela baixinho.

— Não me fez mal — admitiu Travis. — Não fiz aquilo por vingança.

Fiz para salvar a empresa que meu pai trabalhou muito para construir. Mas não vou dizer que parte de mim não ficou satisfeita quando finalmente consegui tirar do meu pai o poder que ele teve sobre todos nós a vida inteira.

— Quando você parou de ter medo dele? — perguntou Ally curiosa.

— Assim que cresci o suficiente para dar uma surra nele — respondeu Travis com a mão acariciando os cabelos dela distraidamente. — Ele era o monstro que nos aterrorizou durante anos. Finalmente percebi, quando

terminei a escola, que não precisava mais ter medo dele. Quando Kade e eu fomos embora para a faculdade, avisei a ele que, se algum dia encostasse a mão em Mia ou na minha mãe, eu o mataria.

— Você deu uma surra nele? — perguntou ela em tom hesitante.

Travis deu de ombros. — Não precisei. Na época, ele era só uma casca com uma mente insana. Mas ele nunca mais encostou em Mia. Nem na minha mãe... até matá-la.

— Você teria feito isso, se fosse necessário?

— Sim — respondeu Travis imediatamente. — Eu teria feito qualquer coisa para impedi-lo de machucar o resto da minha família.

Ally estendeu a mão e acariciou o rosto dele, deixando os dedos subirem para os cabelos. — Você foi muito corajoso. Sei que tudo pelo que passou foi muito doloroso, mas você sobreviveu intacto.

Travis soltou uma risada triste. — Talvez não intacto, mas, sim, sobrevivi.

— Desculpe por ter desmoronado de novo na sua frente. — Ally se sentia um pouco boba. Depois de tudo pelo que Travis passara, a história dela, em comparação, era leve.

— Não faça isso — disse Travis com voz rouca, apertando o braço em volta da cintura dela. — Não minimize nem esconda suas emoções. Pare de ser tão dura consigo mesma. Não é culpa sua, Ally.

Ally respirou fundo, encontrando o olhar de Travis com o seu. — Preciso me recompor.

Travis se levantou, levando-a consigo. — Você precisa começar a escutar vozes novas. E adicionar a sua voz a elas.

— Vou tentar — disse Ally firmemente, determinada a se livrar de velhos hábitos.

— Você está linda, Ally. — Ele recuou um passo. — Agora, tire o vestido.

Ally olhou para o rosto de Travis. O olhar intenso e implacável dele fez com que recuasse um passo. — Como? — Ela sabia que não ouvira direito.

— Tire. O. Vestido. Você pode tirá-lo por conta própria. Ou eu o tirarei.

No segundo caso, ele provavelmente não estará mais em condições de ser vestido — rosnou ele.

— P-por quê? — Ela ouvira direito e sentiu o corpo inteiro quente.

— Porque você vai começar a ouvir uma nova voz, que será a minha enquanto a faço gozar. — Travis cruzou os braços sobre o peito e aguardou.



Capítulo 10



Ally recuou ao olhar para Travis, que esperava de forma arrogante e ansiosa. — Não vou tirar o vestido. E você não vai rasgá-lo. Provavelmente custou uma fortuna. — Ela cruzou os braços em frente ao corpo e os dois ficaram encarando-se.

— Vai sim — disse Travis em tom ameaçador ao desabotoar lentamente o casaco e tirá-lo. — Não vim aqui hoje para trepar com você, Ally. Mas vou fazer isso porque não posso esperar mais. — Os dedos dele foram para o nó da gravata, que ele rapidamente desfez, tirando-a do pescoço. — E

também não acho que você queira esperar mais. — Ele começou a desabotoar a camisa. — Esperei quatro anos e não houve um único dia durante esse tempo em que não fiquei de pau duro por sua causa, que não quis me enterrar em você e torná-la minha. — Ele desabotoou as abotoaduras e deixou a camisa escorregar dos ombros, caindo em uma pilha a seus pés ao lado do casaco e da gravata. — Hoje você será minha.

Completamente. Sem dúvida alguma. Não ouvirá outra voz além da minha dizendo como você é linda e como eu a quero. E você não sentirá nada além de prazer.

Ally ficou imóvel, observando os braços e o abdômen musculosos de Travis expostos a seus olhos famintos. Minha nossa, o homem era lindo.

Tinha uma graça predatória e a pele firme que os dedos dela estavam ansiosos para tocar. — Você se sente atraído por mim há tanto tempo?

Ele se aproximou, dando os poucos passos necessários para colar o corpo dela ao seu. Abaixando a cabeça, ele passou a língua de leve no lóbulo da orelha dela. — Não atraído, Ally. Obcecado — respondeu ele, com o hálito quente batendo na orelha dela.

Ally estremeceu, incapaz de se impedir de colocar as mãos no peito dele.

Os dedos exploraram a pele sedosa sob os músculos de aço. Ele tinha uma tatuagem, uma bela fênix voando para longe do fogo, no lado direito do peito, o que o deixava ainda mais imprevisível e atraente. Travis era o último homem do planeta que ela imaginaria ter uma tatuagem. Ela correu a mão

pelo abdômen definido e pelas costas dele, saboreando a sensação da pele sob os dedos.

Travis mordeu de leve a pele sensível do pescoço dela e disse com voz rouca: — Acabou o prazo para o vestido, querida.

Ally deu um salto para trás ao sentir as mãos dele se fecharem sobre o tecido. — Não! Não faça isso. — Ela não tinha certeza se estava mesmo preocupada com o vestido. Pela primeira vez na vida, queria ser sexualmente ousada. Conseguia ver o desejo nos olhos de Travis e precisava confiar nele. Colocando a mão para trás, ela baixou o zíper e começou a puxar o vestido por sobre a cabeça, revelando as roupas íntimas à medida que o material sedoso subia. Ela estava sem fôlego por causa da ansiedade quando largou o vestido no chão, parada em frente a Travis vestindo nada além de uma calcinha vermelha minúscula, sutiã da mesma cor, cinta-liga e meias de seda. Os sapatos de salto alto ainda estavam em seus pés, mas não ajudavam muito, pois Travis era muito mais alto que ela.

Ele devia estar prendendo a respiração, pois soltou o ar em um assovio, dizendo em voz baixa e reverente: — Minhas fantasias não chegaram nem perto de imaginar o quanto você é sexy e linda. Meu Deus, como você não sabe como é gostosa, Ally?

Ela sentiu ondas de calor pelo corpo e a calcinha molhada ao ver o tormento no rosto de Travis, sentindo o desejo feroz que era quase palpável no ar ao redor deles.

Travis finalmente deu um passo à frente, abaixando as tiras do sutiã para mover a boca sobre a pele dos ombros dela. Ele abriu o fecho e deslizou o sutiã pelos braços de Ally, tomando cuidado com os arranhões dela. Ele colocou as mãos sobre seus seios, com o toque ficando duro e possessivo.

Ele observou os dedos brincando com os mamilos, gemendo de satisfação quando viu que ficaram rígidos. — Minha — disse ele. — Linda e minha.

Ally gemeu quando ele beliscou os mamilos, com os dedos explorando cada centímetro de seus seios como se quisesse tomá-los para si. — Travis

— gemeu ela quando ele colocou uma mão em sua nuca e tomou posse de sua boca, colando o corpo no dela. Ally se abriu para ele e a língua exigente

passou por seus lábios em um ato evidente de posse. A sensação de estar com a pele contra a de Travis foi exótica e sensual. Os mamilos roçaram no peito dele enquanto ele devorava sua boca com movimentos eróticos da língua. Ele a segurou pelo traseiro e puxou-a contra si. Ela sentiu a boceta se inundar com a ereção enorme contra seu quadril. Ally passou os braços em volta do pescoço de Travis e entregou-se, passando as mãos pelas costas dele ao sentir que se derretia.

Travis afastou a boca, descendo pelos ombros dela. Seus lábios se fecharam sobre um dos mamilos, chupando e lambendo cuidadosamente antes de passar para o outro. Ele se abaixou, ficando de joelhos, enquanto a língua percorria uma linha até a calcinha. — Vou fazer você gozar primeiro com a boca, Ally. Depois, vou trepar com você e fazer com que goze de novo — disse ele com voz baixa e perigosa, que estava ligeiramente abafada contra a barriga dela.

Ally olhou para baixo e a visão da cabeça de Travis tão perto da boceta quase fez com que gozasse, de tão erótica que era a imagem. Ela colocou as mãos nos ombros dele quando Travis agarrou a calcinha e arrancou-a de seu corpo com um movimento violento. Foi a coisa mais erótica que ela já vira e o desejo de Travis a deixou excitada. Ela se sentiu perdida quando ele a segurou pelos quadris, abrindo suas pernas e enterrando o rosto e a boca em seu sexo.

Travis não foi gentil nem provocador. Ele usou a boca e a língua para abrir suas dobras, colocando a língua ardente sobre o clitóris quase imediatamente. O corpo de Ally respondeu, reagindo a cada movimento da língua dele. Travis bebeu de sua boceta como se fosse um néctar, movendo

a língua com força sobre o clitóris, deixando-a ainda mais desesperada que ele.

— Ai, meu Deus, isso — gemeu ela, enterrando as unhas nos ombros dele.
— Travis, por favor. — O corpo inteiro de Ally estremeceu, com o calor espalhando-se intensamente.

Travis atacou sem misericórdia, sem parar. O maxilar, com a barba por fazer, raspou na parte interna de suas coxas, uma sensação erótica que fez com que ela enterrasse as mãos nos cabelos dele e puxasse-o para mais perto em uma súplica silenciosa.

Ele colocou os dentes em volta do clitóris, movendo a língua cada vez mais depressa.

Ally explodiu com um gemido torturado. — Travis — gemeu ela, agarrando os cabelos dele com mais força e puxando-o contra a boceta enquanto o corpo se despedaçava.

Ela arquejou enquanto ele continuava a lambar as dobras, prolongando o prazer, como se estivesse com uma sede desesperadora e precisasse de cada gota.

Ally teria caído no chão se Travis não tivesse se levantado para segurá-la pela cintura. Ele a abraçou com força ao beijá-la, deixando que ela sentisse o próprio gosto. O abraço foi inebriante, uma experiência nova, pois Rick supostamente odiava aquele ato particular em uma mulher. Por isso, ela nunca experimentara nada parecido. Ele fora seu único amante... até agora.

Ally colocou a mão entre os dois corpos, tentando abrir o cinto de Travis, desesperada para dar a ele o mesmo prazer magnífico que acabara de sentir.

Afastando a boca, Travis a segurou pelo pulso. — Não — disse ele. —

Se você colocar esses lábios maravilhosos em volta do meu pau, não vou durar mais do que cinco segundos. — Ele deu um passo atrás, sem tirar o olhar ardente dela. Em seguida, tirou os sapatos, as meias, a calça e a cueca, jogando-os longe.

— Minha nossa, você é magnífico. — Ally não conseguiu afastar os olhos do corpo maravilhoso, passeando sobre o pênis rígido imenso. O

corpo nu de Travis a deixou sem fôlego. Ela passou a língua pelos lábios de forma sensual, ansiosa para sentir o gosto dele.

— Puta merda, Ally! Não faça isso. Há um limite para o que eu consigo aguentar — exigiu Travis. Ele a pegou pela mão e levou-a até uma mesa onde ficavam as plantas dela. Ele posicionou as mãos dela sobre a mesa, fazendo com que se inclinasse para a frente. — No momento, a única coisa de que preciso é trepar com você. — Ele colocou as mãos nas nádegas dela, acariciando-as. — Você faz ideia de como essa bunda me torturou nos últimos quatro anos?

Ela não sabia, mas ouvir a urgência na voz dele fez com que estremecesse. — Não — respondeu ela com voz trêmula.

— Você sabe o quanto eu a quero, Ally? — Ele deslizou a mão entre as coxas dela, deslizando um dos dedos nas dobras molhadas.

— Acho que sim — respondeu ela com um gemido. Provavelmente, tanto quanto ela o queria naquele momento.

Ele se inclinou para a frente, cobrindo o corpo dela com o seu e a boca perto do ouvido de Ally. — Quero tanto você que mal consigo respirar.

Quis você durante anos. Você está ouvindo agora a minha voz. Consegue entender como é linda para mim?

Ally sentiu o pênis ereto entre as coxas quando ele afastou os dedos e agarrou-o. — Eu também quero você.

— Não tanto quanto eu quero você — disse ele em voz rouca. — Você será minha agora, Ally. Vou saciá-la até que não queira mais ninguém.

Ninguém nunca precisará de você como eu preciso. Ninguém nunca lhe dará prazer como eu darei.

— Travis, por favor — implorou Ally, precisando senti-lo dentro de si.

Ele agarrou os cabelos dela e puxou sua cabeça para cima. — Olhe para você. Diga-me que se vê linda neste momento.

Ally viu o próprio rosto no espelho oval à sua frente com o rosto abalado pelo desejo. Ela encontrou o olhar de Travis no espelho e a expressão dele era feroz e primitiva. Naquele momento, ele parecia maravilhoso com o desejo exposto, o que fez com que ela se sentisse da mesma forma. —

Parece que eu preciso de uma trepada — disse ela sem fôlego. Ela não conseguia reconhecer a mulher selvagem que a encarava de volta.

— Sim. Precisa de mim dentro de você. E é a coisa mais maravilhosa que já vi — disse Travis.

Ele sustentou o olhar dela ao penetrá-la, enterrando-se com um gemido.

Ally soltou um grito de alívio ao ser preenchida até que não sentisse nada além dele. Travis dominou seu corpo, preencheu seus sentidos e ela mal conseguiu manter a sanidade. — Ai, meu Deus — gemeu ela, incapaz de formar pensamentos coerentes.

— Você é tão gostosa, Ally. Diga-me o que quer — exigiu ele.

— Você. Só você — respondeu ela ofegante, gemendo quando Travis tirou o pênis quase completamente e penetrou-a de novo, preenchendo o espaço vazio dentro dela.

Ele moveu os quadris novamente. — Você quer que eu a faça gozar, Ally? — A voz rouca dele soou perto do ouvido dela.

— Sim, Travis. Por favor.

— Peça. Diga o que precisa de mim. Você merece ter prazer. Entende isso?

— Sim. Sim. — Travis fazia com ela sentisse que merecia o mundo. —

Deixe-me gozar. Eu quero. Eu quero você — disse ela ansiosa, sentindo-se como se estivesse prestes a explodir.

— Isso mesmo, querida. Seja exigente. Tenha o prazer que merece. —

Travis endireitou o corpo, mantendo os olhos no rosto dela ao se encararem no espelho. — Continue olhando para mim. Não pare. — Ele soltou os cabelos dela e segurou seus quadris, com o pênis penetrando-a repetidamente. Ele a segurou pelas nádegas com uma mão e deslizou a outra pelo abdômen de Ally, colocando o dedo entre as dobras úmidas.

Ally observou o rosto de Travis, hipnotizada. A expressão dele alternava entre agonia e êxtase ao penetrá-la repetidamente. Ela gemeu quando ele acariciou o clitóris, provocando-a. Ally fechou os olhos momentaneamente, reduzindo o excesso de sensações ao mover os quadris contra o pênis, enterrando-o ainda mais fundo.

— Olhe para mim, Ally. Goze para mim. Quero ver você gozar.

Entregue-se. Entregue-se a mim. Solte-se.

Foi demais. Ela abriu os olhos e foi atingida pelo olhar intenso e exigente de Travis. Ele a penetrou implacavelmente e o clímax a atingiu, com cada nervo pulsando quando ela gritou o nome dele.

— Você sempre será minha — rosnou Travis ao inclinar o corpo sobre o dela novamente. Movendo os cabelos dela para o lado, Travis mordeu o pescoço de Ally de uma forma sensual que a fez gemer.

Não foi o suficiente para romper a pele dela, mas a carnalidade da ação intensificou o orgasmo até que as paredes internas se contraíram firmemente em volta do pênis como se quisessem mantê-lo dentro dela para sempre.

Os cotovelos de Ally cederam e a cabeça caiu sobre os braços. Ela viu Travis inclinar a cabeça para trás, os músculos do pescoço flexionando-se quando ele rosnou, enchendo-a com o esperma quente ao manter os quadris firmemente contra os dela. — Minha — disse ele, passando os braços em volta do corpo dela e puxando-a para a cima para que encostasse nele.

Travis deu um passo atrás e jogou-se no sofá, puxando-a sobre si para que não caísse. Virando-a para que ficassem frente a frente, ele a abraçou,

mantendo as pernas enroladas nas dela e a cabeça de Ally em seu ombro.

Ally estava ofegante e sentiu a respiração irregular de Travis, sabendo que ele ficara tão abalado pelo que acabara de acontecer quanto ela. —

Você virou meu mundo de cabeça para baixo, sr. Harrison — disse ela sem fôlego. Nunca, nas cenas mais selvagens que conseguisse imaginar, teria visto o chefe solene e certinho como um amante dominante, apaixonado e intenso.

A mão dele bateu na nádega dela de forma ruidosa. Ardeu, mas não doeu de verdade.

— Travis — insistiu ele. — Sr. Harrison se aplica a mais de uma pessoa.

Não quero que se esqueça de quem foi que trepou com você até quase perder os sentidos.

Ele realmente fizera aquilo, mas ela respondeu em tom inocente: — Foi mesmo? Nem notei.

Ele bateu no traseiro dela novamente. — Você notou. E continuará notando até que a única voz que ouvirá será a minha dizendo o quanto quero trepar com você.

Ally levantou a mão, acariciando os cabelos grossos com os dedos. —

Obrigada. Nunca me senti assim — disse ela seriamente.

— Como?

— *Sexy*. Desejada. Bonita — admitiu ela baixinho. — Nunca me esquecerei desta noite.

— Não, não esquecerá. Porque faremos isso todas as noites — retrucou Travis. — Eu falei sério, Ally. Agora você é minha. Não vou deixar que vá embora.

Ai, meu Deus. Ally queria ser dele, mas estava tentando se libertar, não entrar em outra situação em que ficasse com o coração partido. Travis Harrison talvez a quisesse naquele momento e ajudara-a lhe dando um gostinho... não, um banquete de desejo. Mas ela era funcionária e assistente dele. — Travis, sou sua funcionária. Não podemos continuar a ter um caso.

Travis se sentou, mantendo Ally em seu colo. — Claro que podemos. E não é um caso. Nenhum de nós tem compromisso.

— Então do que você chamaria? — perguntou Ally com curiosidade.

— Uma fantasia que se transformou em realidade — disse Travis obstinadamente.

— E quando a fantasia terminar? — retrucou Ally.

— Não vai acabar. Nunca — respondeu Travis teimosamente. — Meu Deus! Se conseguiu passar cinco anos com um homem que não lhe dava a mínima importância, por que não pode tentar ficar com um homem que se importa com você e com o que quer?

Ally olhou para o rosto de Travis e a dor que viu nos olhos dele a deixaram abalada. — Desculpe. Acho que, com você, eu só estaria esperando até que a novidade de trepar com a secretária acabasse e

terminaria magoada novamente. Não é você. Sou eu, Travis. Tenho medo de tentar de novo tão cedo.

— Eu morreria antes de magoar você, Ally — disse ele com voz rouca, acariciando-lhe as costas distraidamente.

Ela sentiu um nó imenso na garganta ao subitamente considerar o motivo pelo qual não daria ao que estava acontecendo entre os dois uma chance de crescer. Ela achava que não merecia um homem que se importava? Achava que Travis não se importava? Independentemente do motivo, era algo autodestrutivo e ridículo. Ele era um homem como qualquer outro. Sim, era um dos homens mais ricos do mundo, mas julgá-lo unicamente com base

nisso era simplesmente idiota. Ela sabia agora que havia um homem bom por baixo do exterior solene e rabugento. E ela realmente gostava dele. Ele mostrava mais preocupação com ela do que qualquer outra pessoa em sua vida. Talvez aquela fosse a parte que mais a assustava. — Acho que só não estou acostumada a ter alguém que se importe. Mas eu gostaria de me acostumar — admitiu ela hesitante. E queria se importar com Travis, que precisava se animar e, admitisse ou não, precisava de alguém que se preocupasse com ele e não com o que tinha. Era algo que ela podia e daria a ele.

Fazer com que Travis se abrisse não seria fácil e ela teria dificuldade em ficar vulnerável para ele. Mas talvez valesse a pena correr esse risco. Ally ergueu a mão e acariciou o maxilar forte. — Vai deixar que eu me importe com você, Travis? — Ela prendeu a respiração, aterrorizada por se deixar vulnerável e exposta àquele homem, mas querendo-o demais para não assumir o risco.

Ele pegou a mão dela e beijou a palma. — Pode se importar, Ally. Eu preciso de você.

Ally soltou o ar, com o alívio invadindo-lhe o corpo. Ao se abrir para Travis, deixara que ele revelasse a própria vulnerabilidade a ela. Para um macho alfa orgulhoso como Travis, o risco era tão grande quanto o dela. —

Receio que seja tarde demais. Eu já me importo — sussurrou ela.

Os olhos escuros de Travis a encararam com uma expressão possessiva, mas algo milagroso aconteceu ao mesmo tempo. Pela primeira vez desde que Ally o conheceu, Travis Harrison abriu o sorriso mais largo, mais feliz e mais sincero que ela já vira. E ela percebeu que estava totalmente perdida.

Ao ver aquela expressão bonita e quase infantil, Ally decidiu que ele certamente valia o risco.



Capítulo 11



—Esse colar fica lindo em você, Ally — disse Mia Hamilton com sinceridade, que olhava para Ally do outro lado da mesa do restaurante casual.

Quatro pares de olhos femininos se viraram para Ally, murmurando concordância. — Onde você o conseguiu? — perguntou Maddie curiosa.

Ally se mexeu inquieta na cadeira, passando os dedos pelo adorável colar de unicórnio que não tirara desde o dia em que o ganhara de Travis. A semana anterior fora a mais feliz de sua vida e não se passara uma noite sem que Travis estivesse em sua cama. Ele chegara tarde para o trabalho todos os dias, resmungando que mal podia esperar para que ela voltasse a trabalhar na quinta-feira. Travis encheu os dias de Ally com risadas, fazendo brincadeiras o tempo inteiro, e as noites com desejo que nunca ficava insatisfeito.

— Foi um presente de Travis — respondeu Mia por Ally antes que ela decidisse o que dizer.

— Uau, é lindo. — Asha estendeu a mão, afastando os dedos de Ally para examinar o pequeno unicórnio.

— Foi presente de aniversário — murmurou Ally. Olhando para Mia, ela perguntou: — Como você sabia?

Mia tomou um gole d'água e colocou o copo na mesa antes de responder.

— Porque fui eu quem fez. Travis escolheu as pedras e o que eu precisava para confeccioná-lo. E ele me deu muito pouco tempo porque queria que você o tivesse naquele dia.

Ally encarou Mia. O colar que ela estava usando era uma joia de Mia Hamilton? — Achei que ele tinha encontrado em alguma loja.

Mia riu. — E encontrou. No meu estúdio. Ele não conseguia encontrar exatamente o que eu queria e eu tive que fazer o colar. São as pedras de melhor qualidade que existem. E ele desenhou exatamente o que eu queria. Assim, não foi difícil desenhar o colar, pois ele fez a maior parte do trabalho. Ele sabia exatamente como tinha que ser. É único. O unicórnio deve ter algum significado. Qual é?

O coração de Ally bateu mais forte ao pensar em Travis tendo todo aquele trabalho e despesa só para conseguir uma réplica exata do unicórnio de sua fantasia, tornando a joia ainda mais preciosa. — Eu escrevo como *hobby*. Ele gostou da primeira história e o unicórnio é um dos personagens.

Ele quer que eu termine os livros.

— E você vai terminar? — perguntou Kara Hudson, sentada ao lado de Asha. — É um gesto muito romântico.

— Com certeza — assentiu Maddie do outro lado da mesa.

— Travis anda muito diferente. Ele finalmente me beijou de volta no rosto quando eu lhe dei um beijo de despedida ontem. E ele está sorrindo.

Não aquela expressão cínica que sempre tem, mas realmente sorrindo.

Imaginei que ele estava fazendo sexo. — Asha lançou um olhar malicioso a Ally. — Estou certa?

— Ai, meu Deus! — exclamou Mia. — Você e Travis estão queimando os lençóis? Eu deveria ter percebido quando vi como ele estava em pânico sobre o colar. Mas achei que você estava noiva.

Ally não tivera a oportunidade de contar a nenhuma das mulheres que terminara o noivado. Somente Asha sabia. Ela explicou o que acontecera com Rick e que não estava mais noiva, mas não falou em Travis. Como o

relacionamento ainda era tão novo, ela não sabia explicar o que eram um para o outro.

— Que víbora!

— Filho da puta!

— Idiota!

— Desgraçado!

Cada mulher exclamou um xingamento para Rick à medida que Ally explicava.

— Então você está livre e Travis atacou. Meu irmão é muito esperto — disse Mia com um sorriso ao dar uma mordida no sanduíche.

Ally balançou a cabeça negativamente. — Eu não diria exatamente que ele atacou.

— Quanto tempo demorou para que ele a levasse para a cama? —

perguntou Asha em tom divertido. — Ele tem uma queda por você há anos.

— Quem disse que eu dormi com ele? — perguntou Ally com indignação falsa. — Talvez estejamos apenas nos tornando amigos.

— Claro que não — comentou Kara ao colocar uma batata frita na boca.

— Você não negou, o que quer dizer que com certeza foi para a cama com ele.

— Travis é atraente, mas sempre foi muito sombrio e rabugento. Mas aposto como isso o deixa melhor ainda — disse Maddie pensativa.

— Pare! — Mia ergueu a mão. — Há um fator de “eca” para mim. Ele é meu irmão. Não quero saber se ele é bom de cama.

Todas as mulheres riram e Ally sorriu.

Mia abaixou a mão e inclinou-se ligeiramente sobre a mesa, perguntando em um sussurro alto: — Mas você foi para a cama com ele?

Havia algo muito constrangedor em ter a vida sexual questionada pela irmã do homem que virava seu mundo de cabeça para baixo sempre que a tocava. Portanto, ela só assentiu de forma relutante.

— Ai, graças a Deus — disse Mia, endireitando o corpo para continuar a comer. — Não é de surpreender que ele esteja sorrindo.

— Mas não é nada sério — disse Ally nervosamente a Mia. — Quero dizer, estamos só saindo juntos, aprendendo a conhecer um ao outro.

— Carnalmente — acrescentou Asha com um sorriso.

Ally deu uma cotovelada de leve na amiga. — Não é nada sério.

Mia estreitou as sobrancelhas e os olhos dela dançaram maliciosos. —

Então você não conhece Travis bem o suficiente. Mesmo quando era criança, quando decidia que queria alguma coisa, ele conseguia. Ele é irritante de tão persistente quando deseja algo. Em menos de um mês, colocará um anel no seu dedo.

— Não acho que ele será assim comigo. Tenho certeza de que não fará isso — negou Ally constrangida.

— Ele fará — concordou Asha.

— Você gosta dele, Ally? — perguntou Mia preocupada.

— Sim. Provavelmente mais do que deveria neste estágio do relacionamento — admitiu Ally, sabendo que estava começando a gostar demais dele, depressa demais. — Estou um pouco assustada. Acabei de sair de um relacionamento ruim.

— Travis não é assim, Ally — respondeu Mia em tom suave. — Quando ele gosta, gosta profundamente. Pode não ser fácil ganhar a afeição dele, mas, quando isso acontece, ele nunca a trai. E ele queria o unicórnio para mostrar que se importa, pois não é bom ao dar ou receber afeição.

Sinceramente, nunca vi ele se importar assim com uma mulher e sabia que, quando caísse, seria com força. Por favor, não o magoe. Ninguém merece mais ser amado do que Travis. E, com a mulher certa, ele a amará de forma obsessiva e para sempre. É assim que ele é.

O coração de Ally ficou apertado dentro do peito. Ela sabia que daria qualquer coisa para ser aquela mulher. Na semana desde que ela e Travis fizeram amor pela primeira vez, a afeição de Travis já a mudara, fazendo com que ouvisse a voz dele, em vez de todas as coisas negativas que sempre acreditara serem verdade sobre si mesma. — Eu queria poder dar algo a ele

— disse ela baixinho, pensando no apoio incondicional e na fé que ele tinha nela.

— Acho que você já deu — assegurou Asha. — Ele está feliz.

Mia assentiu, concordando, e o grupo de mulheres entrou em uma conversa mais geral. O almoço foi uma ocasião muito agradável e Ally se divertiu conhecendo melhor Maddie e Kara. Era óbvio para ela que todas as mulheres na mesa amavam os maridos até a morte, apesar de reclamarem, em tom divertido, sobre serem superprotetores de vez em quando.

O telefone de Ally apitou na bolsa quando as mulheres estavam se despedindo. Pegando-o, ela sorriu ao ver a mensagem de texto de Travis: *Preciso me livrar desta maldita mesa!*

Ele reclamara mais de uma vez de como a mesa o distraía, sobre as imagens que o assombravam o dia inteiro. O coração dela deu um salto ao perceber que ela podia ser uma distração para um homem tão concentrado como Travis Harrison.

Ela se despediu de todas as mulheres, prometendo se tornar um dos membros regulares do grupo que almoçava junto toda semana. Quando

chegou ao carro, ela se encostou nele e digitou uma mensagem: *Como sua assistente, então, é meu trabalho encontrar uma mesa nova para você, sr. Harrison.*

Levou apenas um momento para que recebesse a resposta: *Claro que não. Ninguém mais usará esta mesa. Acho que continuarei a ser masoquista. Como foi o seu dia?*

Ela já sabia que ele se recusaria veementemente a se livrar da mesa, mas riu alto antes de responder:

Ótimo. Acabei de almoçar com as garotas. E o seu?

Ele só respondeu:

Sinto a sua falta.

O coração de Ally derreteu e ela passou o dedo sobre as palavras com um suspiro. Quando Travis dizia ou fazia coisas assim, seu corpo inteiro sentia a dor da falta dele. Travis não era o tipo de homem que demonstrava nem disfarçava o que sentia. Aquelas palavras eram sinceras, uma expressão das emoções dele naquele momento e ela as considerou preciosas, pois sabia que ele não se expressava sem que fosse a sério.

Ela respondeu:

Também sinto a sua falta. Vou fazer jantar para você.

A resposta dele veio rapidamente:

Ficarei mais feliz se você for o meu jantar.

Ally mal reprimiu um gemido ao ler aquilo. Ela precisava se abanar e não era por causa da umidade e do calor do sol da Flórida. Não havia nada mais quente do que a atitude alfa exigente de Travis no quarto e a forma como ele dominava seu corpo. Mas respondeu:

Eu me ofereço para cozinhar para você e só o que quer é sexo?

Demorou alguns minutos para receber a resposta dele: *Quero muito mais do que sexo. E normalmente as mulheres não cozinham para mim. Obrigado, Ally. Vejo você às seis.*

Ela franziu a testa ao ver a resposta dele, tentando entender exatamente o que aquilo queria dizer. As mulheres não cozinham para ele? Não, provavelmente não. Ele fazia a maior parte das coisas sozinho. Se e quando tinha um encontro, ela tinha certeza de que a mulher esperava o melhor de Travis Harrison. Ele achava mesmo que ela lhe dera uma bronca? Só estava brincando com ele. Ela não questionava mais se ele a estava usando apenas para sexo e a resposta dele contivera um certo remorso. E, pela primeira vez, ela percebeu que “obrigado” existia no vocabulário dele. Ela ficou emocionada por ele agradecer por algo tão simples. Ela não queria que ele lamentasse por brincar com ela. A verdade era que ela adorava vê-lo divertido e brincalhão, e as conversas apimentadas dele sempre a deixavam excitada. Ally duvidava que mais alguém o visse daquela forma. Ela respondeu:



Às seis está ótimo. E, se você chegar mais cedo, serei seu aperitivo. Mas eu pretendo alimentar você, pois precisará de energia.

Ela prendeu a respiração, torcendo para que ele desse uma resposta divertida. A última coisa que queria era inibir as brincadeiras de Travis porque ele levava o comentário dela a sério. Ele já era solene e sério demais.

E ela queria ver mais o lado leve dele.

Ele respondeu:

Se eu não tivesse uma reunião, já estaria no carro uma hora dessas.

Ally soltou uma risada aliviada e digitou:

Não precisa. Tenho que cozinhar. Mas está quente hoje. Talvez eu tenha que cozinhar nua. Pense nisso em sua reunião. Espero que dê tudo certo.

A resposta veio quase instantaneamente:

Você pagará por isso, mulher!

Sorrindo, ela respondeu:

Estou contando com isso, bonito. Vejo você mais tarde.

Ally guardou o telefone na bolsa e abriu a porta do carro. Em seguida, foi até o mercado para comprar o que era necessário para fazer um jantar gostoso para Travis, com o coração mais leve do que havia muito não sentia.

Ela é minha!

Travis segurou o telefone com força, olhando para as palavras que Ally enviara.

Ela sente a minha falta.

Ele achara que tinha estragado tudo ao fazê-la pensar que só queria transar com ela. Bem... ele queria transar com ela. A cada minuto do dia.

Mas Travis sabia que o desejo físico era apenas uma consequência do tanto que queria que ela pertencesse a ele. Travis se sentia como um homem das cavernas, com o desejo quase irresistível de arrastá-la para sua caverna isolada onde ninguém conseguiria tirá-lo dele.

Ele se recostou na cadeira e fechou os olhos, com imagens do tempo que passara com Ally durante a semana anterior flutuando na mente. Ele fora objeto de vários dos sorrisos doces e acolhedores dela e cada um deles o atingira como uma locomotiva. Eles ainda discutiam, claro, como a discussão que acontecera por causa do guarda-roupa que ele lhe dera. Travis

resolvera o assunto levando todas as roupas para o andar de cima, ignorando-a enquanto Ally sistematicamente listava motivos pelos quais não podia aceitá-las. Ele vencera quando a beijara até que ficasse sem fôlego e dissera que provavelmente rasgaria todas as roupas ao tirá-las dela.

Mas a mulher dele era teimosa demais. Travis queria lhe dar o mundo inteiro e ela simplesmente não deixava.

Se ela soubesse de tudo sobre mim, ainda desejaria ficar comigo?

A chance era de que ela fugisse dele e Travis não poderia culpá-la. Ele contara a Ally muitas coisas que nunca dividira com ninguém. Mas havia algumas coisas que não conseguiria contar a ela, com medo de que olhasse para ele horrorizada e fugisse. E Travis sabia que isso o destruiria.

Preciso só aproveitar o tempo que tenho com ela. Sem pensar no futuro agora.

O problema era que ele não era o tipo de homem que vivia apenas o momento e precisava demais de Ally para sequer considerar a ideia de que ela o deixasse.

Ele abriu os olhos e ficou olhando para o teto. Ally o deixava feliz, mas muito mais territorial do que ele jamais achara que conseguiria ser. Por sorte, ela não parecia se importar com o fato de que ele sempre a possuía de forma rápida e dura. Na verdade, ela parecia gostar. Mas ele queria ainda mais. Queria a submissão completa dela, precisava saber que ela era completamente dele. E isso era algo que não conseguia controlar. Ela sabia que o tinha totalmente sob controle, todos os minutos de todos os dias?

Talvez eu tenha que cozinhar nua.

Ah, sim, certamente ela sabia e fazia tudo o que podia para deixá-lo louco. Ele adorava e odiava aquilo. Era quase como se ela quisesse vê-lo perder o controle e transformar-se em um homem das cavernas.

— Querida, você não faz ideia de como exatamente eu posso ser exigente

— sussurrou Travis, querendo que ela fosse tão desesperada quanto ele era.

Travis sabia que Ally ficava satisfeita sempre que faziam amor. Ele garantia que isso acontecesse. Mas queria que ela se soltasse completamente, que se rendesse totalmente a ele e à paixão furiosa que quase os consumiam

sempre que estavam juntos. Ela respondia bem demais e ficava linda quando estava excitada. Mas ele ainda sentia que ela se segurava. E ele era ganancioso, queria tudo que ela tinha a dar.

Olhando para o relógio, Travis praguejou ao perceber que estava quase na hora da reunião.

— Excelente — resmungou ele. — Ficarei sentado, durante a reunião inteira, imaginando se Ally está realmente cozinhando nua, com o pau tão duro que não conseguirei me concentrar.

Ele se levantou e ajustou a gravata. Ele avisara a Ally que faria com que pagasse por provocá-lo. O problema era que, toda vez que ela o tocava, ele quase perdia o controle. Saindo do escritório em direção à reunião, ele sorriu, pensando em uma solução que acabaria com aquele problema.



Capítulo 12



Ally entrou no quarto, ainda molhada e completamente nua depois do banho, gritando quando a porta se fechou com força atrás dela. O alívio a invadiu quando viu Travis parado em frente à porta fechada, ainda vestindo as roupas de trabalho.

Ela precisou respirar fundo algumas vezes por causa do susto que ele lhe deu ao aparecer do nada. Ela corou quando ele a percorreu com o olhar, com uma expressão feroz e faminta.

— Você chegou cedo — disse ela, ainda sem se sentir totalmente confortável em ficar em frente a Travis totalmente nua. Era perto de cinco horas da tarde e ela não esperara que ele chegasse tão cedo. Dera a ele uma chave da casa, mas Travis normalmente não entrava por conta própria.

— Fiquei com muita vontade de comer o aperitivo — respondeu ele. —

E não podia esperar. Pegar você neste momento foi extremamente conveniente.

Ally estremeceu ao olhar dentro dos olhos dele. Travis parecia diferente, quase perigoso. Não que ela tivesse medo dele. Seu corpo reagia à ferocidade, ao olhar proprietário dele. — Foi? — perguntou ela inocentemente. Parecia que, quanto mais desesperadamente Travis a queria, mais atraente ela ficava.

— Muito — respondeu ele casualmente enquanto tirava o casaco. —

Você sabe como é passar uma reunião inteira visualizando você nua o tempo todo? Eu não fui muito produtivo. E avisei que você pagaria por me provocar.

Ele avisara. E não havia nada mais que Ally quisesse do que a vingança dele. — Desculpe — disse ela sem a menor sinceridade, pois não lamentava nada.

— Não se mexa — ordenou Travis em voz baixa e exigente. — Aquela reunião foi muito desconfortável, Ally. E eu sei que, normalmente, treparia com você até que perdesse os sentidos. Mas não farei isso agora.

Ally foi invadida pelo desapontamento, seguido de curiosidade. Ela o observou desconfiada enquanto ele removia lentamente a gravata preta. —

Então vou pegar um roupão...

— Não. — Travis avançou, parando apenas quando ficou bem em frente a ela. — Acho que não. Prometi que faria você pagar. O problema é que, toda vez que encosta em mim, não consigo pensar direito e acabo trepando com você muito depressa. Você gosta disso?

Ally olhou para ele confusa. — Você sabe que sim — respondeu ela baixinho.

— Mas nunca tive a chance de explorar você, descobrir exatamente do que gosta. — Travis passou para trás dela e, antes que Ally percebesse o que ele tinha em mente, seus pulsos foram amarrados com a gravata. — A única forma que consigo imaginar para não perder o controle é impedir que você encoste em mim — disse ele em tom leve.

Ally puxou as mãos. Elas estavam amarradas atrás das costas, não apertado o suficiente para machucar, mas firme o bastante para que não conseguisse movê-las. — Travis, o que você está fazendo?

— Fazendo você pagar primeiro. E depois descobrindo do que você realmente gosta. Explorando você. Explorando seu prazer.

Ally sentiu um momento de pânico quando a visão escureceu e ela sentiu Travis amarrar algo atrás de sua cabeça. — Não consigo enxergar. — O desamparo era desconcertante e excitante.

Os braços de Travis a envolveram pela cintura, puxando-a contra ele. —

Você confia em mim, Ally? — Ele correu as mãos pela barriga dela até chegar aos seios. — Você não precisa ver. Só precisa sentir.

Ela relaxou contra ele e a sensação do corpo vestido em suas costas fez com que o quisesse nu. — Eu confio em você.

Ele beliscou seus seios, fazendo com que os mamilos já rígidos ficassem ainda mais sensíveis. Com a boca, ele explorou seu pescoço, mordendo a pele de leve e passando a língua. Ela sentiu a boceta ficar molhada e mexeu-se desconfortavelmente com um gemido. Estava completamente à mercê de Travis e aquela sensação a deixou ainda mais excitada do que imaginara possível.

— Sabia que, no momento em que saí daquela reunião, tive que me masturbar, pensando em como me vingaria de você? — perguntou ele em um sussurro, com o hálito quente acariciando a orelha dela.

Ally estremeceu ao pensar em Travis masturbando-se enquanto pensava na tortura erótica que aplicaria nela. — Eu queria ter assistido — admitiu ela ofegante. A falta de visão a deixou mais ousada.

Travis afastou os braços e colocou uma mão no pescoço dela, inclinando-a para a frente. — Eu fiquei com vontade de fazer isto. — Ele moveu as mãos amarradas dela para o lado com uma mão e acariciou-lhe as nádegas com a outra.

Paf!

A mão dele batendo em sua nádega a assustou. Ela esperara que ele a possuísse por trás e estivera mais do que pronta para isso. Mas a ardência da mão dele em sua pele lançou uma onda de eletricidade pelo corpo todo.

Paf!

Travis deu o segundo tapa antes que Ally saísse da névoa erótica o suficiente para perceber que ele a estava espancando.

— Vai ser boazinha daqui em diante? — perguntou Travis com voz controlada.

Putá merda! Seu traseiro ardia, mas ele não batera com força suficiente para realmente doer. Era mais uma ardência erótica. O domínio e o controle dele eram excitantes e sedutores. — Não — respondeu ela, querendo mais.

Paf. Paf. Paf.

Cada vez que a mão dele batia em seu traseiro, ela soltava um gemido de desejo. Minha nossa, estar indefesa diante de Travis, tê-lo em controle total de seu corpo estava prestes a fazê-la gozar. E ele mal encostara nela. — Por favor — implorou ela, desesperada para ser possuída por ele naquele momento.

Ele acariciou as nádegas dela e colocou a mão entre suas pernas. — Acho que você gosta de ser safada. Minha nossa, como está molhada! Diga-me do que gosta, Ally. O que realmente a deixa excitada?

Qualquer coisa com Travis, tudo com Travis. — Você. Tudo o que você faz. — Ele estimulou o clitóris com o dedo, que deslizava com facilidade por ela estar tão excitada. — Está tudo ótimo. Você foi o primeiro homem que me fez gozar. O primeiro homem que colocou a boca em mim. Tudo que você faz me deixa louca.

Ele colocou um braço em volta dos ombros dela para equilibrá-la. — Isso é mesmo verdade? — Ele soou furioso e atônito.

— Sim. Meu ex foi o primeiro e único antes de você e nunca sentiu meu gosto, nunca me fez gozar. — Talvez fosse porque ela não conseguia ver o rosto dele ou porque o corpo inteiro tremia de desejo, mas Ally sentia que podia contar qualquer coisa, tudo a ele.

— Gosto da ideia de ser seu primeiro. — O dedo dele aumentou a pressão no feixe de nervos que estimulava. A outra mão de Travis desceu pelas costas dela e pela curva das nádegas. — Gosta disto? De estar indefesa, confiando em mim para lhe dar prazer?

— Sim — respondeu ela com um gemido rouco.

A mão que estava nas nádegas desceu para entre as pernas e ele molhou os dedos na boceta úmida. Em seguida, subiu sensualmente para a área entre as nádegas, lubrificando a área antes de penetrar o ânus gentilmente com o dedo indicador.

O corpo de Ally ficou tenso, em conflito entre o prazer que ele lhe dava estimulando o clitóris e a apreensão de uma sensação proibida que nunca vivenciara antes.

— Relaxe, querida. Não vou machucar você. Só estou explorando —

disse Travis em tom suave, movendo o dedo para fora e novamente para dentro. — Dói?

Não doía e Ally se permitiu relaxar, começando a gostar do movimento gentil.

Ela quase choramingou desapontada quando ele tirou a mão da boceta.

Mas quase imediatamente a boca de Travis tomou o lugar dos dedos e Ally percebeu que ele estava de joelhos.

A cabeça dela começou a girar enquanto ele continuava a mover o dedo em seu ânus e a boca devorava a boceta.

— Ai, meu Deus. Travis. Por favor. Acho que eu não aguento mais. —

Ela estava ofegante, tentando recuperar o fôlego enquanto o clímax se acumulava. A língua quente de Travis a estava deixando louca. A prisão erótica dele deixara a excitação dela mais aguçada e afastara completamente quaisquer inibições que Ally tivera. Havia somente o prazer invadindo seu corpo como uma cachoeira, atacando-a até que não tivesse mais sequer um pensamento coerente.

O clímax a atingiu no momento em que Travis a penetrou com dois dedos e ela se sentiu tão preenchida por ele que implodiu. Ela se contraiu

em volta dos dedos dele e Ally jogou a cabeça para trás, gemendo. —

Travis. Travis. Travis.

Ele a segurou antes que ela caísse no chão, com as pernas fracas demais para permanecer de pé. Travis a carregou, ainda trêmula por causa do orgasmo, até a cama, colocando-a no centro. Ally ouviu o farfalhar das roupas dele enquanto ofegava, tentando recuperar o fôlego.

Ela soltou um suspiro alto ao sentir o corpo nu de Travis descer sobre o seu. A sensação da pele quente dele a fez gemer. Ela sentiu as mãos ficarem livres por um momento, sendo novamente amarradas sobre a cabeça e obviamente à cabeceira da cama. — Por favor. Preciso tocar em você, Travis. — Ela queria passar os braços em volta do corpo quente dele, absorver sua essência.

— Não desta vez. Você está linda assim, Ally. Só quero que sinta. Quero que dure — disse ele. — Pode estar amarrada, mas estou tão indefeso

quanto você. Quero que precise de mim tanto quanto preciso de você.

O coração de Ally bateu mais depressa, espantada por Travis simplesmente não entender que precisava dele tanto quanto ele precisava dela. — Eu preciso.

— Diga-me o que quer — exigiu ele, passando as pernas dela em volta da própria cintura.

— Quero que trepe comigo. Por favor. Preciso de você.

Travis soltou um rosnado de satisfação e estimulou o clitóris com a cabeça sedosa do pênis rígido. Ele acariciou os mamilos, brincando com eles. — Você é minha, Ally. Diga que é minha.

— Sou toda sua, Travis. E você é meu. — Ally sentiu os mesmos instintos possessivos dentro de si, a necessidade de que ele pertencesse a ela tanto quanto pertencia a Travis. — Quero que seja meu. E não quero que encoste em outra mulher — disse ela ferozmente, erguendo os quadris, implorando com o corpo para que ele a possuísse. — Agora, trepe comigo.

— Jesus, adoro quando você diz isso — falou ele.

Ally não teve a oportunidade de perguntar a que parte ele se referia. Ele a penetrou de forma rápida e profunda, preenchendo-a. — Isso — sussurrou ela. — Trepe comigo, Travis. Acho que vou morrer se não fizer isso.

Ela continuou a encorajá-lo, dizendo várias coisas para tentar fazê-lo entender que também tinha as mesmas necessidades ferozes e carnis.

Travis segurou os quadris dela, fazendo investidas profundas que, para ela, eram um êxtase por ser possuída. — Minha — rosnou ele com cada movimento dos quadris.

Ally estava frenética, com o desespero de sentir Travis deixando-a louca.

Ela colocou as mãos amarradas em volta da gravata e puxou, sentindo a cabeceira da cama, feita de madeira barata, ceder. Com as mãos ainda

amarradas, ela ergueu o corpo e passou-as em volta do pescoço de Travis, puxando-o sobre si e procurando a boca dele. — Beije-me — implorou ela quase sem paciência.

— Merda! Não aguento mais. Toque em mim — exclamou Travis, descendo os lábios até os dela e movendo os quadris cada vez mais depressa.

Ally adorou a sensação do corpo dele dentro do seu, da língua exigente invadindo sua boca. Era do que ela mais precisava, aquela paixão ardente e exigente que estava prestes a fazer com que perdesse o controle. Apertando as pernas em volta dos quadris dele, ela exigiu mais, correspondendo cada movimento de Travis com uma urgência própria.

Ela explodiu, afastando a boca para gritar o nome de Travis ao gozar, enterrando as unhas nos ombros dele enquanto o corpo pulsava.

— Caralho, isso mesmo. Quero que me deixe todo marcado — disse Travis com voz rouca quando gozou dentro dela.

Ele arrancou a venda dos olhos dela, jogando o pedaço de pano no chão e observando-a estremecer por causa do clímax.

Ele rolou o corpo para o lado e rapidamente desamarrou as mãos de Ally.

Ela passou os braços em volta dele, absorvendo o calor do corpo de Travis.

Apesar de ter sido algo muito erótico ficar amarrada e vendada, ela sentira falta de tocá-lo.

Eles recuperaram o fôlego encostados um no outro, com os corpos úmidos de suor. Quando Ally finalmente conseguiu se mexer, ela olhou para a cabeceira da cama. — Quebrei a cama — disse ela mortificada.

Travis olhou para cima e abriu um sorriso largo. — Vou comprar uma cama nova para você. Isso faz bem para o meu ego. Imagino que seja mais uma coisa que fez pela primeira vez.

— Com certeza — respondeu ela com um suspiro. — Acho que todas as mulheres deveriam dar uma trepada tão boa a ponto de quebrar a cama pelo menos uma vez na vida.

Travis a beijou gentilmente na testa. — Querida, você pode quebrar quantas camas quiser. Não vou reclamar.



E, para surpresa de Ally, ele soltou uma risada. Foi um som tão contagioso e raro que ela se viu rindo também. Eles riram até ficarem sem fôlego.

Quando finalmente desceram para a cozinha, o jantar que Ally preparou foi ridículo, mas Travis jurou ter sido a melhor refeição que comera. Ally sabia que era mentira, mas foi a mentira mais doce que já ouvira.

Mais tarde naquela noite, Ally acordou de um sono exausto ao sentir Travis subitamente se sentar na cama, em um movimento tão rápido que ela foi jogada para o lado. Sentando-se, ela ouviu a respiração irregular dele. Havia luar suficiente para que conseguisse ver o rosto de Travis.

— Travis? — chamou ela baixinho, querendo saber se ele estava bem. —

O que aconteceu? — Ela passou a mão nos cabelos molhados de suor na testa dele, ficando ainda mais preocupada.

Ele resmungou e passou as mãos sobre o rosto. — Há alguma coisa de errado com Kade. — Saindo da cama, ele se vestiu rapidamente, abotoando a camisa ao acrescentar: — Preciso ir. — Ele tirou o telefone do bolso da calça, ele atravessou o quarto para acender um abajur. Em seguida, apertou um botão no telefone e gritou imediatamente: — O que diabos aconteceu?

Ally sabia que ele estava falando com Kade. Olhando para o relógio, viu que eram quase duas horas da manhã, mas Kade obviamente respondera quase imediatamente.

— Por que você não me telefonou? — perguntou Travis, correndo a mão pelos cabelos já desgrehados. — Estou a caminho. — Houve uma pausa

enquanto ele escutava, acrescentando logo a seguir: — Não importa. Estou indo. — Ele desligou o telefone e guardou-o no bolso.

— O que aconteceu? — Com o abajur aceso, Ally conseguia ver a expressão torturada no rosto de Travis, o que a deixou com o coração apertado.

— Asha caiu da escada na casa deles mais cedo. Kade disse que fizeram exames e que ela e o bebê estão bem. Mas vão mantê-la no hospital durante a noite em observação. — A voz dele estava abalada. — Vou para lá caso ele precise de alguma coisa.

— Vou com você. — Ally saltou da cama, preocupada com Travis, Kade e Asha.



— Não. Fique. — A expressão de Travis era implacável. — Ela está bem. Só que eu preciso estar lá para dar apoio a Kade.

— Como você sabia? — perguntou Ally curiosa. Travis queria estar lá para dar apoio a Kade, mas Ally queria dar apoio a Travis. Ele parecia muito abalado.

— Eu queria ter sabido a tempo — resmungou Travis. — Começou com os meus pais... — A voz dele morreu e ele hesitou.

Ally se aproximou dele, colocando a mão no braço dele para oferecer conforto. — O que tem os seus pais?

Os olhos de Travis ficaram sombrios e frios quando ele disse em tom gelado: — Eu os matei. — Ele afastou a mão dela, pegou o casaco e saiu do quarto sem dizer outra palavra.

Ally ficou parada por um momento com o corpo todo tremendo. Ela ouviu a porta da frente bater quando Travis saiu. Ela continuou lá, em choque, ao ouvir a Ferrari sendo ligada.

Ela correu para fora do quarto e desceu a escada depressa, chegando à porta e abrindo-a a tempo de ver as luzes traseiras do carro se afastarem da casa.

Ela fechou e trancou a porta, movendo-se mecanicamente de volta para o quarto, onde se deitou nos lençóis que ainda tinham cheiro de sexo... e de Travis.

A mente dela remoeu o que acabara de acontecer e a dor que vira no rosto de Travis. Quando as peças do quebra-cabeça se encaixaram, ela enterrou o rosto no travesseiro dele e chorou.

Ally não conseguiu dormir muito naquela noite, querendo desesperadamente estar com Travis, mas sabendo que ele precisava de tempo. Além disso, o hospital não era o local adequado para um confronto.

Quando finalmente teve notícias de Asha no dia seguinte, foi diretamente da própria amiga. Asha telefonou para Ally, reclamando do comportamento de Kade e sobre o fato de ele ter mudado o quarto para o andar térreo para que ela não precisasse subir a escada novamente. Sempre que subia ou descia, Kade estava logo atrás ou à frente dela para impedir que caísse.

Ally sorriu enquanto Asha falava, obviamente irritada. Além de algumas dores localizadas, Asha estava bem. Mas Kade não a deixava só sequer um minuto.

— Kade a ama e acho que você lhe deu um susto enorme. Você está grávida, Asha. Dê um tempo a ele — disse ela a Asha pacientemente.

— Eu sei. — Ally ouviu o suspiro de Asha no telefone. — Ele se acalmará daqui a algum tempo, depois de me ver subir e descer a escada em segurança várias vezes.

Ally riu, sabendo que Asha adorava Kade e que as reclamações eram mais por preocupação com o marido do que pela própria conveniência.

Depois de desligar o telefone, Ally terminou de ler um dos livros sobre filhos adultos de alcoólatras. Ela ficou incrédula ao perceber que tinha cada

um dos comportamentos negativos que pareciam se desenvolver em crianças que cresciam com pais alcoólatras. Ela lera tudo o que encontrara sobre o assunto para tentar entender melhor o próprio comportamento e tentar se livrar da autoimagem negativa.

— E ainda escolhi o pior homem possível como parceiro — resmungou ela para si mesma, sentindo-se infeliz.

Estranhamente, ela sentia que já começara a se livrar de alguns dos hábitos ruins, recusando-se a acreditar nas vozes negativas que ouvia na mente. Também pretendia trabalhar no restante. Ou talvez não fosse algo tão estranho, pois percebera que Travis iniciara aquele processo. Ele a ajudara a começar a se desviar dos pensamentos negativos normais sobre si mesma.

Ally queria que Travis lhe telefonasse, mas talvez ele estivesse em casa descansando um pouco, apesar de duvidar disso. Provavelmente, ele estava escondendo-se, fugindo. Era o último dia de férias dela e encontraria com ele no dia seguinte.

Com aquele pensamento agradável, ela foi para o computador para escrever.



Capítulo 13



Travis obviamente chegara ao andar superior, denunciado pelo silêncio normal dos funcionários enquanto ele andava até o escritório.

Ally fez a contagem regressiva usual:

— Cinco...

— Quatro...

— Três...

— Dois...

— Um...

Travis passou pela porta exatamente na hora certa, mas não disse uma palavra. Ele a olhou de soslaio, fez uma careta e entrou no escritório sem dizer absolutamente nada.

Por algum motivo, Ally já esperara aquela reação. Ela se levantou, alisando o vestido de cor creme e adorando a sensação do tecido sob os dedos. Era uma roupa perfeitamente profissional, com um cinto decorativo preso à cintura e que ficava confortavelmente sobre os quadris. Mas era um pouco mais curto do que o estilo normal dela. A saia ficava logo acima dos joelhos e o tecido aderiu a todas as curvas. Os sapatos de salto alto eram simples e elegantes. Ally adorou o traje completo, mas tentou não fazer careta ao imaginar quanto custara.

Ela balançou a cabeça ao ir para a cozinha e servir uma xícara de café.

Travis nunca a deixaria devolver as roupas que ele comprara. Portanto, era melhor que as usasse.

Sem se preocupar em bater, Ally abriu a porta do escritório de Travis, trancou-a silenciosamente atrás de si e colocou a caneca sobre a mesa. —

Seu café, sr. Harrison.

Os olhos dele não se afastaram da tela do computador. — Ok —

resmungou ele.

Ela tinha razão. Travis estava escondendo-se, e muito mal. A consciência que tinham um do outro era como eletricidade no ar. Era hora de tomar medidas mais drásticas.

— Você deixou uma coisa na minha casa — disse ela em voz baixa e sedutora.

Ele olhou para cima, com a expressão sombria ao ver a gravata preta pendurada nos dedos dela. Inclinando-se para a frente, ele estendeu a mão com uma careta, mas Ally puxou a mão. Dando a volta na mesa, ela se posicionou atrás da cadeira dele.

— Acho que não, Travis. — Ela puxou os ombros dele contra o encosto da cadeira e passou a gravata em volta dele, prendendo-o e dando um nó apertado que segurou o corpo de Travis na altura dos cotovelos.

Ele poderia ter lutado facilmente, mas ficou sentado imóvel quando ela deu a volta na cadeira, parando à sua frente. — Acho que, como eu lhe dei aquele aperitivo, você pode retribuir me dando o café da manhã. — Ela se inclinou para a frente antes que ele pudesse dizer alguma coisa, enterrou os dedos em seus cabelos e beijou-o, segurando-o com força. Ele respondeu imediatamente e eles trocaram um beijo profundo e langoroso. Ela tirou as mãos dos cabelos de Travis e começou a desabotoar a camisa dele, puxando-a para fora da cintura da calça. Ela abriu todos os botões que conseguiu enquanto mordida e passava a língua nos lábios dele. Depois de abrir todos os botões, exceto os de cima que estavam sob o nó da gravata, ela se afastou e endireitou o corpo. Colocando o pé, ainda com o sapato de salto, sobre a cadeira de couro, entre as pernas dele, Ally a empurrou. A cadeira rolou para trás o suficiente para que ela conseguisse ficar de joelhos.

Uma coisa que sempre a perturbava era o fato de que Travis nunca a deixava tocá-lo daquela forma, preocupado demais em perder o controle antes de satisfazê-la. Travis não sabia que ela precisava tocá-lo tanto quanto ele queria tocá-la?

— Ally, o que diabos você está fazendo? — A voz de Travis estava rouca e muito excitada.

— Estou... explorando — disse ela, devolvendo o que ele lhe dissera. —

Quero saber do que você gosta. Diga-me do que gosta. — Ela abriu a camisa dele e passou a língua sobre a fênix majestosa em seu peito. Ele lhe

contara como e por que tinha a tatuagem, que simbolizava a dedicação dele em controlar a tempestade da controvérsia depois da morte dos pais. —

Você é tão forte, Travis.

Ela mordeu um dos mamilos de Travis e, em seguida, acariciou-o com a língua. O corpo dele ficou tenso, mas ele não se moveu nem lutou. Ela repetiu a ação no outro mamilo e desceu a língua pelo abdômen de Travis, gemendo ao sentir a pele dele sob os dedos que seguiam o mesmo caminho.

Os dedos ágeis abriram o cinto e o botão da calça e baixaram o zíper. Ela puxou a cueca preta para baixo, libertando o pênis, que estava totalmente ereto e quase parecia se contrair de ansiedade. Ela colocou os dedos em volta do membro enrijecido e suspirou ao olhar para Travis, que estava com a cabeça inclinada para trás. — Minha nossa, você é o homem mais gostoso que já vi. E você é meu, Travis. — Ela apertou de leve o pênis. — Isto é meu. — Ally já descobrira que ele gostava de ouvi-la dizer aquilo.

— Pelo amor de Deus, Ally. Se não parar de me tocar, vou explodir — disse Travis, olhando para ela.

Os olhares se encontraram em um duelo de vontades, mas Ally estava determinada a vencer desta vez. — É essa a ideia, garotão. — Ela passou a língua nos lábios. — Quero meu café da manhã. E quero sentir seu gosto até que você perca o controle.

— Já perdi — respondeu ele sombriamente.

— Ainda não. Mas vai perder. Eu quis fazer isso desde a primeira vez em que me beijou. É uma das minhas fantasias. E estou no controle neste momento. — Ela sabia que isso não era verdade, que ele a deixava fazer aquilo, mas não importava.

— Também é uma fantasia minha — rosnou Travis.

Ally queria perguntar por que ele nunca a deixara fazer aquilo, mas já sabia a resposta. Travis era totalmente generoso em se tratando de dar prazer a

ela. O que não percebia era que ela também sentia prazer em fazer com que ele sentisse o mesmo êxtase.

Baixando a cabeça, Ally passou a língua sobre a cabeça sensível do pênis, lambendo uma gota do líquido salgado e chupando-o devagar.

— Você vai me matar — resmungou Travis, enterrando as mãos nos cabelos dela e fazendo com que a presilha caísse no chão.

Ela deixou que a cabeça do pênis saísse da boca. — Você gosta disto? — perguntou em tom inocente, imitando o que ele fizera algumas noites antes.

— Puta merda, sim. Só não entendo nada do que está acontecendo — disse ele sem fôlego.

— Não precisa entender. Só... sentir. — Ally passou os lábios em volta do pênis e enterrou-o na boca, deixando a garganta relaxar. Travis era grande, mas ela o enfiou na boca até onde conseguiu, apertando os lábios em volta do pênis ao deslizá-lo para dentro e para fora.

— Puta que o pariu, estou morrendo — disse Travis ao apertar as mãos em volta dos cabelos dela e movendo os quadris.

Ally se deliciou com cada gemido que saiu da garganta de Travis enquanto gentilmente acariciava os testículos, tentando colocar o pênis ainda mais fundo na boca. Ela lentamente aumentou a velocidade, com Travis tornando-se mais exigente à medida que movia os quadris para encontrar sua boca.

Ally não parou ao erguer os olhos, observando Travis. Ele também a observou, como se estivesse hipnotizado com a visão do que ela estava fazendo.

— Cacete. Cacete. Cacete. Vou gozar, Ally — disse Travis em tom gutural.

E ele gozou. O pênis lançou o líquido quente no fundo de sua garganta enquanto Travis repetia o nome dela sem parar. Ally manteve a boca em

volta dele, saboreando cada gota do orgasmo e passando a língua sobre a cabeça do pênis até que Travis relaxou o corpo na cadeira, obviamente satisfeito.

Ela gentilmente guardou o pênis na cueca e arrumou a roupa de Travis.

Ele ainda estava com os olhos fechados quando ela foi para trás da cadeira para soltar o nó da gravata que o prendia.

— Por quê? — perguntou Travis com voz confusa.

— Porque eu queria — respondeu ela docemente. Ela se abaixou para pegar a presilha do chão.

— Meu Deus, o que você está vestindo? — explodiu Travis.

Ally sorriu para ele. — Um dos vestidos que você me deu. Não tinha nenhuma lingerie que combinasse, então eu mesma comprei. — Ela sabia que ele vira a calcinha sexy e a parte de cima da cinta-liga. Fizera de propósito. Erguendo a saia, ela deixou que ele visse o conjunto branco sob a roupa. — Não é bonito? — Era um conjunto relativamente modesto branco com pequenos desenhos cor-de-rosa.



Travis a encarou quando ela soltou a saia e arrumou os cabelos novamente em frente a um pequeno espelho decorativo na parede.

Andando até a porta, ela jogou a gravata e os reflexos rápidos de Travis a pegaram no ar.

— Guarde para a próxima vez em que eu resolver fazer isso. — Ela destrancou e abriu a porta, olhando para ele. — Aproveite o café, sr.

Harrison. Mas, só para constar, não vou trazer seu café todos os dias. Hoje foi especial.

Ela saiu do escritório, fechando a porta silenciosamente atrás de si. Seu coração ainda batia depressa e ela estava com os joelhos fracos, sabendo que o que acabara de fazer fora um risco. Mas ela já decidira que viver sem risco não valia a pena. O risco era acompanhado de esperança. E ela manteria a esperança viva por Travis até que toda a crença nele desaparecesse, até que não houvesse mais nenhuma chance para os dois. Ele valia a pena. Vivera na escuridão por tempo demais e precisava conquistar os próprios demônios, caso contrário, eles destruiriam a vida dele. Ele estivera ao seu lado quando Ally precisara de alguém que acreditasse nela e ela queria fazer o mesmo por Travis. Pois, na verdade, ela confiava nele mais do que em qualquer outra pessoa no mundo. Agora, ele precisava confiar em si mesmo.

Ally foi até o banheiro para se limpar antes de voltar à sua mesa.

Ela ficou olhando para a porta do escritório de Travis por um longo tempo antes de voltar ao trabalho.

Travis ficou sentado totalmente imóvel por um longo tempo, atônito, olhando para a porta por onde Ally saía.

O café estava frio, mas ele o bebeu mesmo assim, tentando entender se o que acontecera fora realmente verdade ou apenas uma fantasia muito vívida decorrente da necessidade que sentia em relação a Ally.

Por que ela não foi embora?

O primeiro choque acontecera quando ele descobrira que Ally estava sentada à mesa de trabalho naquele dia. Ele não esperara que ela estivesse lá. Não depois do que ele lhe dissera na noite em que a deixara para ir ao hospital. Ela estivera tão cansada que não registrara o que ele dissera?

Ele poderia facilmente ter impedido o que acontecera naquela manhã, mas não quisera. Nem mesmo conseguira aceitar ainda o fato de que não fora uma espécie de fantasia surreal. Ele tocou na gravata que estava sobre a mesa, uma prova de que ela realmente estivera lá. Parte dele queria continuar para ver o que aconteceria, sem confrontar a realidade. Ora, a realidade era uma merda. Ele preferia preservar o sonho. Mas o

relacionamento com Ally nunca progrediria até que ele a enfrentasse, descobrisse o que estava acontecendo naquele cérebro complicado dela.

Ele apertou o botão do interfone. — Alison, preciso de você. — Ao soltar o botão, ele admitiu para si mesmo que nunca dissera palavras mais verdadeiras que aquelas.

Ele esperou enquanto ela ia até o escritório, sentindo o pênis enrijecer ao observar o vestido de aparência inocente que era, na verdade, um instrumento de tortura. O vestido abraçava o corpo dela em todos os lugares certos e... puta merda, era curto demais. Era realmente uma das roupas que comprara para ela? Ele detestou o vestido. Não... na verdade, adorou o vestido, mas não queria que nenhum outro homem a visse nele. E

certamente não queria que ninguém visse o que ela vestia por baixo dele.

Era branco, pelo amor de Deus. Mas Travis acabara de decidir que a lingerie branca com detalhes cor-de-rosa era a coisa mais sensual que já vira. Talvez a lingerie falasse ao homem das cavernas que tinha dentro de si. A cor doce e virginal fazia com que quisesse arrastar Ally para longe.

Ally se sentou na cadeira em frente à mesa dele com uma xícara de café na mão. Ela arrumara os cabelos e parecia uma assistente profissional e composta. Ora, até mesmo isso o deixava louco.

— Você me queria, sr. Harrison? — perguntou ela polidamente.

Sim. Claro que ele a queria. Mas ninguém nunca saberia que a mulher sentado à sua frente fora, alguns minutos antes, uma deusa sexual de joelhos, chupando seu pau até que ele quase explodira. Ele pigarreou e perguntou: — O que exatamente aconteceu aqui esta manhã, Alison?

— Eu já lhe disse que detesto o nome Alison? Minha mãe me chamava assim e não gosto de ser chamada por esse nome. É por isso que prefiro que as pessoas me chamem de Ally — respondeu ela com voz calma. — E, quanto ao que aconteceu, acredito que você entrou no escritório sem dizer uma palavra. Depois, eu lhe trouxe uma xícara de café... o que quase nunca

faço. Em seguida, amarrei meu chefe bilionário obstinado do inferno na cadeira e fiz um boquete nele até que tivesse um orgasmo. Acho que fiz

algo que tinha vontade há muito tempo, transformando em realidade minha fantasia de tocar em você do jeito como eu queria. Parece correto? —

perguntou ela. — Ah, e depois, devolvi a gravata que ele deixou na minha casa depois de usá-la para que eu tivesse vários orgasmos — acrescentou ela casualmente, tomando um gole do café e erguendo a sobrancelha interrogativamente.

Travis quase engasgou com o último gole do próprio café. — O que diabos deu em você? — perguntou ele, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira ao ouvir Ally recontar a manhã de forma tão aberta.

— Nada. Eu fiz um boquete em você, que não fez nada de volta.

Puta merda, ela estava tentando deixá-lo louco. Ele tinha certeza disso.

— Nunca mais chamarei você de Alison, se não gosta. Você deveria ter me dito. — Ele fez uma pausa e perguntou: — Você se lembra do que eu lhe disse quando saí para ajudar Kade? Ouviu o que eu disse?

— Sim, ouvi — afirmou ela.

— Por que ainda está aqui?

— Por que não estaria? Eu trabalho aqui. — Ela colocou a xícara sobre a mesa e apoiou as mãos na madeira, lançando a ele um olhar teimoso. —

Suponho que o que quis dizer naquela noite foi que teve um sonho pré-cognitivo sobre seus pais. E que o ignorou, achando que era apenas um pesadelo. Portanto, você se culpa por não ter impedido o que aconteceu.

Você não matou seus pais, Travis. Seu pai matou sua mãe e depois suicidou-se. Ele era mentalmente doente. Está na hora de você parar de se torturar porque não sabia que o sonho se transformaria em realidade. Não foi culpa sua.

Travis encarou Ally, atônito com a ferocidade dela. O olhar era feroz e selvagem, além de extremamente protetor. E toda aquela proteção estava centralizada nele. — Foi a primeira vez que isso aconteceu — admitiu ele.

— Eu me odeio por não ter salvado a minha mãe. Se eu tivesse prestado atenção...

— Você. Não. Sabia. — Ally enfatizou cada palavra. — O que mais aconteceu depois daquilo?

Travis olhou para ela surpreso. — Não acontece com frequência. E, algumas vezes, ainda não acredito. Mas faço alguma coisa se sonho com alguém se ferindo ou morrendo. A pré-cognição não é aceita pela ciência comum. Não deveria acontecer. Nem existem provas de que existe.

— E não há provas de que não existe — retrucou Ally.

— Você acredita nela?

Ally lentamente se recostou na cadeira. — Uma vez, você me disse que eu era pragmática na superfície e uma sonhadora no interior. Escrevo fantasia porque acredito que qualquer coisa é possível, que ainda há muitas coisas neste mundo que não conseguimos explicar. Portanto, tento muito não descartar nada. Não deixo de acreditar em muitas coisas. No caso de coisas como pré-cognição, não é possível provar que existem nem que não existem. — Ela suspirou e olhou para ele ansiosa. — Mas posso lhe dizer que acredito totalmente em você. Conte-me, Travis. Por favor.

O olhar compreensivo e cheio de compaixão de Ally fizeram com que Travis desmoronasse. Ele enterrou o rosto nas mãos e falou. — Como eu disse, não acontece com frequência. Você tem razão sobre o que aconteceu com os meus pais. Olhando para trás, é difícil não me arrepender de não ter prestado atenção, mas achei que fosse apenas um pesadelo. Depois, comecei a ter sonhos recorrentes sobre Mia. Na primeira vez, sonhei que ela estava sofrendo abusos. Ela ainda estava na escola e fui até lá só para ter certeza de que estava bem. Mas os sonhos estavam certos. Ela estava com um namorado violento, o mesmo imbecil que tentou feri-la quando saiu da cadeia, onde eu o coloquei por ter abusado dela. Ela estava casada com Max

quando o idiota saiu da prisão e foi atrás dela pela segunda vez. Tive um sonho em que ela fugia, Max e Kade a encontravam e o ex matava todos eles.

— Então foi por isso que você a escondeu. Por que não contou a Kade e Max? E você a salvou do namorado violento quando ela estava na escola.

Seus sonhos, na verdade, a salvaram duas vezes — disse Ally sem fôlego.

— Isso é incrível.

— Eu não soube que o acidente de Kade aconteceria. Queria muito ter sabido. Mas, na noite em que acordei você, eu tive um sonho em que ele estava na sala de espera de um hospital, parecendo desesperado. Eu sabia que havia algo de errado, mas não sabia o que acontecera. Infelizmente, não foi um aviso. Os sonhos só acontecem e, algumas vezes, não acontecem a tempo de evitar alguma coisa. E eu tive um sonho vago sobre Asha em que o ex-marido dela tentava matá-la. Foi por isso que pedi a Tate que ficasse perto dela enquanto tratava a perna quebrada. Tive o mesmo sonho vago novamente na noite antes de ela ser atacada pelo ex-marido.

— E Tate salvou a vida dela — terminou Ally, já tendo ouvido a história contada por Asha.

— Sim — admitiu Travis.

— Então, sua família sabe?

— Não — respondeu Travis irritado. — O que eu diria a eles, Ally?

Acharão que sou tão louco quanto meu pai.

— Não, não acharão — respondeu Ally com voz enfurecida. — Eles nunca acharão isso. Travis, você tem um dom, um dom que salvou a vida de Mia e a de Asha. Não há nada do que se envergonhar.

Ele olhou para ela em dúvida. — Meu pai era doente, Ally. E não é um dom. Acho que é uma maldição. Não é previsível. Nem sempre ajuda...

— Mas ajudou. Entendo sua frustração por não ter controle. Mas você salvou sua irmã e sua cunhada.

— Isso me torna diferente. Separado de todos os outros. Sempre odiei —

resmungou Travis. — Mas, sim, como ajudou Mia e Asha, é melhor ter isso e ser diferente do que ver uma delas ferida.

— Faz com que você seja especial. E você faz com que isso o separe...

especialmente de sua família — argumentou Ally. — Não estou dizendo que tem que contar ao mundo inteiro, mas as pessoas que gostam de você entenderão. Acho que aceitarão melhor do que você imagina.

Aceitariam mesmo? Travis lembrou do que imaginara que seria a reação de Ally e estivera totalmente errado. Seria possível que estivesse com tanto medo de que as pessoas achassem que era tão louco quanto o pai que acabara exagerando? — Vou pensar no assunto — resmungou ele.

— Obrigada — disse Ally, cujo rosto se iluminou com um sorriso.

Travis sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Ele queria dizer a Ally o quanto significava o fato de ela aceitá-lo como era, mas não sabia como. — Fico feliz por não ter me abandonado — disse ele com voz rouca. Não era exatamente o que queria dizer, mas estava falando sério. Ele estava mais do que feliz. Seu mundo inteiro desmoronara quando achara que nunca mais a veria, que nunca mais receberia aquele sorriso doce no futuro. A atitude mandona dela e as palavras safadas naquela manhã quase acabaram com ele. E ela se transformara em uma excelente estimuladora do pênis, o que ele adorara. Desde que o único pênis estimulado fosse o seu, claro. Ally começava a reconhecer a própria sexualidade e ele achava a ousadia dela extremamente erótica. O fato de não tê-lo abandonado por causa da capacidade peculiar de pré-cognição, aceitando-a com certa facilidade, selara o destino dela. Era dele para sempre. Só ainda não percebera isso inteiramente.

— Vale a pena lutar por você, Travis, mesmo que teste meus limites, de certa forma.

Ele detestou a vulnerabilidade na voz dela. — Querida, não existem limites entre nós. Você pode ultrapassar a linha que quiser comigo, quando quiser. Especialmente como fez hoje cedo — disse ele, tentando não recordar o entusiasmo que ela demonstrara.

— Quero que você confie em mim — disse ela.

— Eu confio. É em mim que não confio. Você me perdoa?

Travis observou enquanto ela fingia considerar as palavras dele por um minuto. Durante aquele tempo, ele nem mesmo respirou.

— Hmmm, acho que sim. Mas pode ser que isso exija uma certa compensação de sua parte. — Ela abriu um sorriso sedutor.

— Pode falar — concordou ele ansioso, finalmente respirando de novo.

Não havia nada que não estivesse pronto para dar a Ally.

Ela pegou um manuscrito que deixara ao seu lado na cadeira. — Leia o próximo livro e dê sua opinião sincera. Consegui terminá-lo enquanto estava de férias.

Travis nem notara que ela levara o manuscrito consigo ao entrar no escritório, provavelmente porque estava ocupado demais estudando o vestido torturador. Ele pegou o manuscrito ansioso, feliz por ela ter terminado o livro seguinte. — Isso não é uma compensação, querida. Será um prazer.

— Então posso pedir mais uma coisa? — perguntou ela hesitante.

— Claro.

— Daqui em diante, vai deixar que eu toque em você como fiz de manhã?

Travis quase gemeu alto. Ally o mataria, mas de uma forma boa. Ele queria lhe dar qualquer coisa que ela quisesse e a única coisa que pedira fora poder tocar mais nele? Ele era um bilionário, pelo amor de Deus, capaz de transformar todos os sonhos dela em realidade. Mas a única coisa que ela

parecia querer era... ele. — Se fizer isso, é bom que esteja preparada para uma rapidinha — avisou ele em tom perigoso.

— Sem problemas — disse ela com um sorriso malicioso. — Você se recupera muito depressa.

Aquilo era verdade em se tratando de Ally. Ele sempre tinha outra ereção cinco minutos depois de trepar com ela. — Vou tentar — resmungou ele.

A expressão dela foi tão alegre que Travis decidiu que deixaria que ela fizesse qualquer coisa com ele. Desde que olhasse para ele exatamente daquela forma pelo resto da vida. Talvez ela o matasse, mas ele morreria muito feliz.



Capítulo 14



A viagem para o Colorado no dia seguinte foi tranquila, mas, para Ally, foi espetacular. Ela nunca viajara no jatinho particular de Travis e o luxo da aeronave era inacreditável. Obviamente, Travis quis passar a maior parte do voo mostrando a ela o quarto, que Ally adorou.

Ela se recostou no banco de couro da BMW que alugara para ele, pois não conseguira encontrar a Ferrari que Travis pedira. — Lamento que tenha que se rebaixar a usar a BMW — disse ela brincando.

— Acho que terei que me contentar em ser um cara normal — respondeu ele com um sorriso.

Ela riu, sabendo que Travis Harrison nunca seria apenas um cara normal.

— Sim, só um qualquer — concordou ela, assentindo com a cabeça. —

Com dois carros de segurança atrás de nós desde o minuto em que saímos daquele jatinho luxuoso.

— É o pessoal de Tate — disse Travis, manobrando pelo tráfego ao saírem dos limites da cidade de Denver. — Você ficará bem segura quando chegarmos a Rocky Springs.

— Eu? Não é a mim que eles estão protegendo, Travis.

— É claro que é. Foi o único motivo pelo qual eu disse a Tate que mandasse mais de um carro. Eu queria ficar sozinho no avião e deixei a sua segurança no aeroporto da Flórida. Disse a Tate para mandar alguns dos homens dele para o aeroporto daqui. Não me preocupo muito com a minha segurança. Eu me preocupo com a sua.

— Eu nunca tive segurança antes. — Ela olhou para ele confusa.

— Querida, seu belo traseiro está sendo seguido desde o dia em que o seu ex apareceu em sua casa. Você só não sabia.

— Por quê?

— Porque você é a minha mulher e, goste eu ou não, sou um homem de muita visibilidade. Quero ter certeza de que você estará segura. — Ele lançou um olhar a ela para que não discutisse.

— Eu não sabia — murmurou ela, sem saber ao certo como se sentia por ser vigiada o tempo todo, mas emocionada por ele pensar em sua segurança.

— Tenho certeza de que não é necessário.

— É, sim — respondeu Travis em tom firme. — Não discuta comigo sobre isso, Ally. Quero que esteja segura.

Ela resolveu que poderia lidar com a segurança, pois era apenas parte de quem era Travis, e respondeu: — Ok. — Ela observou o cenário pela janela, maravilhada com as montanhas em cujo topo ainda havia neve. — Ai, meu Deus. Aqueles são carneiros silvestres? — perguntou ela animada, olhando para o terreno rochoso ao lado da rodovia.

— Sim — respondeu Travis. — Você nunca viu um deles?

— Nunca — respondeu Ally entusiasmada. — Saí da Flórida em raras vezes. — Ela procurou o telefone na bolsa para tirar uma fotografia.

— Não se dê ao trabalho — disse Travis. — Você está longe demais deles. Não se preocupe, verá muitos animais selvagens aqui.

— Você sabia que essa foi uma das coisas que mais me deixou animada quando entrei para este emprego? Eu queria viajar, ver outros lugares.

Fiquei desapontada quando percebi que você nunca me levaria junto. Mas acho que, no fim das contas, foi melhor, pois eu precisava do meu outro emprego. — Ela guardou o telefone na bolsa.

— Eu queria — respondeu Travis. — Mas não podia, Ally. Não era possível. Mesmo naquela época, eu queria trepar com você. E ter você tão perto de mim teria me matado.

— É tão difícil acreditar que você se sentiu atraído por mim por tanto tempo. Travis, há tantas mulheres que...

— Não importava. Eu não trepei com nenhuma outra mulher desde que conheci você. Não queria nenhuma delas — disse ele irritado.

Ally o encarou. — Você não fez sexo durante quatro anos?

— Não. Era só eu e as minhas fantasias sexuais com a única mulher que eu queria. Mas eram fantasias muito ardentes — respondeu ele brincando, tentando deixar a conversa mais leve.

— Por que eu nunca notei? — resmungou Ally para si mesma.

— Porque eu não queria que notasse. Você estava noiva de outro homem.

Achei que tinha uma vida perfeita. Mas, se eu soubesse que ele era um imbecil, que não a fazia feliz, teria começado a levá-la comigo nas viagens

— respondeu ele furioso. — Teria feito tudo o que podia para afastar você dele.

Ally sentiu os olhos enchendo-se de lágrimas. Saber que Travis estivera lá, querendo-a durante aquele tempo todo, quase fez com que desmoronasse. Ally sabia o que sentia por ele agora e, se Travis sentira uma pequena fração disso, teria sido muito difícil. — Eu não estava feliz. Rick e eu nem tentamos fazer sexo nos últimos dois anos. Ele inventava desculpas, mas eu sabia...

— Não, Ally. Não pense nele — retrucou Travis.

— Não ouço mais a voz dele, Travis. Na verdade, estou feliz por ele ter me feito deixá-lo. Não me magoa mais — disse ela com sinceridade.

— De quem é a voz que você escuta? — perguntou ele com a voz cheia de emoção.

— A minha. — Ally observou o perfil dele e viu que o maxilar estava cerrado. Ele obviamente ainda não suportava pensar no ex dela. — E

algumas vezes ouço a sua. Especialmente as coisas safadas. — Ela viu que ele relaxou e a expressão do rosto ficou mais suave.

— Eu queria matar o imbecil pelo que ele fez. Ele tem sorte de ter perdido só o emprego e a mulher, se é que se pode chamá-la disso. Meu Deus! Ela mal tinha dezoito anos — resmungou Travis.

— Como você sabe disso? — perguntou Ally, ligeiramente espantada por Travis saber sobre a outra mulher na vida de Rick.

— Porque passei as informações certas para o chefe dele para que ele fosse demitido e depois subornei a mulher para deixá-lo. Ela era jovem e estava encantada pelo fato de um homem tão educado estar interessado nela. Ele contou a ela algumas mentiras sobre você. E ela acreditou porque era jovem e ingênua. Nunca soube da verdade sobre você. Ela ficou mortificada, Ally. Eu não queria que ela destruísse a própria vida com um idiota. Era jovem

demais. Paguei a bolsa dela da faculdade, com a condição de que ficasse longe dele. Ela aceitou e disse que nunca mais o veria.

Ally olhou para Travis por um momento, completamente atônita. Era difícil para ela sentir pena de Rick, pois trabalhara insanamente durante anos por ele. E ele conseguira outro emprego, só não prestigiado quanto o que conseguira depois da faculdade. Mas o fato de Travis ter salvado uma jovem do comportamento manipulador de Rick a deixou emocionada. — Eu sabia que ela era jovem, mas não tanto. Obrigada. Ele a teria destruído. —

Rick quase a destruíra e ela era mais velha e mais esperta. Ally mal conseguia imaginar os danos que ele causaria a uma mulher tão jovem e ingênua.

— Você não está brava?

— Não. Rick conseguirá outro emprego, mas talvez tenha que trabalhar um pouco mais. Não fico triste por isso. Talvez ele esteja ocupado demais perseguindo mulheres jovens. Mas o que você fez por aquela garota é incrível. Você é incrível — disse ela baixinho, sabendo que não fora a primeira jovem que ele salvara. Ele também ajudara duas jovens indianas a escaparem de um destino terrível quando ajudara Asha.

Travis deu de ombros, parecendo quase constrangido. — Achei que era a coisa certa a fazer.

— E era — concordou Ally, sentindo o peito apertado ao olhar para Travis. Ele tinha muita integridade, muita compaixão escondidas em seu interior. E nunca esperava nada em troca, não queria reconhecimento pelas coisas boas que fazia. Na verdade, ele evitava a atenção. Travis Harrison fazia o que achava certo por causa do senso de honra que tinha. — Você é um cara e tanto, Travis Harrison.

— Sou um escroto, Ally. E todos sabem disso. Mas, se acha isso, fico feliz por estar louca — disse ele com um sorriso. — Aceito qualquer coisa para manter você — acrescentou ele em tom mais sério.

Ally revirou os olhos. — E acha que eu sou a louca? — Mas ela sentiu o corpo todo quente de prazer. — Olhe só! Estamos chegando ao Túnel Eisenhower — exclamou ela, vendo a placa que indicava que estavam aproximando-se dele.

Travis balançou a cabeça e sorriu. — Não sabia que você ficaria toda animada com um buraco enorme em uma montanha.

Ally olhou para ele com olhar recriminador. — Você é cínico porque viajou o mundo inteiro. O túnel é impressionante. Ele nos levará diretamente sob a Divisória Continental. E chega a quase 3.400 metros de altura. É um dos maiores e mais longos túneis rodoviários do mundo, Travis.

— Você andou pesquisando.

— É claro que sim. E não foi uma pesquisa. Eu me diverti muito. Nunca estive no Colorado. É um lugar lindo.

— Talvez você não ache isso quando a neve começar a cair — retrucou Travis.

— Eu nunca vi neve — respondeu Ally.

— Pois verás. Você irá para todos os lugares comigo daqui em diante. —

A declaração dele soou quase como uma advertência.

Ally ficou emocionada com a voz possessiva de Travis ao entrarem no Túnel Eisenhower. — Isto é incrível. Estamos mesmo atravessando o interior de uma montanha — disse ela, pensando em como era surreal estar em outra parte do país, em uma área tão diferente da Flórida. — Como é Rocky Springs? O rancho é grande?

Ela só se encontrara rapidamente com Tate Colter algumas vezes, em ocasiões em que ele fora ao escritório falar com Travis. Ele era loiro, grande e lindo. Mas a única coisa de que ela realmente se lembrava eram os olhos cinzentos incríveis e como ele sempre fora muito educado.

— Ranchos — corrigiu Travis. — A cidade é pequena, mas os Colters são donos de mil acres nos arredores dela. Eles têm um rancho lá. Há também um rancho para convidados, um spa e um *resort* de esqui. Há fontes quentes em toda a área.

— E exatamente quantos Colters existem? — Ally não sabia que Tate tinha irmãos.

— O pai de Tate faleceu. Mas a mãe ainda vive na propriedade antiga, perto do *resort*, com a irmã dele. E ele tem mais três irmãos.

— Todos ricos, suponho — comentou Ally.

— Os Colters são ricos há muitas gerações. Os ancestrais deles se estabeleceram na cidade durante a corrida do ouro. Todos eram inovadores e começaram alguns negócios muito prósperos. Então, sim, todos eles são incrivelmente ricos. — Ele hesitou por um momento e acrescentou: — Mas são todos excelentes pessoas.

Ally estava nervosa. Não era um mundo com o qual ela tinha contato fora do escritório de Travis. — Espero que gostem de mim — disse ela baixinho. — Mas, pelo menos, eles acham que sou só sua assistente.

— Não foi o que eu disse a Tate. E você não é só minha assistente —

respondeu Travis irritado ao sair da rodovia e começar a percorrer uma cidade nas montanhas.

— Então, o que você disse? Só estamos... saindo juntos.

— Eu disse a ele que levaria minha mulher — respondeu ele em tom firme. — Ele nos colocou em uma das casas de hóspedes na propriedade dele para que possamos ter privacidade. Acho que Sutherland usará a outra casa.

Ally não percebera que Jason também iria, mas estava mais preocupada com o que Travis dissera aos amigos. — Mas não sou realmente sua mulher.

— Se você disser isso mais uma vez, vou parar este carro no acostamento e mostrar o quanto pertence a mim — disse Travis com voz perigosa. Ele saiu da cidadezinha e entrou em uma rodovia de duas pistas, passando pelas curvas com extrema facilidade. — Não diga isso, Ally. Não foi uma ameaça vazia. Estou mais do que pronto para mostrar a você exatamente o que eu quis dizer, aqui e agora.

Ai, meu Deus. Ally nunca tivera tanta vontade de fazê-lo cumprir uma ameaça. Seu corpo precisava do dele e ela o queria dentro de si tão desesperadamente que a calcinha estava molhada. Mas não era uma área segura para que ele parasse no acostamento. E ela não tinha dúvidas de que ele faria isso. — Mostre-me mais tarde — disse ela sem fôlego.

— Pode contar com isso — avisou ele em tom sombrio.

Ally não disse nada, com imagens do que Travis faria com ela mais tarde passeando por sua mente. Ela recostou a cabeça no banco e fechou os olhos, visualizando o corpo forte de Travis sobre o seu, o olhar feroz de desejo que sempre tinha nos olhos quando estava dentro dela.

— No que está pensando? — perguntou Travis curioso.

— Nada — disse ela em tom culpado. — Só pensando no meu terceiro livro. — *Mentirosa. Mentirosa. Claro que não estou pensando em uma trama para jovens no momento.*

— Quando ele estará pronto? Você me deixou no suspense de novo — resmungou ele.

Ela abriu os olhos. — Você já leu o segundo livro?

— Ontem. E é fantástico. Mas você precisa terminar logo a trilogia para não me enlouquecer.

— É o que pretendo. E acho que você é parcial. Os editores odiaram — respondeu ela com um suspiro, mas feliz por Travis parecer ter gostado mesmo da história.

— Não dou a mínima para o que eles disseram. É fantástica —

resmungou ele. — Sou um leitor. Portanto, minha opinião é muito mais importante — disse ele em tom arrogante. — Você precisa de um bom agente que possa enviar os livros para grandes editoras. Ou pode publicá-los você mesma. Conheço um bom homem de negócios que ficaria muito feliz em ajudar.

Ally já sabia quem era o homem de negócios e sorriu. — Então, você deixaria Kade me ajudar?

Ela riu quando ouviu o rosnado infeliz previsível de Travis que estivera esperando. Quando parou de rir, ela disse em tom mais sério: — Só o fato de você acreditar em mim é suficiente. Acho que é algo que preciso fazer por conta própria.

— Mas que mulher teimosa — reclamou ele, acenando com a cabeça para o lado direito. — Olhe, um rebanho de alces.

Ally ficou maravilhada ao ver o campo cheio de alces. — Eles são enormes. — Alguns estavam bem próximos da estrada e Travis reduziu a velocidade para não atingir nenhum dos animais.

Depois de passarem pelo rebanho, Ally perguntou curiosa: — Então, por que você insistiu tanto que eu viesse para o Colorado? Obviamente, você se sente confortável aqui. Conhece bem os Colters. Que diferença tem para qualquer outro evento de caridade? — Ela se fizera aquela pergunta durante algum tempo.

— É um leilão e um baile — respondeu Travis em tom sombrio.

— E daí? Você participa de leilões — retrucou ela.

— Não é um leilão normal. Tate achou que seria interessante ter um leilão de bilionários para arrecadar mais dinheiro. Que idiota! E ele tem as conexões para reunir uma multidão muito rica.

— Então, só haverá bilionários lá? — perguntou Ally.

— Não. Os bilionários serão leiloados. As mulheres darão lances no bilionário que quiserem que sejam o acompanhante para o baile. — Travis estremeceu visivelmente. — Não acredito que Sutherland apareceu.

Coitado. Espero que ele saiba no que está se metendo. Convenientemente, os irmãos de Tate não estão na cidade.

— Então, você será leiloado?

— Claro que não. Ficarei de fora porque tenho uma mulher. Só os caras solteiros serão leiloados.

— Então você me trouxe como proteção? — perguntou Ally, reprimindo uma risada, sabendo que aquele provavelmente fora o motivo inicial para que ele precisasse dela.

Ele hesitou por um momento e respondeu: — Sim. Não vou subir em um palanque de leilão como se fosse uma maldita antiguidade ou um cavalo premiado à venda.

Ally riu. — Bom, você é um garanhão e não tem preço. Isso é hilário. E acho muito diferente. Acho que será divertido. E os homens que estão participando são bons esportistas. Tate será leiloado?

— Sim. Alguma mulher desavisada terá que aguentá-lo a noite inteira — resmungou Travis. — Ele conseguiu um número surpreendente de voluntários. Acho que vamos arrecadar bastante dinheiro.

— Então, eu estarei no mesmo lugar que muitos dos solteiros mais cobiçados do mundo? — perguntou Ally em tom provocante.

— Não. Você estará lá comigo — respondeu Travis.

— Jason Sutherland terá um preço alto. Tate também. Conheço mulheres que dariam qualquer coisa para passar uma noite com um deles. E imagino que haverá mulheres com carteiras bem profundas.

— E você é uma dessas mulheres que adoraria passar uma noite com Tate ou Jason? — perguntou Travis. A voz dele fora ríspida, mas um pouco vulnerável. Ele saiu da rodovia e entrou em uma estrada pavimentada com uma placa que dizia “Boas-vindas ao Rocky Springs Resort”.

Ally olhou para Travis surpresa. Ele estava falando sério? Nenhum outro homem existia mais para ela. Jason certamente era bonito, Tate também.

Mas não havia outro homem no mundo como Travis. Ela achava incrível que ele pudesse até mesmo fazer aquela pergunta, que ainda tivesse dúvidas. Ela o perseguia como uma mulher em estado perpétuo de cio. Era incrível que Travis tivesse inseguranças, mas, pelo jeito... tinha.

Assim como eu.

— Não, não sou. — Ela estendeu a mão e acariciou gentilmente o maxilar dele. — Já estou vivendo minha fantasia com você e tenho sorte de ter mais de apenas uma noite. — Ela suspirou ao acariciar os cabelos na nuca dele. — No mínimo, fico imaginando por que você me quer. Você é um homem brilhante, incrivelmente bonito, que dá aos outros sem reconhecimento algum. Sou só uma mulher comum e não tenho nada de especial. Minha bunda é grande demais, tenho curvas demais e não sou nada além do ordinário. Mesmo assim, você me quer. Algumas vezes, tenho medo de acordar e perceber que tudo o que aconteceu com você foi apenas um sonho erótico muito longo. Portanto, não... não sonho nem fantasio com nenhum outro homem além de você.

Travis segurou a mão dela e levou-a aos lábios, beijando-lhe a palma reverentemente. — Jesus, Ally. Às vezes, sinto exatamente a mesma coisa.

O tempo parou por um momento, como se somente eles dois existissem.

Ally prendeu a respiração. A beleza de Travis abrindo-se para ela fez com que seu coração saltasse no peito. A ligação com ele era tão forte, tão correta, que ela queria chorar de alegria por estar com Travis. — Nunca magoarei você de novo, Travis. Não de propósito. — Ela soltou o ar trêmula. — E farei tudo o que for necessário para convencer você disso.

Nem que eu tenha que pegar a sua gravata, amarrá-lo e atacá-lo até que esteja completamente convencido.

Travis abriu um sorriso malicioso. — Subitamente, estou me sentindo incrivelmente inseguro.

Ela lançou a ele um sorriso igualmente malicioso. — Então acho que teremos que dar um jeito nisso.

Travis percorreu um caminho circular em frente a uma mansão bela e enorme ao responder: — Vai precisar trabalhar muito em mim.

Apesar de Ally se sentir muito nervosa por ter que encontrar muitos dos colegas de Travis, ela sorriu.



Capítulo 15



—Acho que você se sentirá confortável aqui. Travis já ficou aqui antes e sabe onde fica tudo. Mantenha-se bem hidratada e não exagere hoje à noite.

Estamos a quase 2.500 metros de altitude e você não está acostumada.

Talvez sinta os efeitos por algum tempo — disse Tate a Ally com um sorriso carismático. — Fico feliz por estar aqui, Ally. Espero que se divirta.

Tate Colter provavelmente era o que Travis chamaria de melhor amigo, além do irmão Kade, mas ainda queria socá-lo toda vez que ele abria aquele sorriso admirador para Ally. — Estamos bem. Você já pode ir — disse Travis em tom rabugento, olhando em volta da casa de hóspedes. Ele ficara hospedado lá muitas vezes antes e era um lugar agradável. Mas a única coisa que queria era que Tate desse o fora. Alguém levava as malas deles

para lá mais cedo enquanto conversavam com Tate durante o jantar. Agora, Travis só queria ficar sozinho com Ally.

— Fico feliz por saber que sentiu tanto a minha falta, amigo. — Tate bateu nas costas de Travis com um sorriso.

Traves o encarou de volta friamente, sabendo que Tate só estava implicando. Não levava muito tempo para que Tate percebesse que Travis se sentia possessivo em relação a Ally e imediatamente começara a prestar o máximo de atenção a ela para irritá-lo. Idiota!

Ally deu um passo à frente e estendeu a mão para Tate. — Muito obrigada por me hospedar. É um lugar lindo.

— Estou muito feliz por ter você aqui — respondeu Tate, enfatizando a palavra “ter” intencionalmente ao apertar a mão de Ally por mais tempo do que o necessário.

— Se não for embora, vou matar você — rosnou Travis.

Tate soltou a mão de Ally e soltou uma risada. — Está bem, está bem.

Estou indo. — Tate obviamente percebeu que Travis estava chegando ao limite.

Travis o empurrou com força, deixando Tate mais perto da porta, coisa que não foi fácil, pois os dois tinham aproximadamente o mesmo tamanho.

Mas Travis tinha a irritação como motivação. Abrindo a porta, ele gesticulou impacientemente para que Tate saísse e bateu-a atrás dele, trancando-a ruidosamente. Ele ouviu a gargalhada de Tate enquanto o amigo se afastava da casa. — Filho da puta!

— Travis, ele só estava implicando com você. Não está interessado em mim — disse Ally atrás dele. — Mostre-me a casa. Ela é linda.

— Eu sei o que ele estava tentando fazer. Juro que retribuirei o favor um dia. — Ele mal podia esperar para que Tate tivesse alguém por quem estivesse seriamente interessado.

A casa de hóspedes era uma mansão de um piso. Ele pegou a mão de Ally e levou-a pelos vários aposentos, parando ao finalmente chegar ao quarto principal. Ele abriu a porta deslizante para o pátio. — Minha parte favorita da casa.

Ally saiu e suspirou, um som que fez com que o pau duro de Travis se contraísse, querendo ouvir aquele mesmo som ao se enterrar dentro dela.

— É adorável. E o céu é tão limpo aqui. As estrelas são incríveis — disse ela maravilhada. — O que é isto? — Ela acenou em direção a uma pequena piscina com uma cascata que descia por várias plataformas rochosas.

— É uma fonte de água quente. Há um fluxo incrível neste terreno que permite que sejam desviadas para vários locais. A maior delas fica no *resort* e no spa.

Ally farejou ruidosamente. — Tem um cheiro diferente.

— São os minerais. É uma fonte quente natural. Tem quatorze ou quinze minerais naturais.

— É linda. Ela é quente mesmo?

— Sim, é — disse Travis casualmente ao agarrar a parte debaixo da camiseta e puxá-la por cima da cabeça. — E relaxante.

Travis quase rosnou ao perceber a expressão faminta no rosto de Ally quando os olhos dela passearam por seu peito. — Vou buscar um pouco d'água. Tate tem razão. Você precisa beber bastante água.

— Eu vou buscar — disse ela rapidamente, passando a língua nos lábios ao observá-lo abrir o botão da calça. Ela recuou lentamente e foi para a cozinha, como se não quisesse tirar os olhos dele.

Travis tirou rapidamente a calça e a cueca, e entrou na piscina, gemendo ao sentir a água mineral quente sobre o corpo. Ele submergiu, absorvendo o calor relaxante ao mergulhar a cabeça. Em seguida, sentou-se em uma das

plataformas rochosas mais baixas, recostando-se nela para que a água corresse sobre o corpo, relaxando os músculos.

Quantas vezes ele se sentara exatamente naquele mesmo lugar, sonhando com Ally? Ele deixara a luz do pátio desligada e apenas a luz do quarto ligada. Travis olhou para o céu, feliz com o milagre de ela finalmente estar lá com ele. Inconscientemente, ele segurou o pênis rígido, acariciando-o ao olhar para cima, feliz e aterrorizado ao perceber como Ally mudara sua vida. Ele não era um homem que tinha muitos motivos para ser alegre e ela era inebriante. Mas ele ainda tinha medo de perder Ally. E sabia, agora, que nunca sobreviveria a essa perda.

Ele ouviu um gemido baixo e faminto ao lado da piscina e olhou para cima, vendo Ally com duas garrafas de água nas mãos. Ela olhava para ele de forma tão intensa que o coração dele acelerou como um carro de corrida na linha de partida. Finalmente percebendo que acariciava o pênis, ele congelou.

— Não pare — pediu Ally baixinho. — Por favor. Você parece tão excitante. — Ela colocou as garrafas no chão ao lado da piscina e puxou a camiseta delicada de manga curta sobre a cabeça em um movimento lento e sedutor.

Naquele momento, Travis não teria conseguido parar mesmo se quisesse.

Ele observou enquanto ela lentamente tirava a roupa. O sutiã foi o próximo, em movimentos lânguidos e sensuais. A mão de Travis subiu e desceu em volta do pênis, segurando-o firmemente enquanto a observa, sabendo que cada movimento tinha como finalidade deixá-lo mais excitado. E foi o que aconteceu, dolorosamente. Os movimento sensuais abertos dela o deixaram louco. — Minha nossa, você é linda — disse ele com voz rouca quando seus olhares se encontraram.

Ela segurou os seios, passando os polegares sobre os mamilos e gemendo ao observar a mão dele subir e descer. — Isso mesmo, toque em si mesma, Ally. — Observá-la dar prazer ao próprio corpo quase fez com que ele perdesse o controle.

Ele viu quando ela mordeu o lábio inferior, tentando conter os gemidos de prazer. Ela estava parada diretamente em frente da luz proveniente do quarto e parecia uma deusa.

Ela moveu as mãos e lentamente abriu o botão e o zíper da calça, tirando-a e revelando o corpo devagar. Com a calça, ela também tirou a calcinha.

Finalmente, Ally parou em frente a ele lindamente nua, sem sentir mais vergonha de se expor completamente a Travis.

— Venha até aqui — disse Travis, incapaz de aguentar mais um segundo sem tocar nela.

Ela entrou na piscina silenciosamente até que a água ficasse sobre os seios. Ao chegar em frente a Travis, ela colocou as mãos nas coxas dele, massageando os músculos.

Travis tirou a mão do pênis e estendeu a mão para ela. — Sente sobre mim, Ally. Convença-me de que realmente está aqui comigo — disse ele com voz ao mesmo tempo implorante e exigente.

Desta vez, ele não apressaria o momento. Era mágico demais e ele queria saborear Ally da forma como sempre precisara, mas que nunca conseguira fazer.

— Eu quase queria só assistir você gozar. Você é tão maravilhoso — disse ela sem fôlego.

O coração de Travis deu um salto e ele ficou ainda mais excitado. Que mulher dissera algo parecido com aquilo? Somente Ally. E isso fez com que ele quisesse lhe dar ainda mais prazer. — Você vai gozar comigo, querida

— disse ele em tom firme ao erguê-la sobre a plataforma até que estivesse em seu colo. Ela se sentou sobre ele e Travis sentiu o calor escorregadio da boceta quando ela moveu os quadris sobre sua virilha. Passando os braços em volta da cintura dela, ele mordeu e acariciou a pele de seu pescoço com

a língua. Travis não teve pressa, saboreando cada toque, sentindo o corpo dela estremecer em seus braços ao colocar a boca sobre um dos mamilos.

Erguendo a cabeça, ele exigiu: — Beije-me. — Ele colocou a mão na nuca de Ally e puxou-a para perto.

Ele explorou a boca de Ally lentamente com a língua, adorando a forma como ela o seguia, entrelaçando a língua na dele, deixando-os mais próximos do que nunca. Descendo a mão para o pênis, ele gemeu ao abrir as dobras dela e encontrar, com os dedos, nada além de um desejo quente e molhado entre suas coxas. Ele guiou o pênis para o canal estreito, erguendo os quadris para penetrá-la. Ela se mexeu, descendo sobre o pênis até que ele estivesse totalmente enterrado dentro dela.

Ela gemeu e passou os dedos pelos cabelos dele. Nenhum dos dois se mexeu por um momento. Travis se deliciou com a sensação dos lábios dela sobre os seus e dos músculos internos envolvendo o pênis com calor intenso. A água mineral quente fluía sobre eles enquanto se perdiam naquela sensação.

Ally moveu os quadris lentamente enquanto segurava os cabelos de Travis, interrompendo o beijo para respirar. Travis segurou as nádegas dela, movendo os quadris para cima, querendo preencher Ally tão completamente que ela sentiria sua falta para sempre. Naquele momento, Travis percebeu que não estava apenas trepando. Ele estava fazendo amor com a mulher que o completava de forma tão perfeita que não queria que o momento terminasse. A verdade era que ele sempre fizera amor com Ally e sempre fora algo incrível. Ela era perfeita. — Faça amor comigo, Ally. Não consigo acreditar que esteja realmente aqui.

— Sim — gemeu ela ao mover os quadris mais depressa. — Eu sempre fiz amor com você. E não quero parar nunca mais.

Travis puxou o corpo dela contra o seu, sentindo o coração de Ally bater no mesmo ritmo que o seu. O corpo dos dois sempre ficava repleto de eletricidade quando estavam juntos.

Eles chegaram ao orgasmo ao mesmo tempo, gemendo quando os lábios se encontraram. Travis sentiu Ally se contrair em volta dele ao explodir, deixando seu mundo completamente de cabeça para baixo.

Eles ficaram naquela posição, ofegando ao se recuperarem do ato de amor incrível pelo qual tinham acabado de passar. Finalmente, Travis deslizou para dentro da água, sentando-se na plataforma mais baixa e levando Ally consigo. Ela repousou a cabeça no ombro dele e Travis apertou os braços em volta da cintura dela. — Seu destino era ser minha, Ally — sussurrou ele no ouvido dela.

— Eu sei — respondeu ela simplesmente, olhando para o céu. — Olhe, uma estrela cadente. Faça um desejo, Travis.

Ele nunca fora o tipo de cara que fazia algo tão bobo quanto desejos para uma estrela. Ele era pragmático, escroto. Não acreditava que um desejo para uma estrela se tornaria realidade. Mas um desejo surgiu imediatamente em sua mente:

Desejo que Ally se apaixone por mim e fique comigo para sempre.

Ok... ele podia ser realista, mas não recusaria ajuda de espécie alguma.



— Fez um desejo? — perguntou ela animada. — Eu fiz. Mas você não pode contar. Só poderá me contar se o desejo se tornar realidade.

— Fiz — confirmou ele. — Você também?

— Sim — respondeu ela baixinho.

Ele ficou imaginando qual fora o desejo dela. E torceu muito para que, algum dia, pudesse contar a ela que o desejo dele fora atendido.

— Hope vai se casar. — Jason Sutherland tomou outro gole da bebida com a voz cheia de desespero. — Mas que diabos? Ela voltou para o mesmo idiota com quem estava em Aspen. Achei que eu estava lhe dando tempo

para se curar e ela voltou para o imbecil. Ele só quer o dinheiro dela. Será que ela não entende? Meu Deus! Eu deveria tê-la pressionado mais depois do que aconteceu entre nós no feriado.

Travis sentiu pena do pobre homem. Ele fora até a casa de Tate depois de colocar Ally na cama, pois ela estava cansada e com uma leve dor de cabeça, provavelmente como resultado da altitude. Ele teria que voltar logo e ver se ela estava bem. Mas ele e Tate estavam, naquele momento, tentando fazer com que Sutherland, abatido, se acalmasse.

Tate mal conhecia Sutherland, mas disse com empatia: — E o que você vai fazer? Se é louco por essa mulher há anos, não acha que está na hora de fazer alguma coisa?

— É complicado. Grady, o irmão dela, é um dos Sinclairs da costa leste.

E um dos meus melhores amigos. Conheço Hope há anos e nenhum dos irmãos Sinclair sabe que quero transar com a irmã deles. É ruim —

respondeu ele com ar infeliz. — Tivemos uma noite incrível juntos no feriado... e depois tivemos uma discussão. Eu só iua esperar até que ela estivesse pronta. Mas cansei de esperar. Vou atrás dela. Ela não vai se casar com aquele idiota.

Tate assoviou baixinho. — Os Sinclairs são uma família muito poderosa.

Tem certeza de que quer mexer com um deles?

Jason lançou um olhar desgostoso para Tate. — Quero mais do que mexer com ela.

Travis não conseguiu evitar sentir pena de Sutherland. Ele estivera exatamente no mesmo barco com Ally quando ela estava noiva de outro

homem. — Tenho certeza de que os seus amigos prefeririam vê-la com você do que com um cara que só quer drenar a conta bancária dela.

— Sinceramente, não importa mais o que eles pensam. Hope é a única que importa — confidenciou Jason em tom furioso.

— Acha que ela está apaixonada por esse cara? — perguntou Travis curioso, comparando a situação de Ally com a de Hope e sentindo-se muito irritado. Obviamente, algum idiota estava atrás de Hope Sinclair por causa do dinheiro, usando-a como o ex de Ally a usara.

— Não. Mas Hope tem um coração enorme. Ela provavelmente se apaixonaria por qualquer história triste.

Travis viu um sorriso lento se formar no rosto de Tate, um sorriso que vira antes e que o deixou muito assustado. Tate estava maquinando um plano que provavelmente terminaria em problemas.

— Tenho uma ideia — confirmou Tate. — Mas é questionavelmente ilegal e muito traiçoeira. Até onde está disposto a ir para ter essa mulher?

Jason deu de ombros. — Até onde for necessário. Não importa.

— Ela poderia acabar odiando você — avisou Tate.

— Melhor do que ela ser indiferente e resolver casar com algum outro cara. Conte a sua ideia.

Travis ouviu enquanto Tate descrevia um plano tão medonho que até mesmo ele ficou surpreso. A loucura toda era que... talvez desse certo. Tate era um ex-militar das forças especiais e, às vezes, tinha culhões de titânio em relação às loucuras que estava disposto a fazer. Mas também era um excelente planejador estratégico.

— Está disposto a assumir esse tipo de risco? — perguntou Tate a Jason em tom direto.

— Sim. Isso me daria exatamente o que quero — respondeu Jason em tom perigoso.

Aquilo deixou Travis convencido. Jason estava realmente apaixonado por aquela mulher. Ou era tão louco quanto Tate.

— Ajudarei em tudo que puder. — Se o homem amava tanto assim aquela mulher, Travis faria o possível para ajudar Jason. Ele certamente entendia a

situação do amigo.

— Precisarei de um favor — respondeu Jason lentamente.

— Que favor?

— Vou ter que partir amanhã cedo. E estou agendado para o leilão. Não posso deixá-los na mão. Pode tomar meu lugar?

Travis não gostou da ideia. — Não posso, estou aqui com Ally. — Ele não se importaria com a humilhação para ajudar Sutherland, mas não podia fazer aquilo com Ally. Além disso, não queria ficar com nenhuma mulher a noite inteira, exceto ela.

— Terei o maior prazer em entreter Ally para você — disse Tate em tom malicioso.

— Você terá sua própria acompanhante. E, se encostar um dedo nela, eu matarei você — resmungou Travis. A ideia de deixar Ally sozinha a noite inteira o deixou irritado.

— Basta falar para ela dar o lance em você e ganhar — sugeriu Jason. —

Eu cobrirei o lance.

Aquilo funcionaria. Travis talvez passasse por alguns momentos de humilhação, mas Ally resolveria. — Eu cobrirei. Eu pagaria qualquer coisa para passar uma noite com Ally.

— Obrigado. Devo uma a você, Travis — disse Jason grato.

— Não, não deve. Basta conseguir a mulher e considerarei a dívida paga.

Nenhuma mulher merece se casar com alguém que só quer usá-la —

resmungou ele, pensando em Ally. Travis queria que Sutherland tivesse sucesso, tanto por ele mesmo quanto por Hope Sinclair.

Travis se levantou, pronto para voltar para a casa de hóspedes. — Preciso voltar para ver como Ally está.

— Eu lhe disse para tomar cuidado por causa da altitude, Trav. Você fez alguma coisa para deixá-la sem fôlego? — perguntou Tate com voz falsamente inocente.

Travis lembrou do ato sexual avassalador mais cedo na piscina de água quente. Olhando friamente para Tate, ele respondeu: — Espero muito que sim. — Virando-se para Sutherland, ele acrescentou: — Boa sorte. Espero que dê tudo certo. — Ele apertou a mão de Jason e foi para a porta, silenciosamente torcendo para que aquela mulher de quem Jason gostava fosse inteligente e tivesse um coração tão grande quanto o amigo dissera que tinha. Ela certamente precisaria dele.



Capítulo 16



Ally não conseguia se lembrar de uma ocasião em que estivera mais nervosa em toda a vida. Ela alisou o material sedoso do vestido de noite, perguntando-se se deveria trocá-lo. Era sexy e elegante, mas a saia terminava no meio da coxa, expondo muito mais as pernas do que ela estava acostumada. Os sapatos de salto pretos eram muito altos e o decote do vestido descia até o vale dos seios, fazendo com que fosse impossível usar sutiã. Por sorte, a parte superior que cobria os seios tinha um material mais pesado que cobria tudo. Ainda assim, ela se sentia seminua sem sutiã.

Ela olhou pela última vez para o reflexo no espelho, murmurando para si mesma: — Você consegue. São só pessoas.

Mas aquelas pessoas estariam olhando para ela, pois estaria dando lances para Travis. Ele explicara naquela manhã o que acontecera com Jason Sutherland e o que precisava que ela fizesse. Ela não estava exatamente

confortável com a ideia de dar lances com o dinheiro de Travis, mas ele parecera tão vulnerável que Ally faria qualquer coisa para tirá-lo de uma obrigação que certamente detestara. E ela ficou emocionada pelo que ele fazia por Jason.

Eles tiveram um dia tranquilo, com Travis pairando à volta dela e enchendo-a de fluidos e carboidratos, justamente o que seus quadris não precisavam, para ajudá-la a enfrentar o problema da altitude. Sinceramente, ela se sentira bem desde que acordara, tendo uma reação obviamente leve, e a preocupação de Travis fora extremamente exagerada. Estranhamente, ela não se importou, achando aquilo mais doce do que irritante.

— Puta merda! Diga-me que não é isso que você vestirá hoje à noite. —

O rosnado de Travis soou na porta do quarto.

Ally olhou para o desgosto no rosto de Travis e sentiu o coração afundar.

— Não fiquei bem nesta roupa. Eu sabia que deveria ter escolhido alguma outra coisa — disse ela com desalento.

— Não, querida, você não ficou. Você ficou uma deusa sensual, a fantasia de qualquer homem. Não sei se meu coração aguenta. — Ele andou até ela e virou-a para si, segurando sua mão. Ele acariciou a palma com o polegar, passeando os olhos pelo corpo de Ally até chegar ao rosto. — Não haverá um homem no salão que não queira trepar com você. Não quis ferir seus sentimentos com aquele comentário nem abalar sua autoconfiança. É a minha que está abalada. Como vou manter uma horda de homens excitados longe de você?

Ally revirou os olhos. — Não é tão revelador assim e o único homem que fica excitado ao olhar para mim é você — garantiu ela, internamente feliz por ele achar que estava atraente. — E você está incrivelmente lindo, sr.

Harrison. — E estava mesmo. Ela via Travis de terno o tempo inteiro, mas, em um fraque, ele estava absolutamente arrasador. Sem dúvida, haveria mulheres babando em cima dele. E ela certamente seria uma de muitas. —

Como vou manter as mulheres longe de você?

— Basta elas verem a forma como olho para você para entenderem a mensagem, alto e claro — respondeu ele, beijando a palma da mão dela com ternura.

Ally quase derreteu ali mesmo. Meu Deus, aquele homem conseguia fazer com que ela se sentisse a mulher mais desejável do mundo. E ela sabia que a avaliação dele não chegava nem perto disso. Ainda assim, ela teve vontade de gritar de felicidade.

— Mas não gostei dos seus brincos — disse Travis pensativo.

Ally tocou nos pequenos brincos que tinha nas orelhas. Eram o melhor par de brincos que ela tinha e, ao colocá-los, desejou ter algo mais bonito.

— Desculpe, não me lembrei de pegar...

— Acho que estes são mais bonitos. — Ele colocou a mão no bolso e tirou uma caixinha de veludo.

— Travis... você não fez isso. — Ela olhou para a caixa com a mão trêmula, abrindo a tampa com uma exclamação. Aninhados no interior de veludo, estavam os brincos e a pulseira mais exóticos que já vira. Eram lindos e tinham um desenho exclusivo, o que a fez suspeitar instantaneamente de quem os fizera. — Mia?

— Sim. Ela faz cada item exclusivo e eu queria que fossem diferentes do que qualquer outra mulher estivesse usando — respondeu Travis. —

Coloque-os.

Ally ficou abalada. Ela não queria rejeitar nada que Travis lhe desse, mas, ao olhar para as pedras brilhantes, opalas pretas e diamantes, percebeu que eram muito valiosas e raras. Ela olhou para Travis, cujos olhos estavam cheios de ansiedade, e tirou as joias da caixa. Ele achava realmente que ela não gostaria delas? Ela tirou os brincos que usava e colocou os novos, que tinham duas fileiras longas alternando as opalas e os diamantes.

Silenciosamente, ela entregou a pulseira a Travis e deixou que ele a prendesse em seu pulso.

— Eu queria o colar, também...

— Não — disse ela enfaticamente, passando o dedo sobre o unicórnio de diamantes que tinha no pescoço. — Não tirei este colar desde que você me deu. E nunca tirarei.

— Imaginei que você diria isso — disse Travis com um sorriso travesso.

Ally se olhou no espelho, vendo que a pulseira e os brincos sofisticados combinavam perfeitamente com o vestido. — Não sei o que dizer no momento, Travis. — Ela estava sem palavras, incapaz de se expressar por causa do nó na garganta. Ninguém nunca lhe dera nada tão lindo... exceto Travis. — Eles são tão lindos. Vou ficar com medo de perdê-los.

Travis deu de ombros. — Basta me dizer que gostou. E, se perdê-los, compro outros. São apenas joias, Ally.

— Qualquer coisa que você me dá é especial. — Ela se virou e passou a mão no rosto dele. — E quero lhe dar algo em retribuição. Mas o que se dá a um bilionário?

Ele pegou a mão dela gentilmente e posicionou-a sobre o pênis ereto. —

Você me dá isto. E é algo muito especial — disse ele com um sorriso malicioso.

Ela não se conteve e caiu na gargalhada com a ação inesperada dele. —

Seu pervertido — acusou ela.

— Você me deu os seus livros, Ally. E deu-me sua fé. Você se entregou a mim, querida. Perto disso, joias significam muito pouco. Portanto, aceite os presentes que quero muito lhe dar — disse ele com voz rouca. — Só quero fazer você feliz.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o com ternura. — Você já faz.

— Consigo ver seus seios. — Ele empurrou o vestido para o lado. —

Putá merda! Vou ter que pensar em você quase nua sob este vestido a noite inteira? — Ele abaixou a mão e lentamente ergueu a saia, assoviando ao ver as meias pretas e a calcinha preta minúscula. Ele resmungou e soltou a saia.

— Não vou conseguir chegar até o fim da noite.

— É claro que vai — respondeu ela com o rosto corado de prazer.

— Tome cuidado ao se sentar. E não deixe ninguém chegar perto o suficiente para olhar para dentro desse vestido — ordenou Travis com voz sombria.

— Incluindo você? — perguntou ela inocentemente.

— Claro que não — explodiu ele. — Vou espiar como um degenerado excitado toda vez que tiver a oportunidade.

Ally riu baixinho e pegou a bolsa preta. — Hora do espetáculo para você, garanhão solteiro bilionário.

— Você sabe o que fazer? — perguntou Travis pela centésima vez.

— Sim. E foi muito gentil da sua parte o que fez por Jason — respondeu ela enquanto Travis a conduzia para fora do quarto. Eles desceram a escada de mãos dadas.

— Eu deveria ter mantido a minha boca fechada — resmungou ele.

Ally sorriu, sabendo que ele não estava falando sério. Travis se referia a si próprio como escroto e talvez houvesse muitas pessoas com medo do exterior gelado dele. Mas ela sabia que ele não era assim. Travis Harrison tinha um coração imenso. Era uma pena que a maioria das pessoas não o viam da mesma forma que ela.

— Dê um lance alto e acabe logo com isso — exigiu ele ao fechar a porta da frente e trancá-la. — E, pelo amor de Deus, não chegue perto de mais de ninguém. Nem se incline para a frente. Eu terei um ataque do coração.

Ally estremeceu com o tom possessivo da voz dele. A preocupação dele era mais com alguém ver suas roupas íntimas do que o desconforto pelo qual estava prestes a passar.

— Quer que eu procure um casacão para vestir por cima? — perguntou ela em tom de brincadeira.

Ao abrir a porta do carro para ela, o rosto dele se iluminou. — Faria isso?

— Eu estava brincando, Travis — disse ela, rindo alegre.

— Merda! — exclamou ele infeliz. — Eu não estava.

Ally riu baixinho enquanto Travis prendia seu cinto de segurança e fechava a porta para dar a volta até o lado do motorista e entrar no carro.



— Obrigada pelo belo presente, Travis. — Ela passou o dedo sobre a pulseira, ainda espantada com as coisas que Travis fazia e que pareciam apenas comuns para ele. — Diga-me o que posso fazer por você em troca.

— Não quero nada — disse ele simplesmente ao ligar o motor. — Só quero você. Mas, se me deixar tirar esse vestido de você e examinar as roupas íntimas sensuais mais tarde, serei um homem feliz.

— Fechado — concordou ela prontamente, já sentindo o corpo quente só de pensar naquilo.

— Melhor presente de todos — respondeu ele com tanto entusiasmo que parecia uma criança no Natal.

Quando estavam a caminho do *resort*, Travis pegou a mão dela e colocou-a sobre a própria coxa, como se precisasse sentir seu toque. Ally soltou um suspiro feliz e relaxou no banco de couro, pensando que, talvez, sua introdução ao mundo de Travis não seria tão difícil, no fim das contas.

Quando o lance chegou perto de seis dígitos, Ally começou a ter palpitações. Sim, era com o dinheiro de Travis que estava dando os lances, mas ele já dera muito para aquela caridade, que gerenciava de forma generosa com Jason Sutherland e Kade.

O salão do *resort* era magnífico, mas, naquele momento, todos estavam agrupados em volta do pequeno palco no canto. As mulheres praticamente se acotovelavam para chegar mais perto da plataforma. Travis estava parado lá, parecendo calmo com as mãos nos bolsos da calça, mas os olhos dele não se afastaram dos dela. Ele continuava acenando sutilmente, encorajando-a a continuar.

Ele achara que os lances ficariam tão altos? Ele acabara sendo o primeiro homem a ser leiloado e Ally não fazia ideia de quanto dinheiro o evento arrecadaria nem quanto cada “acompanhante” daria.

Dê um lance alto e acabe logo com isso.

Fora o que Travis lhe pedira para fazer. Mas quanto era um lance alto?

As mulheres davam lances furiosamente, uma após a outra. Ally erguia a placa toda vez que os lances ficavam mais lentos e o leiloeiro esperava um lance maior. Ela olhou rapidamente para as mulheres, todas cheias de joias e parecendo pertencer àquele lugar.

Travis lançou a ela um olhar irritado e ligeiramente desconfortável, dizendo a ela que queria sair daquele palco rapidamente.

Vamos, Ally. Travis tem dinheiro para isso. Não pense no assunto. Só precisa resgatá-lo.

— Duzentos mil — disse ela confiante, em voz alta, aumentando o lance acima do que achava que a maioria das mulheres ofereceria.

Todos os olhos se voltaram para ela. A maior parte das mulheres a encarou com desgosto, mas Travis apenas sorriu de leve, com os olhos dançando aprovadoramente.

As mulheres pararam de conversar e baixaram as placas, olhando para Ally como se ela fosse uma criminosa. Os lances diminuíram consideravelmente, com apenas Ally e mais duas mulheres participando.

Ela erguia a placa, aumentando o lance minimamente a cada vez.

Travis lançou um olhar desgostoso a ela, que gritou novamente: —

Trezentos mil. — Ela fez todos os esforços para não hiperventilar.

As outras duas mulheres baixaram as placas e olharam para ela com raiva. Mas Ally as ignorou, pois Travis parecia feliz quando o leiloeiro fez a última chamada.

— Um milhão de dólares. — A voz feminina surgiu atrás de Ally e ela se virou para ver uma bela morena lançando-lhe um olhar malicioso.

Confusa, Ally olhou novamente para Travis, mas ele não olhava para ela.

Ele estava sorrindo para a bela morena atrás dela. E a mulher olhava para Travis com um sorriso largo.

Ally esperou. O salão inteiro ficou em silêncio enquanto a bela mulher e Travis sorriam um para o outro. Quando o olhar de Travis finalmente voltou para ela, ele balançou a cabeça. Ally olhou para ele chocada. Obviamente, ele queria que aquela mulher ganhasse o leilão.

A dor invadiu o peito de Ally e ela tentou respirar fundo, mas só conseguiu respirar depressa e pesadamente. O peito doeu quando ela viu o leiloeiro conceder Travis à bela morena.

A mulher passou por Ally, abrindo caminho até a frente do palco, sem parecer se importar com quem irritava no processo. Quando Travis desceu, a mulher se jogou nos braços dele e Ally recuou quando viu que ele não a afastou. Ele se inclinou para sussurrar algo no ouvido dela e a mulher riu, beijando-o no rosto e ainda pendurada no braço dele.

Ele a quer. Ele não a afastou. Ele queria que ela ganhasse o leilão. Ele passará a noite inteira com ela.

Ally se virou e deixou a placa cair no chão, sem conseguir observar por mais tempo Travis e a outra mulher. Naquele momento, a única coisa que queria era fugir.

Ela abriu caminho pela multidão, procurando desesperadamente um local onde poderia se esconder. Seu rosto queimava por causa da humilhação e o coração doía.

Será que eu estive tão errada assim sobre Travis?

Ela saiu correndo pela porta do *resort* e vagou cegamente, chegando na piscina enorme de águas termais que estava fechada. Não havia ninguém por perto e ela se sentou em uma das cadeiras de madeira ao lado da piscina. O cheiro dos minerais evocou as imagens de Travis e ela fazendo amor na piscina na casa de hóspedes. Ela achava que estavam muito ligados, como se não houvesse mais ninguém no mundo para nenhum dos dois.

Ela tentou entender o que acabara de acontecer, como Travis lhe dera as costas com tanta facilidade, mas não conseguiu. E quem diabos era aquela mulher? Era alguém do passado dele? Ally nunca a vira antes. E o que uma mulher do passado dele estaria fazendo no Colorado?

Ele vem muito aqui. Talvez a tenha conhecido em uma viagem anterior.

Não importava, Ally sabia que as coisas nunca mais seriam as mesmas para ela e Travis e sentiu-se arrasada. Ele preferira outra mulher a ela e aquela dor era tão intensa que Ally queria se enrolar em posição fetal de pura agonia. As lágrimas escorreram pelo rosto e ela soltou um soluço estrangulado ao ouvir o toque do telefone.

Ela quase o ignorou, mas tirou o aparelho da bolsa, notando na luz fraca que era um telefonema da Flórida, do departamento de polícia. Ela apertou o botão para aceitar a chamada com apreensão.

A conversa que se seguiu deixou o mundo de Ally de cabeça para baixo.

Ao desligar o telefone, ela se sentiu completamente destruída. O corpo inteiro estremeceu e ela ficou imóvel na cadeira, tão chocada que não

conseguia se mexer.

— Ally? — Tate Colter se sentou ao lado dela, mas Ally mal o notou. —

Você está bem?

Ela abriu a boca para falar, mas a única coisa que conseguiu dizer foi: —

Não, acho que não.

Tate se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos, esperando pacientemente. — Quer me contar o que houve?

Ela queria contar a alguém, mas mal conseguia entender a coisa toda. —

Minha casa se foi. Pelo jeito, havia uma tubulação de esgoto sob ela que se abriu. Disseram que não era um buraco grande, mas foi o suficiente para abalar a fundação e causar um vazamento em alguns dos canos. O gás vazou e a casa explodiu. Ela... se foi. — Dizer aquelas palavras fez com que parecessem reais. — Acho que Travis...

— Salvou sua vida? — terminou Tate por ela. — Tenho certeza de que ele sabia. Faz algum tempo que ele insiste em trazer você aqui.

— Você sabe? — Ally olhou para Tate surpresa.

— Sei há algum tempo. Ele também salvou a minha vida. Quando eu ainda estava a serviço, Travis me avisou para não ser voluntário para nenhuma missão para a qual não estivesse designado. Eu achei que ele era louco. Ele sabia muito pouco do que eu fazia. Ninguém sabia e ainda não sabe. Não é algo sobre o qual posso falar. Só o que posso dizer é que o aviso dele me fez hesitar quando outro piloto ficou doente e alguém precisava tomar o lugar dele. Hesitei por causa do que Travis me disse, porque eu não fora designado. E, como demorei uma fração de segundo para pensar no que Travis dissera, outra pessoa falou antes de mim e tomou o lugar do cara doente. — Ele hesitou por um momento e acrescentou solenemente: — Todo mundo naquela missão morreu, Ally. Quando ele me contou sobre o sonho com Asha, eu o levei a sério e fiquei mais do que feliz em

permanecer perto dela. Eu não duvidava de que ela estava em perigo, pois Travis sonhara com isso. — Tate pegou a mão trêmula dela. —

Lamento sobre a sua casa, Ally. Mas fico feliz por estar aqui. — Ele acariciou de leve os dedos dela. — Travis está procurando você. Ele está preocupado.

— Ele tem outra acompanhante — disse Ally com a dor evidente na voz e o mundo inteiro ainda estremecido por causa do choque.

— A mulher que o comprou é minha irmã, Chloe, que está noiva. Ela queria doar e disse que tentaria chegar aqui a tempo de dar um lance em Travis, pois não teria que passar a noite com ele. Ela não ficará muito tempo, pois odeia esse tipo de evento. Faz algum tempo que eles não se veem e ele gosta dela como uma irmã. Ela não sabe sobre você, Ally. Eu não a mencionei. Só disse a ela que Travis estava ajudando um amigo e não ficara nada feliz em tomar o lugar dele. Ela disse que, se chegasse a tempo, daria um lance muito alto. Não tive a oportunidade de dizer a ela que você provavelmente também estaria dando lances. Não é culpa dele. E ele nunca

faria isso com você. Conheço Travis desde a faculdade e ele nunca gostou de uma mulher como gosta de você. No momento, ele está frenético porque não sabe onde você está.

Lágrimas de alívio desceram pelo rosto de Ally e ela começou a chorar abertamente. Tate se aproximou e colocou os braços sobre seus ombros, confortando-a.

— Você conseguirá outra casa, Ally. Tudo ficará bem — disse ele baixinho para ela. — Eu sei que é muita coisa e que você perdeu tudo, mas são coisas que podem ser repostas. Você ainda está viva e é tudo o que importa.

— É apenas uma casa e não perdi tudo com o que me importo. Ainda tenho Travis. — Ela fungou contra o ombro dele. A casa fora um choque, como fora o fato de que talvez estivesse morta naquele momento. Quais eram as chances de um cano de esgoto se partir sob sua casa? Ela teria estado em casa, provavelmente dormindo. Era uma sensação assustadora.

Mas a única coisa que importava no momento era que Travis não a traía.

As lágrimas eram de alívio, não de tristeza.

— Não acho que você conseguiria se livrar de Travis, mesmo que tentasse — disse Tate com uma risada. — Ele está destruindo o salão procurando você.

Ally se afastou e abriu um sorriso fraco para Tate. — Vá dizer a ele que me encontrou. Vou para lá daqui a pouco. Só preciso de alguns minutos.

Estou um pouco abalada.

Tate se levantou e sorriu maliciosamente para ela. — Vou dizer a ele que tivemos um encontro no escuro.

— Eu não faria isso — advertiu Ally.

— Eu faria. Nunca vi Travis assim antes. É muito divertido — disse Tate, assoviando baixinho ao se afastar.

Ally balançou a cabeça, imaginando se Tate tinha tendências suicidas ao observá-lo andar para a casa. Naquele momento, o celular tocou novamente.



Capítulo 17



Travis estava frenético, pronto para virar o salão do avesso, quando Tate andou até ele, fazendo um sinal com o polegar em direção à porta que levava para o lado de fora. — Ela está lá fora, perto da fonte. Disse que precisa de alguns minutos.

Mas que diabos? Por que ela fora para lá? Travis franziu a testa para Tate, mas não disse nada. Ele começou a andar na direção da porta, mas não foi muito longe antes que Tate o segurasse pelo braço com um aperto de aço.

— Você precisa se acalmar, Trav. Aconteceu uma coisa ruim a ela hoje.

A casa dela foi destruída, totalmente queimada. Ela está chateada — disse Tate solenemente.

As palavras de Tate atingiram Travis como uma tonelada de tijolos. —

Aconteceu mesmo. Merda! — O corpo dele estremeceu ao perceber que o sonho fora mesmo pré-cognitivo e que Ally provavelmente estaria morta se ele não a tivesse levado para o Colorado. Não que ele teria se arriscado, mas era uma sensação assustadora e aterrorizante que causou um arrepio gelado na espinha. Ele puxou o braço e correu para a porta, com o coração batendo forte no peito.

Ela está bem. Ela está bem.

Racionalmente, ele sabia que ela estava viva. Tate acabara de vê-la.

Ainda assim, ele precisava ver o belo rosto de Ally com os próprios olhos.

E ela precisava dele. Travis conseguia sentir.

Ele a viu parada ao lado da fonte segurando o telefone e olhando para a água. Meu Deus! Ela parecia tão perdida e sozinha, tão vulnerável, com os braços em volta do corpo e o rosto com manchas escuras. Obviamente estivera chorando e a maquiagem mostrava as marcas das lágrimas. Mas ela nunca parecera tão linda só de estar ali parada, ainda viva e respirando.

Ela é minha. Sempre esteve destinada a ser minha.

Travis nunca tivera tanta certeza de alguma coisa na vida inteira. Ele não era o tipo de homem que acreditava em destino. Sempre acreditara que cada um fazia o próprio destino. Agora, não acreditava mais nisso. Não em se tratando de Ally. Só houvera ela em sua vida e ele quase a perdera.

— Ally — disse ele baixinho ao andar até ela devagar, abrindo os braços quando Ally se virou ao ouvir sua voz. Ela se jogou contra ele e Travis fechou os olhos ao prendê-la firmemente em seus braços. — Vai ficar tudo bem, querida. Vou resolver tudo. — Ele passou a mão nos cabelos dela, segurando sua cabeça contra o ombro. — Só o que importa é que você está bem. Todo o resto, incluindo a casa, pode ser reposto.

— Tate contou a você? — perguntou ela baixinho.

— Sim.

— Você sabia o que ia acontecer, não sabia? Foi por isso que quis que eu viesse com você? Não teve nada a ver com evitar o leilão. Você estava tentando me salvar.

— Eu tive o mesmo sonho todas as vezes, mas era vago demais.

Reconheci o *resort* e o salão de festas, e recebia um telefonema dizendo que você tinha... — Travis teve que forçar a palavra a sair da boca em um tom gutural ao terminar: — morrido. Eu não sabia como nem por quê. Eu não sabia quando. A única coisa que fazia sentido era que, se alguma coisa fosse acontecer, seria enquanto eu estivesse no Colorado.

— Por que não me contou? — perguntou ela confusa.

— Pelo amor de Deus, Ally. Eu nem sabia com certeza se alguma coisa aconteceria. E não podia aguentar nem mesmo pensar no assunto, muito menos falar sobre ele. Não queria assustar você sem motivo. Mas eu tinha que garantir que estivesse no Colorado comigo, mesmo se tivesse que raptá-la.

— Você não faria isso! — exclamou ela, afastando-se para olhar para ele.

— E talvez eu estivesse casada.

Travis cerrou os punhos nas costas dela. Já passara da hora de parar de enganar a si mesmo e aos outros. — Você não teria se casado com ele. Eu teria feito qualquer coisa que fosse necessária para garantir que você não se

casasse. — Ele finalmente botara para fora, admitira para si mesmo. Não importava o quanto queria pensar que teria deixado Ally ser feliz com outro homem. Simplesmente não teria acontecido. Ele a queria demais, precisava demais dela. Ele a teria jogado sobre o ombro no casamento, se necessário,

para levá-la embora. — Eu não podia esperar muito mais tempo. Teria feito tudo ao meu alcance para que fosse minha. — A convicção de que ela era dele fora forte demais para ser ignorada. Quanto mais perto chegara do casamento, mais desesperado ele se sentira. Nunca deixaria que ela disse

“Sim” para outro homem sem primeiro lutar com tudo o que tinha para tê-la para si. Talvez tivesse lutado consigo mesmo até o último momento, mas não tinha dúvidas sobre como as coisas teriam terminado. E ela não teria terminado casada com outro homem. Ele teria lutado sujo, se fosse preciso, e era perfeitamente capaz de fazer isso. — Ora, e eu achei que Sutherland era louco pelo plano que montou com a ajuda de Tate. Eu teria feito algo tão louco. Ou até pior.

— Você não me disse o que eles estavam planejando. Disse apenas que Jason iria atrás da mulher que ama — murmurou Ally.

— Acredite em mim, você não quer saber — disse Travis enfaticamente, mudando de assunto. — Diga-me o que aconteceu com a casa.

Ally explicou o que acontecera, que falara com a polícia duas vezes e que a casa fora totalmente perdida. — Não acho que a ficha cairá até que eu a veja — terminou ela em tom triste. — E precisarei encontrar um lugar para morar. Não consigo acreditar que não tenho um teto.

— Você vai morar comigo — rosnou Travis. O instinto protetor era quase doloroso.

— Agradeço por me oferecer um lugar para ficar por algum tempo, mas vou encontrar uma casa o mais depressa que puder — garantiu ela.

Mas que merda, a mulher iria deixá-lo louco. — Permanentemente, Ally.

Não precisa procurar outro lugar.

Travis observou quando ela mordeu o lábio inferior. Os olhos ainda estavam com manchas escuras. Ela ficou em silêncio por um momento, o minuto mais longo que Travis já enfrentara, antes de responder: — Não sei se posso fazer isso, Travis.

Ele explodiu. — Claro que pode. Por que não?

— Porque estou apaixonada por você — respondeu ela sem fôlego. — Eu não queria que isso acontecesse, mas amo você. Quando percebi, há pouco tempo, que, se não fosse pelo seu aviso, eu estaria morta, a única coisa em que conseguia pensar era que teria me arrependido de não ter lhe dito isso.

Portanto, preciso dizer. Mas também sei como eu me senti quando aquela morena bonita ganhou o leilão. E percebi que você queria que ela ganhasse quando a abraçou. Só o fato de ver você com outra mulher daquele jeito me

destruiu. Agora eu sei quem ela é porque Tate me explicou. Mas percebi que, para mim, em se tratando de você, tem que ser tudo ou nada. Amo você tanto que chega a doer — terminou ela com um soluço.

Travis segurou a cabeça dela com as mãos e cobriu sua boca com os lábios, beijando-a furiosamente, possuindo-a, unindo-os enquanto sentia a cabeça girar com a confissão dela. *Ela me ama*. Ele não conseguia entender aquilo, nem queria. No momento, queria marcá-la como sendo sua, dizer para ela que o que tinham nunca terminaria. Finalmente, ele afastou a boca e disse: — Acha que não sinto a mesma coisa, Ally? Não acredito que você pensou, mesmo que por um segundo, que eu a trairia. Você sabe como me sinto. Eu sei que sabe. Acha mesmo que eu a deixaria ir embora? Você vai se casar comigo e eu lhe mostrarei, todos os dias, como tenho sorte de tê-la como minha. — Ele colocou a mão no traseiro de Ally de forma possessiva, sentindo uma necessidade desesperadora de estar dentro dela. — Não sei se só o amor explica como eu me sinto. Que merda... eu amo você, mas é mais do que isso. Eu soube, há quatro anos, no minuto em que você entrou no meu escritório e olhou para mim com esses belos olhos verdes, que estava encrocado. Portanto, acabe com o meu sofrimento depois de anos de inferno. Diga que vai se casar comigo — disse ele, colocando uma das mãos dentro da calcinha dela e sentindo imediatamente os dedos molhados.

Ally gemeu suavemente e respondeu: — Mas nem conversamos ainda sobre casamento — protestou ela fracamente.

— Diga — exigiu Travis com voz rouca, precisando ouvi-la finalmente dizer que ficaria com ele para sempre. Se ela não dissesse, ele ficaria louco.

Ele estimulou o clitóris, colocando um pouco mais de pressão. — Diga agora.

— Travis. — O nome dele saiu dos lábios dela com um suspiro. — Eu amo você.

Ok... ele adorou aquilo e queria continuar ouvindo Ally dizer aquelas palavras, mas queria mais. — Diga que se casará comigo. — Com a paciência no fim, ele segurou a calcinha e arrancou-a do corpo dela, guardando o tecido rasgado rapidamente no bolso. Em seguida, empurrou-a contra a parede do prédio, em um canto escuro e escondido onde não seriam vistos.

— Travis, não podemos fazer isto aqui — protestou Ally com voz fraca.

— E sim, eu vou me casar com você. Eu amo você.

Ah... as duas coisas que ele queria ouvir de uma vez só. A adrenalina o invadiu, com o corpo e a mente em um estado de tanto êxtase que nunca mais queria que terminasse. Não havia como não penetrá-la naquele momento. Ele estimulou o clitóris com um pouco mais de força, acariciando a carne escorregadia entre as pernas dela para deixá-la ainda mais excitada enquanto liberava o pênis. — Agora, Ally. Quero colocar meu pau dentro de você, tão fundo que não conseguirá pensar em mais nada além de mim até que goze.

— Ai, sim — gemeu ela. — Trepe comigo, Travis.

Merda. Ele adorava ouvir aquelas palavras saindo dos lábios dela quando seu nome as acompanhava. Ele a segurou pelas nádegas e prendeu-a contra a parede ao levantá-la. — Passe as pernas em volta da minha cintura.

Ela obedeceu imediatamente, agarrando os cabelos dele ao dizer com voz sedutora: — Você é meu, Travis.

Travis a penetrou com uma investida rápida, reprimindo um gemido e adorando a forma como ela o aceitou. A possessividade dela aqueceu seu sangue e deixou as próprias emoções de posse ainda mais frenéticas. Não havia nada que ele quisesse mais do que fazer com que ela se sentisse segura e feroz o suficiente para reclamá-lo para si. — Diga que me ama —

exigiu ele, querendo ouvir aquelas palavras o tempo todo.

— Eu amo você. Agora, trepe comigo — ordenou ela, passando os braços em volta dos ombros dele.

Travis perdeu o controle, sem conseguir se conter. Ele a penetrou com força, repetidamente, sendo totalmente controlado pela fera sombria dentro de si.

Preciso que ela seja minha. Preciso que ela seja minha.

— Diga que ficará comigo para sempre — pediu ele ao penetrá-la mais fundo, com mais força, mais depressa.

— Sim, para sempre — respondeu ela com ferocidade quando o corpo começou a tremer e contrair-se em volta dele.

Travis sentiu o clímax dela invadindo-lhe o corpo, que se contraiu em volta do pênis. Ele apertou as nádegas dela, puxando seus quadris para cima para receber cada investida.

Naquele instante, ela o mordeu, enterrando os dentes na carne do ombro, algo que ele sabia que era para que não gritasse. Mas a sensação da marca erótica fez com que ele explodisse. Travis capturou a boca de Ally e os dois

gemeram no beijo ao estremecerem juntos. Os sons abafados de satisfação se misturaram enquanto os corpos eram saciados.

Liberando a boca de Ally para que ela pudesse respirar, Travis enterrou o rosto em seus cabelos. Ela repousou a cabeça no ombro dele enquanto os

dois recuperavam o fôlego. Ele a colocou de volta no chão, puxando a saia curta para baixo em volta das coxas e arrumando rapidamente a própria calça. Em seguida, envolveu-a novamente nos braços, mantendo-a firmemente contra o corpo.

— Meu desejo se tornou realidade — disse ele com voz rouca.

— Que desejo? — perguntou Ally curiosa, ainda ligeiramente sem fôlego.

— O que eu fiz para a estrela cadente na fonte termal na outra noite.

— Você desejou trepar comigo contra uma parede? — perguntou ela brincando. — E o meu desejo também se tornou realidade.

Bem... se ele tivesse pensado naquilo, talvez o desejo tivesse sido outro.

Fora algo incrível. Mas o que ele desejara fora algo muito mais importante.

— Não. Eu queria que você me amasse e ficasse comigo para sempre.

Ela olhou para ele com os olhos verdes cheios de lágrimas. — Esse foi o meu desejo. Eu queria muito que você me amasse.

As palavras de Ally ecoaram no coração de Travis e, ao olhar para o rosto dela, ele jurou lhe dar todo o amor que ela não tivera na vida até o momento. Ela queria tão pouco e ele queria lhe dar tanto. — Eu amo. Eu queria que você me amasse também, querida. — Ele limpou as lágrimas que escorriam pelo rosto dela, estragando ainda mais a maquiagem. Ele colocou a mão no bolso e sorriu ao tirar a calcinha rasgada primeiro. Em seguida, procurou mais no fundo do bolso e tirou a caixinha que queria dar a ela naquela noite. Ele abriu a tampa e o diamante brilhante capturou os raios da luz tênue. — Não vou perguntar de novo se você quer se casar comigo porque já disse que sim e não pode mais mudar de ideia —

resmungou ele, sem querer correr aquele risco. Ele tirou o anel da caixa, guardou-a no bolso e pegou a mão de Ally, colocando o diamante em seu dedo.

Minha.

Put a merda, ela ficou linda usando o anel, uma declaração física de que finalmente era dele.

— Travis, não sei o que dizer — murmurou ela, movendo o olhar do anel para o rosto dele. — Minha nossa, a única coisa que fiz a noite inteira foi chorar. E quase nunca choro. — Mas ela tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Nada — respondeu Travis depressa. — Não diga nada. Você já disse sim. — Ele não a deixaria recuar. Já concordara em se casar com ele e não havia mais nada a dizer. — Só me beije — sugeriu ele, torcendo para que ela não chorasse de novo. — Não quero mais ver você triste — admitiu ele com voz abalada.

Ally acariciou o rosto dele e colocou a mão em sua nuca para lhe dar o beijo mais doce. Ele o saboreou, saboreou um abraço cheio de ternura e amor, uma ligação que ia muito além da paixão. Ela se afastou lentamente e sussurrou: — Não estou triste. Só abalada.

— Eu sei. Sua casa...

— Não por causa da casa — interrompeu ela, abrindo um sorriso leve. —

Estou abalada por você, por nós. Nunca me senti tão feliz e isto é quase assustador.

— Então, acostume-se a ficar assustada, pois pretendo mantê-la feliz todo santo dia — respondeu ele com um sorriso malicioso e sabendo exatamente como ela se sentia. Para um homem que vivera em isolamento e escuridão por tanto tempo, estar tão feliz era aterrorizante, mas ele correria o risco. — Você acabará se acostumando.

Ally abriu um sorriso trêmulo, passando as mãos pelo rosto. — Preciso me limpar, estou uma bagunça. E estou curiosa para ver quem ficou com Tate para passar a noite.

Travis não estava curioso, mas sorriu ao torcer para que o outro homem tivesse ficado com a mulher mais irritante do evento de caridade. Seria bem

feito pela forma como Tate o torturara sobre Ally.

Ele colocou o braço em volta dela e conduziu-a até o banheiro feminino, esperando do lado de fora depois de entrar rapidamente no banheiro masculino para se limpar. Ele encostou o ombro na parede para observar a multidão. O baile estava a pleno vapor e parecia que o leilão já terminara.

Ele percorreu a pista de dança com os olhos, procurando Tate, mas não o viu em lugar algum.

— Acho que não vou conseguir ficar melhor do que isso sem reaplicar maquiagem — disse Ally em voz baixa e ansiosa atrás dele.

Travis se virou e olhou para ela. — Você está deslumbrante. — Ela era a mulher mais linda que ele já vira.

Ally revirou os olhos para ele. — Pareço uma mulher que chorou a noite inteira. Meus olhos estão inchados, a maquiagem saiu toda e meu nariz está vermelho. Não estou nada atraente.

Travis discordou. Ele olhou para o anel no dedo de Ally e novamente para o rosto dela, achando que ela estava incrível. — Você parece minha —

disse ele simplesmente, achando que era aquilo que a deixava mais atraente.

Ela parecia um milagre. — Dance comigo — pediu ele, estendendo a mão para pegar a dela.

Ela colocou a mão na dele com um sorriso, aproximando-se para sussurrar: — Não se esqueça de que minha bunda está nua. Um bárbaro arrancou minha calcinha e duvido que ela esteja em condições de ser usada.

Não estava, pois Travis a rasgara. Ele conferiu a saia dela para garantir que estivesse com o traseiro coberto. — Pelo amor de Deus, não se incline para a frente — disse ele, puxando-a para uma área mais escondida da pista de dança. Ele estava dividido entre o desejo de segurá-la nos braços e a necessidade territorial de garantir que ela não ficasse exposta. Ao puxá-la

para seus braços, ele resolveu o problema colocando uma das mãos no traseiro dela, em vez de nas costas, garantindo que a saia não levantasse.

— As pessoas estão olhando — disse Ally em tom divertido ao seguir os passos dele com perfeição.

— Não me importo nem um pouco — respondeu ele, surpreso consigo mesmo por realmente não se importar. Era uma ocasião formal e talvez não fosse apropriado segurá-la daquele jeito, mas era uma sensação agradável.

— Se não gostam, não precisam olhar.

— Travis Harrison, está realmente disposto a fazer algo ligeiramente escandaloso? — brincou Ally.

Ele olhou nos olhos verdes dela com expressão intensa. — Não há nada que eu não faria em se tratando de você — disse ele com voz rouca, falando absolutamente sério. — Diga de novo que me ama — pediu ele insistentemente. Ele sabia que soava ridículo, mas também não se importou.

— Eu amo você — respondeu ela imediatamente.

Travis sentiu o pênis enrijecer só com o tom terno e sedutor das palavras dela. Incapaz de se conter, ele parou de dançar e beijou-a, tentando dizer a ela, sem usar uma palavra, o quanto aquele amor era importante. Ally o amava exatamente como ele era, escroto e tudo o mais. Ela não se importava com o dinheiro dele, com os sonhos pré-cognitivos assustadores nem com o comportamento nada adequado algumas vezes. Ela só se importava... com ele.

Câmeras explodiram e Travis sabia que veria a própria fotografia nas páginas dos jornais no dia seguinte beijando a noiva na pista de dança de um evento de caridade. E ele gostou da ideia. Esperara Ally durante anos e queria que todos os homens no mundo soubessem que agora ela pertencia a ele. Na verdade, ele procuraria feliz a fotografia porque queria emoldurá-la.



Capítulo 18



Uma semana depois, Ally observou o rosto de Travis enquanto ele explicava dolorosamente à família a verdade sobre os sonhos pré-cognitivos, sabendo como era difícil. Ela sentiu o coração apertado ao sentar no braço da cadeira dele na sala de estar. A família dele ouvia atentamente, como se também conseguissem sentir como era difícil para ele.

Max e Mia estavam sentados em um sofá, Kade e Asha em outro. Todos ficaram completamente em silêncio por alguns momentos depois que Travis parou de falar.

— Eu sabia — disse Kade finalmente com voz baixa e incomumente triste.
— Eu não sabia que você tinha sonhos e não conseguia entender tudo, mas sabia que tudo o que aconteceu foi mais do que coincidência.

Você estava lá praticamente todas as vezes em que precisamos. Por que diabos não me contou toda a verdade? É um fardo muito pesado para carregar sozinho, Trav.

— Eu não podia contar a vocês — respondeu Travis com voz torturada, esfregando as mãos no rosto. — Você e Mia eram tudo o que eu tinha e nosso pai estava louco. Eu não queria que ninguém achasse que era tão louco quanto ele. Só queria que fôssemos normais de novo. — Ele parou por um minuto e acrescentou: — Não sonhei com o seu acidente, Kade.

Desculpe.

Kade se levantou com uma expressão sombria no rosto. Ele andou até a cadeira de Travis e disse em tom autoritário: — Levante-se.

Ally fez uma careta, torcendo para não se arrepender de ter convencido Travis a contar tudo à família. Fora ideia dela. Ela amava Travis tanto e queria que ele diminuísse a distância que havia com os irmãos. Ally sabia

que eles o amavam tanto quanto ele os amava. No entanto, ele nunca se expressara bem por causa do isolamento. E, naquele momento, Travis precisava ser reconfortado. Ela só queria que ele fosse feliz, que percebesse como era especial, e estava contando com a ajuda dos irmãos dele.

Ela viu Travis se levantar lentamente, olhando para o rosto sombrio do irmão gêmeo com expressão incerta. Kade demorou menos de um segundo para envolver o irmão mais velho no abraço mais apertado que Ally já vira.

— Eu amo você, seu idiota — disse Kade ferozmente, abraçando Travis com força. — E você nunca poderia ser como o nosso pai. Você é a cola que manteve esta família unida todas as vezes em que precisamos. Não me importo nem um pouco se não pôde me contar sobre o acidente. Eu não estaria com a mulher que amo mais do que a vida se ele não tivesse acontecido. Algumas vezes, a dor que sentimos vale a pena.

Ally observou, com lágrimas escorrendo pelo rosto, quando Travis respondeu lentamente. Ela viu o corpo enorme estremecer ao retribuir o abraço de Kade. Não era preciso dizer a Ally que aquela era a primeira vez que Kade se sentira livre para realmente expressar o quanto se importava com Travis, pois o irmão sempre mantivera todos à distância.

— Eu também amo você, mano — respondeu Travis baixinho, batendo nas costas de Kade quando eles se separaram.

O coração de Ally ficou apertado quando ela viu um sorriso feliz no rosto de Kade. Mia se aproximou logo atrás e jogou-se nos braços de Travis com o rosto molhado de lágrimas. — Eu sinto tanto, Travis. Portudo. Se não tivesse me metido em encrencas, você e Kade não teriam ficado tão distantes um do outro enquanto eu estava escondida em Montana. Max e Kade tinham um ao outro. Você não tinha ninguém — ela soluçou, agarrando-se com força ao irmão.

— Eu tinha, Mia — disse Travis baixinho, segurando e balançando de leve a irmã. — Eu tinha você. Pelo menos, sabia que estava viva. Eu não tive que lidar com o inferno pelo qual fiz Kade e Max passarem porque achavam que você estava morta.

— Eu teria morrido se você não tivesse me escondido, mantendo-me quieta — respondeu Mia, finalmente afastando-se e beijando o rosto de Travis. — Max, Kade e eu estaríamos todos mortos. Você já sabe que eu o amo, mas não acho que algum dia saberá o quanto. Fui quem mais lhe causou problemas, mas sei que se importa comigo. — Mia limpou as lágrimas ao recuar um passo, encarando o irmão.

— Eu amo você, Mia. Sempre amei. E sou seu irmão mais velho. É

minha função manter você fora de encrencas — disse Travis em tom quase arrogante, mas ele estava sorrindo.

Asha foi a próxima a beijar e abraçar Travis. Em seguida, Max se aproximou e apertou a mão de Travis, batendo nas costas dele em um abraço breve. Recuando um passo, Max disse com remorso: — Eu devo um pedido de desculpas a você, Travis. Eu me odeio por isso, mas sinto um ressentimento por você desde que descobri que escondeu Mia de mim.

Max voltou até o sofá para se sentar ao lado de Mia e Travis se sentou novamente. Ally estendeu a mão e Travis a segurou, levando a palma até os lábios e beijando-a com ternura. Em seguida, as mãos unidas repousaram sobre o braço da cadeira.

— Eu sei disso, Max. E sabia que, até hoje, você ainda tinha ressentimento. Mas nunca culpei você — respondeu Travis com sinceridade.

— Não sinto mais, Travis. Estou muito grato e não sei como dizer obrigado por salvar cada um de nós — disse Max pensativo.

— Não acredito que vocês acabaram de aceitar isto, que acreditam em mim — disse Travis baixinho.

Ally apertou a mão dele, sabendo que a aceitação incondicional da família significava tudo para Travis.

— Por que não acreditaríamos? — perguntou Asha curiosa. — Quando Tate me salvou, ele me disse que você lhe enviou uma mensagem de texto.

Como sabia que eu precisava dele?

— Eu tive um sonho vago uma noite antes — admitiu Travis. — E não estava me sentindo muito bem com a situação toda. — Ele deu de ombros.

— Acontece assim de vez em quando.

— Você tem um dom incrível, Travis. Acho que há muitas coisas espirituais que não entendemos, mas isso não significa que elas não existem

— murmurou Asha. — Você não tem noção da minha gratidão por ter enviado aquela mensagem a Tate naquele dia. Eu não teria sobrevivido nem mesmo alguns minutos a mais sem a ajuda dele.

Ally quis abraçar a amiga por reconfortar Travis, por tentar deixá-lo mais confortável consigo mesmo. — Ele também salvou Tate.

Mia se inclinou para a frente com uma expressão maravilhada no rosto.

— Conte.

— Ele contou a você? — perguntou Travis, olhando para ela com a testa franzida.

— Contou. Quando minha casa foi destruída, ele me contou sua história, pois eu lhe disse que achava que você sabia o que aconteceria.

Ally rapidamente explicou ao restante da família o que acontecera com Tate. Travis já lhes contara sobre os sonhos recorrentes com Ally e por que a levava para o Colorado.

— Puta merda, Trav. Isso é incrível — exclamou Kade, olhando para Travis.

— É peculiar. Assim como eu — resmungou Travis desconfortável, mas não muito enfático.

Ally suspirou, sabendo que levaria tempo para que Travis aceitasse completamente quem ele era, mas contar à família fora um passo importante.

— Você tem um dom — argumentou Asha.

— Muito especial — disse Mia, assentindo.

— Eu nunca quis ter um dom nem ser especial — retrucou Travis. —

Depois da nossa infância difícil e do nosso pai louco, eu só queria ser normal.

— Você nunca foi normal — disse Kade com um sorriso. — Sempre foi um escroto. E o que aconteceu com o irmão que me disse que nunca encontrara uma mulher por quem valia a pena perder o senso comum? Você viu sua fotografia nos jornais agarrando a bunda de Ally e beijando-a como se tivesse perdido o juízo em um baile formal?

— Sim. Eu a emoldurei e coloquei sobre minha mesa no escritório —

admitiu ele. — Entrei para o clube dos homens malucos. Na verdade, é bem capaz de eu ter me tornado o maldito presidente dele.

— Ainda quer se livrar daquela mesa? — perguntou Kade rindo.

— Claro que não. Não quero mais. É a minha mobília favorita no prédio inteiro — respondeu ele.

Ally corou, sabendo exatamente por que Travis odiava aquela mesa. Mas eles tiveram mais algumas aventuras no escritório, sobre aquela superfície de madeira em particular, e agora ele jurara que a manteria para sempre, apesar de às vezes se distrair por causa dela. Mas Ally sabia que ele xingaria a mesa novamente se ela não estivesse por perto.

Os homens conversaram mais um pouco, com as mulheres fazendo alguns comentários.

Ally olhou para Travis, finalmente respirando aliviada. Aquele dia fora muito difícil para ele e ela sabia que, na realidade, Travis não quisera lidar com isso. Mas ela tinha fé suficiente na família dele para saber que sempre o aceitariam de forma incondicional. E ela queria que ele soubesse disso, que acreditasse nisso. Portanto, ela o incentivara, torcendo para que nada desse errado. Algum dia, ele se sentiria mais confortável com os traços especiais e exclusivos que tinha, mas vivera com aquele dom sozinho por tanto tempo que isso não aconteceria da noite para o dia.

Ela ficara na casa dele desde que tinham voltado do Colorado. E, apesar de a casa ser imensa e ter uma segurança incrível, não era ostensiva.

Obviamente, ela deveria ter sabido que não seria, pois não era o estilo de Travis.

Ele fora até a casa destruída com ela, mas quase nada pudera ser recuperado. Estranhamente, ela não estava triste. Houvera alguns itens pessoais que ela gostaria de ter, mas era quase como se não tivesse começado a viver até se apaixonar por Travis. E parecia que tudo que acontecera em sua vida levava àquilo... a ele. Travis fazia com que se sentisse amada, completa e perfeita. Ela duvidava que deixariam de brigar de vez em quando, mas era quase como se fossem preliminares. Além disso, Travis não era o tipo de homem que precisava de uma esposa que não o desafiasse. E ela adorava a personalidade protetora de macho alfa. Fazia com que se sentisse segura e não havia um dia sequer em que não se sentia amada, mesmo quando ele estava furioso com ela por algum motivo.

— E quando será o casamento? — perguntou Asha, olhando animada para Ally.

— Logo — respondeu Travis irritado.

— No ano que vem — respondeu Ally ao mesmo tempo.

Eles se entreolharam e fizeram uma careta.

Travis passou o braço em volta da cintura dela e puxou-a para o colo. —

Não vou esperar até o ano que vem — informou ele teimosamente. A voz tinha um tom de advertência.

— Ainda não definimos a data — disse ela a Asha com uma piscadela.

— Mas claro que não será só no ano que vem — retrucou Travis obstinadamente.

Kade olhou para Max. — Devemos começar a apostar em quem vencerá essa discussão?

— Não — respondeu Max com um sorriso. — Não daria certo. Nós dois apostaríamos em Travis.

Asha, Kade, Max e Mia riram quando se levantaram para ir embora.

— Acho que deixaremos que vocês dois resolvam isso sozinhos — disse Kade, batendo nas costas de Travis ao passar por ele.

Ally tentou se levantar do colo de Travis para acompanhar o grupo até a porta, mas ele a segurou firmemente por mais um minuto, sussurrando em seu ouvido: — Não vamos esperar tanto tempo, mesmo que seja preciso usar a minha gravata.

Ally estremeceu ao pensar na gravata, sabendo que, quando Travis queria alguma, sempre a conseguia. Quando Travis queria ser realmente safado, sabia exatamente o que fazer. — Vamos discutir o assunto depois — disse ela firmemente ao se levantar.

— Não por muito tempo — retrucou Travis com um sorriso alegre no rosto.

Ally sorriu de volta, mais do que disposta a bater boca com ele, pois isso sempre terminava no sexo mais delicioso.

Finalmente, Travis fechou a porta depois que a família partiu e encarou-a com um olhar de alívio.

— Foi tão difícil assim? — perguntou Ally suavemente, sabendo que fora e imaginando se ele gostaria de conversar sobre o assunto.

— Você tinha razão, eu precisava fazer isso — respondeu ele com a voz rouca de emoção. Ele a puxou para perto, passando os braços firmemente em volta dela e enterrando o rosto em seus cabelos. — Obrigado por me devolver minha família, Ally. — A voz dele estava repleta de emoção.

Ally tentou engolir o nó que se formou na garganta quando Travis a abraçou firmemente, com o corpo tremendo. Ela acariciou os cabelos dele, passando o outro braço em volta de seu pescoço, sabendo o quanto aquilo tudo significava para ele. Travis estivera sozinho por muito tempo, tendo uma família, mas sem estar realmente ligado a ela desde a morte dos pais.

Ally ficara muito grata por todos os familiares de Travis terem tentado convencê-lo de que a morte dos pais não fora culpa dele. — Eu amo você

— disse ela gentilmente, continuando a acariciar os cabelos dele para confortá-lo.

— Eu amo tanto você que acho que isso vai me matar — disse Travis com voz abafada, sem afrouxar o abraço. — Você precisa se casar comigo logo — acrescentou ele com voz mais exigente.

— Conversamos sobre o assunto — disse Ally, sabendo que cederia. Ela se sentia do mesmo jeito que Travis e não queria esperar.

Travis ergueu a cabeça e encarou-a com expressão intensa. — Claro que não — resmungou ele.

Em seguida, ele a beijou e Ally soube exatamente quem ganharia aquela discussão. Ela foi arrebatada pela mesma paixão ardente que ele sentia e os dois ficaram completamente perdidos um no outro.



Epílogo



Dois meses depois

Ally sabia que Travis estava a caminho e sussurrou a contagem regressiva usual.

— Cinco...

— Quatro...

— Três...

— Dois...

— Um...

Ela suspirou ao ver o marido bonito entrar pela porta do escritório, vestindo um dos ternos escuros favoritos dela. Ele abriu o belo sorriso malicioso que sempre fazia com que o coração dela começasse a pular alucinadamente dentro do peito.

— Bom dia, minha linda — disse ele, percorrendo-a com os olhos de forma possessiva.

— Bom dia, sr. Harrison — respondeu ela em tom brincalhão. — Deixe-me pegar um café para você. — Ally estava sempre disposta a pegar café para ele quando a cumprimentava daquela forma, o que Travis não deixara de fazer diariamente desde que voltaram do Colorado.

Na maioria dos dias, eles iam para o trabalho juntos, mas Travis tivera uma reunião muito cedo pela manhã e Ally fora sozinha em seu novo veículo.

Travis lhe dera uma Ferrari F12 como presente de casamento, uma surpresa da qual ela ainda não se recuperara totalmente, apesar de terem se casado um mês antes em uma cerimônia íntima na casa dele. Apesar de a cerimônia ter sido pequena, fora o evento mais lindo da vida de Ally, o dia em que ela se uniu ao homem que sabia que amaria para sempre. Asha,

Mia, Maddie e Kara tinham ajudado a planejá-lo rapidamente e todos os familiares e amigos mais íntimos compareceram à cerimônia e à recepção, que foram tudo o que Ally sempre quisera e sonhara. Obviamente, Travis precisara ter tudo do bom e do melhor no casamento e deixara-a chocada mais tarde com a F12 nova.

Ally tinha certeza de que ele ainda ficava nervoso com a ideia de deixá-la dirigir um carro veloz e enviara duas mensagens para garantir que ela chegara ao trabalho em segurança, lembrando-a de não correr demais. Se fosse sincera, ela não conseguira resistir e usara um pouco da potência incrível do veículo, mas de forma razoável, pois ainda se sentia insegura em dirigir um carro tão caro.

Travis a levava à pista de corrida particular dele, mas Ally ainda não o vira usar as habilidades incríveis que sabia que ele podia exibir quando ela estava no carro. Ela brincara, dizendo que ele parecia um velho dirigindo alguns dos carros mais velozes, mas ele apenas resmungou que não arriscaria a vida dela com velocidades suicidas. Mas Ally adorava a sensação inebriante da velocidade quando Travis corria na pista, mesmo sabendo que ele dirigia muito mais depressa quando ela não estava junto.

Ally pegou duas xícaras de café e levou-as para o escritório dele para que pudessem ter a discussão matinal normal sobre negócios. Ela olhou para ele, que tinha uma expressão pensativa. — Você está bem? — perguntou Ally preocupada. Ele parecera muito alegre alguns minutos antes.

— Tenho uma coisa para você — disse ele lentamente, acrescentando com voz baixa e séria: — Por favor, não fique brava.

Ally ergueu a sobrancelha, imaginando se ele se referia a um dos sermões dela sobre comprar coisas de que ela não precisava. Depois que a casa fora destruída, Travis comprara coisas sem parar para ela, mesmo sabendo que,

depois de algum tempo, Ally receberia o dinheiro do seguro para comprar novamente as coisas de que realmente precisava. E ele ainda não parara.

Muitas das coisas que comprava eram exageradas.

— Provavelmente não vou ficar brava — disse Ally pacientemente, apesar de sempre deixar uma margem caso ele exagerasse demais.

— Talvez fique — avisou Travis, entregando um envelope a ela. — Isto é para você.

Um pouco alarmada com a expressão séria no rosto dele, ela se aproximou e pegou a carta, olhando para o endereço do remetente e reconhecendo o nome imediatamente. — Por que eu receberia alguma coisa

deles? — perguntou ela baixinho, sentindo-se perplexa. Ela abriu o envelope, pegou os óculos de leitura que estavam sobre a cabeça e colocou-os.

Ao começar a ler a carta, seus joelhos cederam e ela teve que se sentar para ler o restante. — Ai, meu Deus. Isto não é real. É um trote. — Era uma notificação de que o primeiro livro da série de fantasia para jovens adultos ganhara um dos prêmios mais importantes de manuscritos não publicados.

— Eu nem enviei os livros.

— Eu enviei. — A voz de Travis estava baixa e ansiosa. — Mas foi mérito completamente seu, Ally. Nenhum dos juízes sabe a quem pertence o manuscrito e juro que não interferi. Só enviei. O que diz a carta?

O olhar atônito de Ally voou para o rosto dele. — Diz que fiquei em primeiro lugar, foi o livro do ano para um manuscrito não publicado. — As mãos dela tremiam quando ela se levantou e entregou a carta a Travis, observando enquanto ele lia a breve notificação.

Ele abriu um sorriso para ela. — Eu sabia que você ganharia.

Se Travis dissesse que não interferira e que ela ganhara pelos próprios méritos, Ally sabia que era verdade. Se havia uma coisa que Travis nunca

fazia era mentir descaradamente. Ele podia ter evitado a verdade no passado, mas nunca mentiria a ela sobre algo como aquilo. — Você o enviou por mim? — perguntou ela com a voz embargada. Só o fato de Travis ter pensado em fazer algo como aquilo era incrível. Ally sabia que ele tinha fé nela, mas aquilo era inacreditável.

— Você está brava? — Ele soou nervoso. — Eu sei que deveria ter perguntado primeiro, mas não achei que você o enviaria. E eu sabia que você ia vencer.

— Eu provavelmente não teria enviado — admitiu Ally, sabendo que ela crescera muito emocionalmente desde que terminara o relacionamento com Rick. Ainda assim, enviar o manuscrito para concorrer a um prêmio tão prestigiado teria sido assustador. E, sinceramente, ela provavelmente nem teria pensado em fazer isso.

— Eu queria que você tivesse uma prova oficial de que seu trabalho é fantástico, de pessoas que não seriam parciais. Pessoas que não fossem eu.

Ally se levantou e deu a volta na mesa, jogando os braços em volta do pescoço dele. Ele a agarrou imediatamente, puxando-a para o colo.

— Não estou brava — disse ela com os olhos cheios de lágrimas, ainda espantada com a força e a atenção do homem com quem se casara.

— Só quero que você seja feliz, Ally. Eu sei que você disse que ainda queria ficar aqui e trabalhar comigo, mas quero que faça o que tiver vontade, que busque seus sonhos. Você pode terminar o MBA ou escrever mais livros premiados, agora que todas as editoras desejam publicá-los.

Não importa o que seja necessário para fazê-la feliz. Eu farei — disse Travis em tom feroz, apertando os braços em volta da cintura dela. —

Desde que seja sempre minha.

— Já sou absurdamente feliz, Travis, porque você me ama. — Ela tirou um cacho rebelde de cabelos da testa dele. — E não quero mais voltar para a faculdade para fazer o MBA. Acho que eu estava estudando administração

porque era algo seguro e normal. Quero escrever, quero estar com você e fazê-lo feliz. São os únicos dois sonhos que tenho. E, algum dia, eu gostaria de ter um filho.

— Querida, já sou feliz. E estou mais do que disposto a me esforçar bastante para ajudar nesse seu sonho de ter um filho — disse ele entusiasmado.

Ally sorriu, sabendo que, se ele se esforçasse mais ainda naquele sentido, ela ficaria exausta. Travis já era insaciável. E ela adorava o emprego na Harrison, agora que o marido não era mais o chefe bilionário do inferno. —

Eu gostaria de ficar, a não ser que você queira outra assistente. Posso escrever à noite e nos fins de semana quando você estiver ocupado. E você prometeu que me levaria para todos os lugares. Posso escrever em qualquer lugar.

— Graças a Deus — respondeu Travis, apoiando aliviado a testa no ombro dela. — Duvido que eu consiga encontrar mais alguém que me agunte. E eu não sei como conseguiria passar o dia inteiro sem você aqui.

Preciso de você, Ally.

O coração de Ally ficou apertado, sabendo que ele queria dizer que precisava dela em vários sentidos, não apenas como assistente. E ela também precisava dele. Talvez, à medida que os dois se acostumassem com o relacionamento intenso que os deixava com uma sensação de vulnerabilidade, comessem a se sentir de forma diferente. Mas, no momento, Ally estava exatamente onde queria estar.

— Eu nunca conseguiria outro emprego com benefícios secundários tão incríveis — disse Ally em tom de brincadeira. — E seria triste se você comesse a odiar a mesa novamente. — Ela estendeu a mão, passando-a sobre a madeira polida.

Travis rosnou e levantou-se, colocando-a sobre a mesa. — Acho que preciso relembrar o quanto eu adoro esta mesa. — A expressão dele era maliciosa ao começar a desabotoar a blusa de Ally.

— Sr. Harrison, você tem uma reunião daqui a pouco — lembrou Ally em tom sério.

— Eles podem esperar. Sou o chefe aqui — retrucou ele.

Ally estendeu a mão e começou a abrir a camisa dele, sentindo necessidade de tocar na pele quente. — Preciso tocar em você — murmurou ela com o coração tão cheio de amor que ela teve receio de que explodisse.

— Puta merda. Então é capaz de eu chegar na reunião a tempo — disse ele.
— Você sabe o que acontece quando faz isso.

— Então me beije — pediu ela docemente.

Travis a encarou com os olhos escuros e cheios de emoção. — Eu amo você, Ally.

O coração dela deu um salto quando ela viu a intensidade nos olhos dele e respondeu: — Eu amo você. — Ela passou os braços em volta do pescoço de Travis, abandonando os botões para mergulhar no abraço apaixonado dele.

Ele ainda chegou atrasado na reunião. Entretanto, quando finalmente chegou, ele chocou os funcionários ao entrar na sala de conferência com um sorriso enorme no rosto. No meio da reunião, o celular de Travis tocou uma música alegre muito alta. Todos os rostos em volta da mesa ficaram atônitos quando, em vez de ficar irritado por Ally ter mudado o toque do telefone...

Travis Harrison soltou uma gargalhada.

~ Fim ~



Biografia



J.S. Scott “Jan” é autora de romances eróticos best-sellers do New York Times, do Wall Street Journal e do USA Today. Ela é também leitora ávida de todos os tipos de livros e literatura. Ao escrever sobre o que ama ler, J.S.

Scott cria romances contemporâneos quentes e romances paranormais. Eles são geralmente centrados em um macho alfa e têm sempre um final feliz, já que ela simplesmente não consegue escrever de outra forma! Ela mora nas belas Montanhas Rochosas com o marido e os dois pastores alemães mimados.

Jan adora entrar em contato com os leitores. Você pode visitá-la em:

[Acesse: http://www.authorjsscott.com](http://www.authorjsscott.com)

[Facebook Oficial: http://www.facebook.com/authorjsscott](http://www.facebook.com/authorjsscott)

Facebook Oficial no Brasil: <https://www.facebook.com/J.S.ScottBrasil>

[Instagram: http://www.instagram.com/j.s.scottbrasil](http://www.instagram.com/j.s.scottbrasil)

[Você também pode tuitar: @AuthorJSScott](#)

Para receber notícias sobre lançamentos, vendas e sorteios, assine o boletim informativo em <http://eepurl.com/KhsSD>

Livros em português de J.S. Scott

Série A Obsessão do Bilionário:

A Obsessão do Bilionário: A Coleção Completa (Simon) O Coração do Bilionário (Sam)

A Salvação do Bilionário (Max)

O Jogo do Bilionário (Kade)

A Perdição do Bilionário (Travis)

Procure a história de Jason, em breve.

Série Um romance dos Irmãos Walker:

Liberte-se! (Trace)

O Playboy! (Sebastian)

Série Os Sinclair:

Um bilionário raro (Dante)

O bilionário proibido (Jared)

Procure a história de Evan, em breve ~

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Epílogo](#)

[Biografía](#)

[*OceanofPDF.com*](#)

Document Outline

- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Epílogo](#)
- [Biografía](#)

[OceanofPDF.com](#)